

VISGO DA TERRA

||| ASTRID CABRAL |||

A ligação de Astrid Cabral como mundo amazônico, seus elementos, não é interior, de alguém que se sinta parte dele, como se observa em Elson Farias. É uma relação exterior, de uma observadora sensível, que vislumbra à distância esse universo. Contempla essa realidade com os olhos da memória. Sua preocupação com a terra, a presença da água, do rio como símbolo da profundidade, aliada a uma aguda percepção da existência, são reveladoras de um telurismo com ressonâncias intimistas, permeado por uma forte carga subjetiva e intensa densidade poética.

É perceptível na poesia de Astrid Cabral uma tênue atmosfera de solidão. Seu diálogo com a existência é mais subjetivo, ressonâncias de reminiscências dispersas na memória, ecoando através dos olhos da consciência. Essa tentativa de rearticulação do tempo ultrapassado, evocação da memória, aliada a uma dicção mais intimista, constitui-se no traço determinante de sua poética.

O pórtico de *Visgo da terra* é a chave para entendermos suas apreensões, sua busca. O entendimento do que está enunciado nesses três versos é a pista para o desvelamento de sua mensagem, presentificação das lembranças aprisionadas no passado, para que o imemorável se manifeste e assim possamos ouvir a voz solitária do tempo. Analisemos o terceto:

*Futuro em lua minguante
minero as luas cheias.
do outrora.*

A lua minguante tem, em nosso universo cultural, um sentido negativo, enquanto a lua cheia tem uma conotação de plenitude, expressão da vitalidade. O que se depreende dessa enunciação é o temor do futuro e um certo saudosismo. Fica evidente que a poetisa encara o futuro com pessimismo e, diante das incertezas do desconhecido, volta-se, como diz, para as luas cheias do outrora.

A vida, o amanhã são incertos e ensejam muitos riscos e desafios, dos quais nossa poetisa voluntariamente intenta fugir. É mais seguro minerar, revolver as camadas do passado; não há o risco do imprevisto, da surpresa, é uma matéria estática, diferente da fluidez do presente e das nuances da obscuridade do futuro. De fato a contemplação do mundo, como dizia Platão, não deixa de ser uma experiência decisiva e amedrontadora para o ser humano. Mas é um desafio do qual não podemos fugir, dele dependem nossas esperanças, nossos sonhos.

E Astrid oferece-nos as imagens, os fragmentos de um tempo, menos racional e espontâneo, de que necessitamos para uma rearticulação do presente. Localiza esse tempo na infância, na adolescência, onde tudo é e nada carece de explicações, o que se pode apreender no poema "Busca":

*Minha infância é hoje
aquele peixe de prata
que me escorregou da mão
como se fosse sabão.*

*Mergulho no antigo rio
atrás do peixe vadio
— Quem viu? Quem viu?*

STUBÃO DE MANAUS
76337

Livros raros e esgotados
Compra e Venda

Rua Joaquim Sarmiento, 201 - Centro
Fone: (92) 3082-7262 / 9621-9357

C O L E C Ç Ã O

RESGATE

COORDENAÇÃO: TENÓRIO TELLES



Governador do Estado do Amazonas
Eduardo Braga

Vice-Governador
Omar Aziz

Secretário de Estado da Cultura
Robério dos Santos Pereira Braga

Secretária-Executiva
Delzinda Barcelos

Coordenador de Edições
Antonio Auzier

CO-EDIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Reitor
Hidembergue Ordozgoith da Frota

Editor
Renan Freitas Pinto

UNINORTE

Presidente
Waldery Areosa

Reitora
Maria Ercília Tribuzy

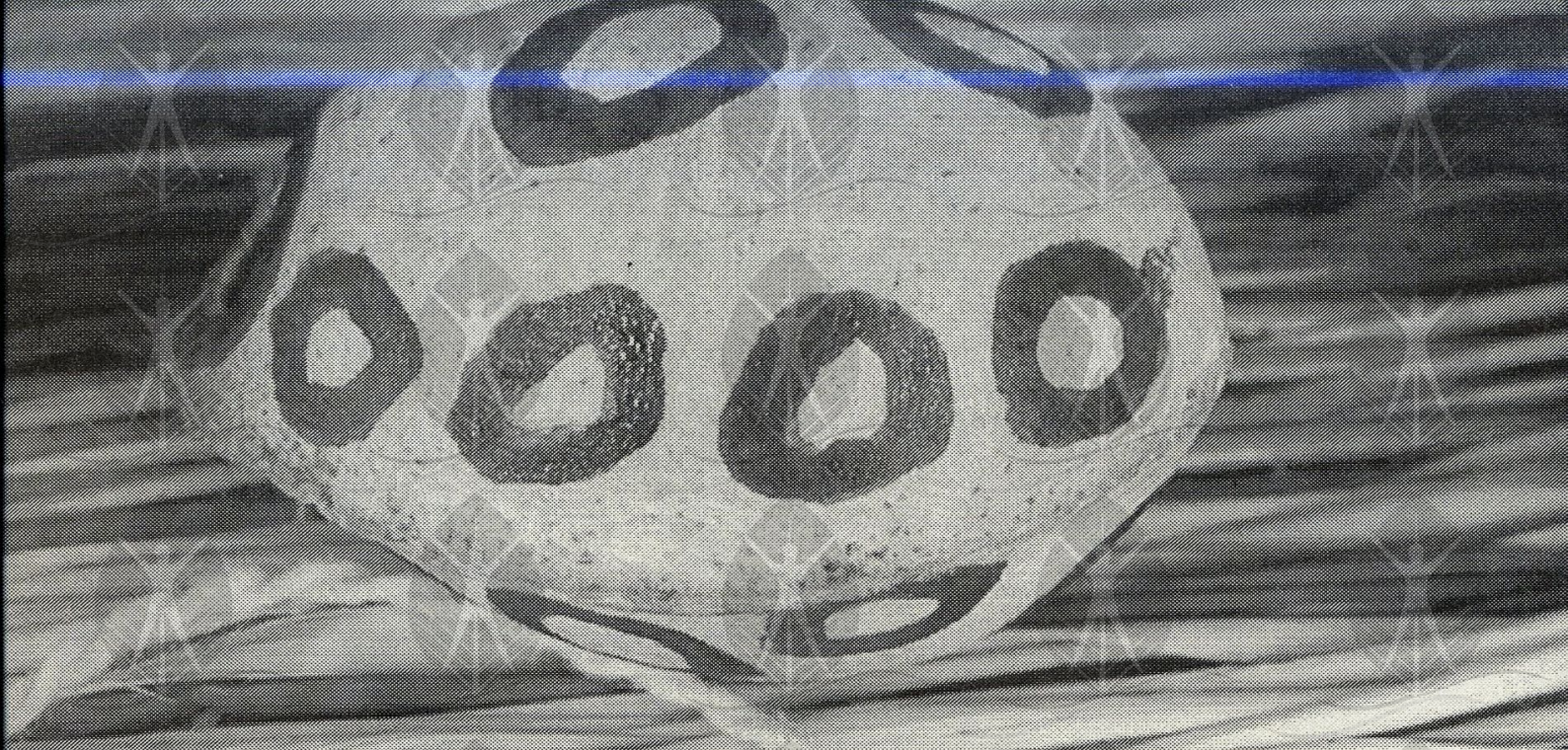
Esta obra foi realizada em co-edição pela Editora Valer,
Governador do Estado do Amazonas, Edua
e UniNorte, com o patrocínio da Fundação Rede
Amazônica e Rymo da Amazônia.


EDUA


UniNorte
Centro Universitário do Norte


FUNDAÇÃO
REDE AMAZÔNICA


Rymo
RYMO DA AMAZÔNIA



VISGO DA TERRA

3ª edição revista pela autora

||| ASTRID CABRAL |||

Valer
EDITORA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

EDUA

Copyright © Astrid Cabral, 2005

Editor | Isaac Maciel

Coordenação Editorial | Tenório Telles

Projeto Gráfico | Lo-Ammi Santos e Wilson Prata

Revisão | Marcos Sena
Sergio Luiz Pereira

Fotos da capa e do miolo | Paulo Pereira
Edimar Barros
Sérgio Fonseca
Wilson Prata

Ficha Catalográfica | Ycaro Verçosa

C117v Cabral, Astrid.

Visgo da Terra. / Astrid Cabral. Organização: Tenório Telles. 3ª
edição. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas / Edua
/ UniNorte, 2005.
128 p.

ISBN 85-7512-167-7

1. Literatura brasileira (Amazonas) – poesia I. Título.

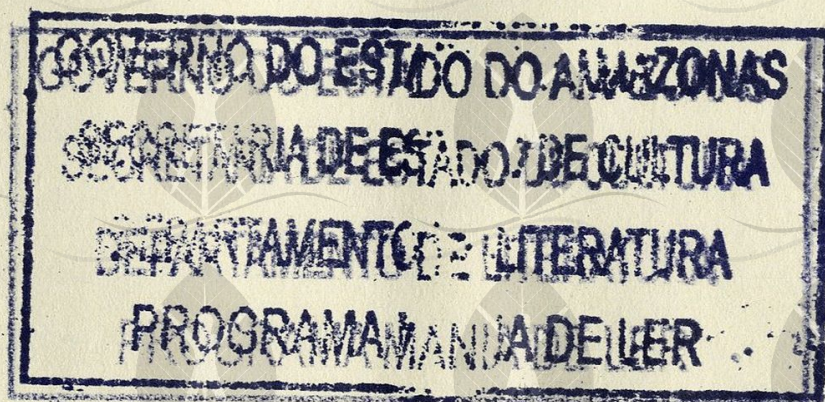
CDU 82-1 (811.3)

Editora Valer
Rua Ramos Ferreira, 1195
69010-120, Manaus-AM
Fone: (0xx92) 633-6565
E-mail: editora@valer.com.br
www.valer.com.br

Editora da Universidade Federal do
Amazonas
Rua Monsenhor Coutinho, 724 – Centro
69010-110, Manaus-AM
Telefax: (0xx92) 231-1139
E-mail: edua@fua.br



A meus companheiros do Clube da Madrugada



*Futuro em lua minguante
minero as luas cheias
do outrora.*

SUMÁRIO

Clube da Madrugada13

Apresentação15

VISGO DA TERRA

TERRA

Paisagem27

Onde reinavam as sombras28

Cenário arcaico30

A Casa32

A Cabra entre quatro paredes35

Elegia derramada37

Noites de Manaus 195040

Emparedados entre espelhos41

Sesta42

Ensaio de partidas43

Cemitério de Manaus44

Passeio a Flores46

Careiro47

Palácio Rio Negro e as palafitas48

Junhos49

Geografia provinciana51

Grupo escolar53

Tarefas	54
Céus de junho	55
Neoclássica	56

ÁGUA

Mesopotâmia	59
Por toda parte o rio	60
No umbigo do rio	61
A Bilha encantada	63
O Rio como um segredo	64
Rio Negro	65
Fronteiras do Amazonas	67
Eldorado	68
A Cheia	70
Ponte Cabral	71
Água doce	73
O Boto no corpo	75
Selo d'água	76
Rios de Ajuricaba	77
Boiúna	78
Igarapé das saúvas	79
Serenata	80
Adeus	82
Folhágua	83
Anfíbia	84

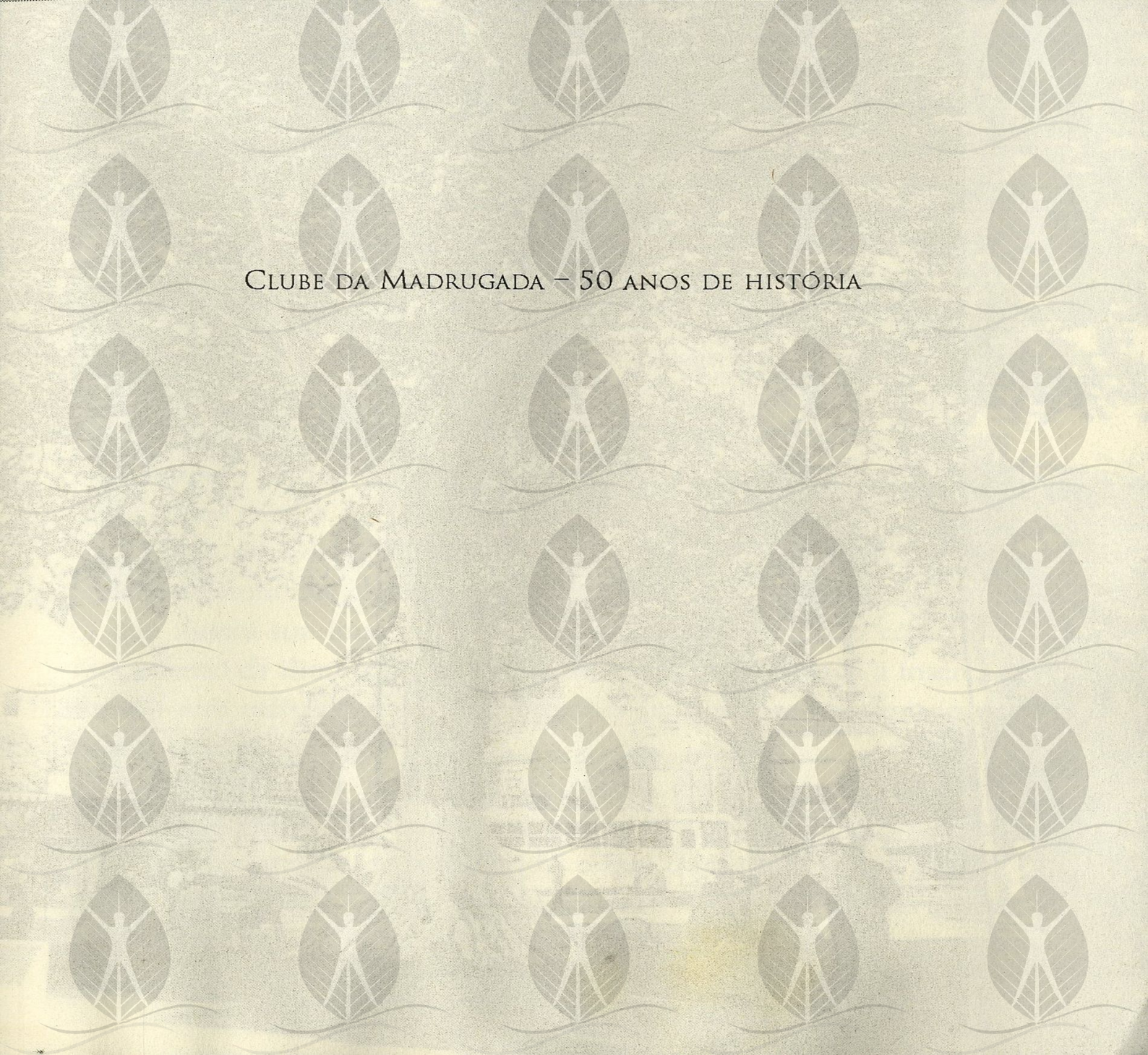
S E R E S

Esboço87
Profecia do ofício88
Olhos à retaguarda89
Busca91
Estrelas nem sombra92
Poema na língua do pê94
<i>Dominus vobiscum</i>95
O Bruxo Panta96
Na vizinhança das estrelas98
Santa paz	100
O Sorteio	102
Arqueologia sentimental	103
Fim da guerra	105
Metamorfose	106
Bombalá	107
Adivinha	108
Tartarugada	109
Mascarado de sombras	111
Saboaranas	112
O Dragão domado	114
Astrid Cabral – Vida e Literatura	117





CLUBE DA MADRUGADA - 50 ANOS DE HISTÓRIA







CLUBE DA MADRUGADA – 50 ANOS DE HISTÓRIA

A literatura é um dos frutos da civilização. O escritor é o cronista do seu tempo, a quem cabe a tarefa de registrar, através de seus escritos, os anseios e inconstância da condição humana. Instrumento do criador, a linguagem nasceu do desejo de evocar o espanto e o fascínio do ser humano diante do mundo – sua magia, cores, formas e beleza.

O legado dos intelectuais e artistas que escreveram a História do Clube da Madrugada é uma evidência da missão que cabe aos criadores e dos compromissos que têm com a vida, com a arte e com a depuração espiritual do ser humano. O Clube nasceu da inquietação de seus jovens fundadores diante da realidade provinciana que os sufocava e do desejo de renovação da mentalidade cultural e transformação das condições de vida da sociedade.

Movidos por um forte anseio de liberdade, os artistas e intelectuais que lançaram as bases do movimento viviam uma ânsia de mudança na cultura e na vida. Objetivavam realizar uma arte identificada com a realidade regional, retratando os habitantes desse vasto mundo verde em suas medidas, desmistificando-os e enfocando-os de forma crítica.

Esse desejo de atualização cultural e renovação das artes se constituiu num dos objetivos fundamentais do Clube da Madrugada. O que ilustra sua importância e seu significado histórico como um movimento de ilimitada amplitude cultural, que objetivava a inserção do discurso artístico e do fazer literário amazonense no cenário do Modernismo brasileiro.

Influenciados pelo espírito que moveu os idealizadores da Semana de Arte Moderna, os clubistas desejavam o novo e um diálogo, sem mediação, com a vida, o que talvez explique o fato de terem transformado a Praça Heliodoro Balbi no cenário de suas ações,

tendo como ponto de encontro o Café do Pina, e o Mulateiro como porto e palco de eventos e celebrações culturais – símbolo do movimento Madrugada e metáfora do papel que a arte e os artistas têm a cumprir no mundo.

A verdade é que não fomos mais os mesmos depois do Clube, o movimento marcou definitivamente nosso modo de olhar e nos pensar diante da realidade. A vida cultural no Amazonas se fraturou em dois momentos: antes e depois do movimento Madrugada. Pelo seu alcance e conseqüências foi a experiência cultural mais significativa em termos artísticos da História do Amazonas. Ao mesmo tempo em que afirmou a possibilidade de consolidação de uma tradição do conhecimento e artística entre nós.

Este gesto editorial, traduzido na reedição das obras dos autores representativos do Clube da Madrugada, é um tributo que a Editora Valer e seus parceiros, em especial a Secretaria de Cultura, prestam à luta desses artistas que trabalharam pela reinvenção e renovação da nossa mentalidade artística, como também do modo de nos pensar no mundo. Objetiva resgatar e fixar essa memória, compartilhando-a com as novas gerações. É uma homenagem pelos 50 anos de História.

O impulso que nos move é o mesmo que motivou aqueles jovens a criar, na madrugada do dia 22 de novembro de 1954, o Clube da Madrugada, que se tornou dia e floresceu nas cores de seus pintores, na inquietude de seus intelectuais e nos versos de seus poetas. Fez-se. E suas obras ficam como testemunho de nossa sensibilidade e presença no mundo, do que poderíamos ter sido. É um tributo à ousadia desses artistas e um presente ao povo do Amazonas – especialmente aos que amam as palavras e a beleza.

Os Editores

APRESENTAÇÃO

Tenório Telles*

A partir de meados da década de 70 do século XX, passados os anos intensos de construção do Clube da Madrugada, arrefecia sua fase experimental e mais criativa. A produção literária do movimento começa a viver os primeiros sintomas de esgotamento, o que se vai refletir em nossa produção poética, sem a autenticidade e a vitalidade das obras dos autores ligados às primeiras gerações do Clube.

Sem que se possa apontar um nome ou uma obra que acene com novas perspectivas no plano da elaboração poética, o movimento Madrugada vive o impasse, a repetição de certos processos criativos já superados. Na verdade, afora a produção literária dos autores pertencentes a seus quadros, pouca coisa apareceu de inovador no cenário literário amazonense. É verdade que o poeta Jorge Tufic continuou tentando injetar, com seus manifestos e experimentações estéticas, como a “Poesia de Muro”, os “Poemas-processo”, alguma vitalidade no corpo de nossa lírica.

É em meio a esse ambiente, já saturado pelo desgaste e exaurimento de certas formas de elaboração literária, que surge um lampejo de luz, uma voz que apresenta ressonâncias novas no discurso poético regional. Trata-se do aparecimento de Astrid Cabral, com o livro *Ponto de cruz*, publicado em 1979. Vindo a seguir, *Torna-Viagem*, de 1981.

Além da inserção de um discurso poético e percepção feminina, a obra de Astrid Cabral instaura, no contexto da poesia madrugada, uma dicção mais intimista, reveladora de uma sensibilidade pungente e inquieta. Mais que isso, sua obra é a revelação de uma nova maneira de

* Tenório Telles é escritor, professor de Literatura e autor do CD-Rom *O Amazonas em sua literatura* e da peça *A Derrota do mito*. É membro da Academia Amazonense de Letras.

perceber a realidade local, um novo olhar sobre o tempo e o cotidiano, numa tentativa de recuperação do passado.

É verdade que, embora Astrid Cabral dê a seus textos uma conotação mais subjetiva, não se desvincula de sua realidade, continua ligada ao universo regional, adotando como matéria de seus versos elementos típicos do sentir e do viver do homem da província, alma fraturada, difusa. Daí a presença, em seus textos, da água, da terra, da natureza, do ciclo da vida, em seu contínuo arrastar-se, deixando para trás a matéria impalpável das lembranças, tudo permeado por uma forte atmosfera intimista, como se observa no poema “Água doce”, do livro *Visgo da terra*:

*A água do rio é doce.
Carece de sal, carece de onda.
A água do rio carece
da vândala violência do mar.
A água do rio é mansa
sem a ameaça constante das vagas
sem a baba de espumas brabas.
A água do rio é mansa
mas também se zanga.
(...)
A água do rio é mansa
corre em leito estreito.
Mas também transborda e inunda
também é vasta, também é funda
também arrasta, também mata.
(...)
enfrenta e afronta o mar.
Filha de olho-d'água e de chuva
neta de neve e de nuvem
a água doce é pura
mas também se mistura.
(...)
A água doce não é tão doce.
Antes fosse.*

A ligação de Astrid Cabral com o mundo amazônico, seus elementos, não é interior, de alguém que viva uma relação de

enraizamento e de diálogo cotidiano com essa realidade, como se observa em Elson Farias. É uma relação exterior, de uma observadora sensível, que vislumbra à distância esse universo. Contempla essa realidade com os olhos da memória. Sua preocupação com a terra, a presença da água, do rio como símbolo de profundidade, aliada a uma aguda percepção da existência, são reveladoras de um telurismo com ressonâncias intimistas, permeado por uma forte carga subjetiva e intensa densidade poética, como está evidente no poema “Selo d’água”:

*Como a retornar de um reino
de sombras, saí do rio
peixe interino enrolada
de limo e escamas d’água.
Mais que a pele, mais que os pêlos
a alma de medo molhada!
O mergulho na corrente
foi-me foice, faca, fio
líquida navalha rente
ao pescoço, pulso fugidio.*

*Sobrou-me o sombrio segredo
elo da morte na carne.
Oh garra gume de gelo!*

É perceptível no discurso poético de Astrid Cabral uma tênue atmosfera de solidão a permear-lhe os textos. Seu diálogo com a existência é subjetivo, ressonâncias de reminiscências dispersas na memória, ecoando através dos olhos da consciência. Essa tentativa de rearticulação do tempo ultrapassado, evocação da memória, aliada a uma dicção mais intimista, constitui-se no traço determinante de seu discurso poético. O poema “Cenário arcaico” é uma confirmação dessa evidência:

*O mundo? Aquele quintal
pulando cercas e ruas
até mergulhar raízes
no raso rio vizinho.*

(...)

*Ossos de animais brotavam
da terra recém-lavada:
sinal da morte nascendo
em irônica semente
(Meus olhos ciscando o mundo)*

Astrid Cabral, uma das raras vozes femininas, surgida no seio do movimento Madrugada, trabalha com a substância impalpável da memória. Escultora do tempo, sua matéria são reminiscências do já vivido, sentido, lembranças da infância, da adolescência, fundidas numa paisagem, numa realidade, numa época que não existe mais, que resiste, persiste na inconsciência do tempo e se presentifica através de seus poemas.

Em Astrid, a apreensão do real, evocado esteticamente, manifesta-se através da memória, testemunhos de vidas, vivências depositadas no leito do tempo. O pórtico que abre *Visgo da terra* é a chave para entendermos suas apreensões, sua busca. O entendimento do que está enunciado nesses três versos é a pista para o desvelamento de sua mensagem, presentificação das lembranças aprisionadas no passado, para que o imemorável se manifeste e assim possamos ouvir a voz solitária do tempo. Analisemos o terceto:

*Futuro em lua minguante
minero as luas cheias
do outrora.*

A “lua minguante” tem, em nosso universo cultural, um sentido negativo, enquanto a lua cheia tem uma conotação de plenitude, expressão da vitalidade. O que se depreende dessa enunciação é o temor do futuro e um certo saudosismo. Fica evidente que a poetisa encara o futuro com perplexidade e, diante das incertezas do desconhecido, volta-se, como diz, para “as luas cheias do outrora”.

A vida e o amanhã são incertos e ensejam muitos riscos e desafios. É mais seguro minerar, revolver as camadas do passado – não há o risco do imprevisto, da surpresa; é uma matéria estática, diferente da fluidez do presente, das nuanças e da obscuridade do futuro. De

fato, a contemplação do mundo, como dizia Platão, não deixa de ser uma experiência decisiva e amedrontadora para o ser humano. Mas é um desafio do qual não podemos fugir, dele dependem nossas esperanças, nossos sonhos.

Os temores e a perplexidade de Astrid Cabral não anulam o sentido de seus textos e a autenticidade de seu discurso poético. Todo e qualquer processo de rearticulação de nossa identidade, de nossas esperanças, passa pela recuperação do passado, de nossas experiências. O futuro é o não dado, é o chão que espera para ser lavrado, é uma dimensão inexplorada da existência, sobre a qual não temos nenhum controle – o máximo que podemos é projetá-la.

Não é sem-razão que, de um modo geral, as utopias se projetam no futuro. Já o presente é o dado, o palpável, o futuro presentificado que, se não encontra a sua justificação no passado, pelo menos se explica a partir dele. Desse modo, o presente seria uma projeção esmaecida do passado. Se assim o for, o discurso poético de Astrid Cabral, sua opção pelo imemorial, eco do passado, se justifica e a poetisa se redime.

Oferece-nos as imagens, os fragmentos de um tempo, menos racional e espontâneo, de que necessitamos para uma rearticulação do presente. Localiza esse tempo na infância, na adolescência, onde tudo é e nada carece de explicações, o que se pode apreender no poema “Busca”:

*Minha infância é hoje
aquele peixe de prata
que me escorregou da mão
como se fosse sabão.*

*Mergulho no antigo rio
atrás do peixe vadio
– Quem viu? Quem viu?*

*Minha infância é hoje
aquele papagaio fujão
no ar, sua muda canção.*

*Subo nos galhos da goiabeira
atrás do falaz papagaio
– Me segura, me segura
Senão, gente, eu caio.*

Astrid Cabral dividiu seu livro *Visgo da terra* em 3 partes: “terra”, “água” e “seres”. Terra e água são os elementos de que se fizeram os seres. *Visgo da terra* é uma evidência dessa verdade, painel evocativo das fontes primitivas da vida, do que ficou gravado na pele da memória e só através dela pode ser recuperado. Ouçamos com nossos olhos as muitas ressonâncias do poema “Esboço”:

O barro

*é o das barrancas esboroadas
nos solimões dos tempos*

Os olhos

*cacimbas minando mágoas
(...)*

O ser

*é o dos negros caudais
onde fundos se fundem
troncos e trevas
dias e noites*

Mas o esforço de recuperação do passado, empreendido por Astrid Cabral, não ocorre apenas no plano da subjetividade, da interioridade do ser, mas projeta-se no fazer histórico dos seres, seus referenciais, suas experiências e tragédias, como se pode observar em textos como “Rios de Ajuricaba”:

*Nas águas se apagam os rastros
de quilhas, folhas e cascos.*

*Nas águas se apagam as viagens
e guelras e corpos náufragos.*

(...)

*Banheiros zombam e carpem
o velório da história.*

*Tudo se afunda no espelho
de esquecidas frias águas.
e vira segredo sagrado.*

*Restam os rios da lembrança
impérios de Ajuricaba.*

ou em “Geografia provinciana”, retrato de uma cidade, corte de um tempo:

*Manaus um ponto perdido
no mapa. Ali, desgarrada
entre paredes de verde
Mas iam e vinham navios
trazendo franjas do mundo.
Europa e Península Ibérica
surgiam das próprias pedras
das avenidas e esquinas:*

*A Itália na taberna
de seu Vincenzo Arenaro.*

(...)

*Seu Genaro, já grisalho
fundava o reino de Espanha*

(...)

*Seu Carvalho, o português
vendia bolos e broas*

(...)

*A França era ali na Madame Marie
e no Aux Cent Mille Paletots
à moda do dernier cri*

(...)

*E um fugitivo das Guianas
testemunhava a Ilha do Diabo!*

(...)

*O mundo estava em Manaus
Manaus estava no mundo.*

Essa tentativa de rearticulação do passado, de uma época devorada pelos dentes cariados do tempo, esmagada pelas rodas do progresso, está evidente no poema “Elegia derramada”, painel descritivo de uma Manaus menos moderna, mais provinciana, não menos

miserável mas, ainda assim, mais humana, menos agressiva e cosmopolita. A memória é um rio em que a poetisa pesca essas fraturas, esses lampejos de um tempo naufragado:

*Manaus de matinês que sabem a flertes e chicletes.
Chaplin, banguê-banguês, Gordo e Magro, astros a brilhar
nas telas dos cines Polytheama, Guarany, Avenida e Éden.
(...)*

*Manaus que acorda com bondes dlém-dlém por ruas de pedra,
resmungo de lanchas pelas barrancas a luzir lamparinas
ruído de serras a esfarelar lenha pras bandas do Caxangá,
bate-bate de lavadeiras limpando as nódoas da vida
nas propícias cacimbas e rasas correntezas do Quarenta.
(...)*

*cais de diligentes incansáveis guindastes abastecendo a cidade
de esnobes fomes de batata-inglesa, manteiga da Holanda,
rubros redondos queijos do Reino, vinhos da França, linhos da
[Irlanda
e mais mil cargas de sonhos e fugas estocadas nos anchos bojos
de vapores tismados de Europa, vigias fedendo a gringa maresia,
âncoras nas mesmas águas de mendigas canoas e nativos gaiolas,
abarrotoados de gente carimbada de impaludismo e miséria.
(...)*

*Manaus de negras águas onde naufrago. Manaus de águas
[passadas.*

Não se lê os textos de Astrid Cabral impunemente, não se escapa de suas evocações, espelho em que se reflete nossa tragédia existencial, nossos olhos cansados pelo tempo. É o canto triste, réquiem de uma civilização que não se afirmou, que sofre as conseqüências da descontinuidade. A poesia de Astrid Cabral é um alerta contra o silêncio, a negação do passado, o sufocamento da memória. É um eco a cortar a superfície, as membranas impalpáveis do esquecimento.

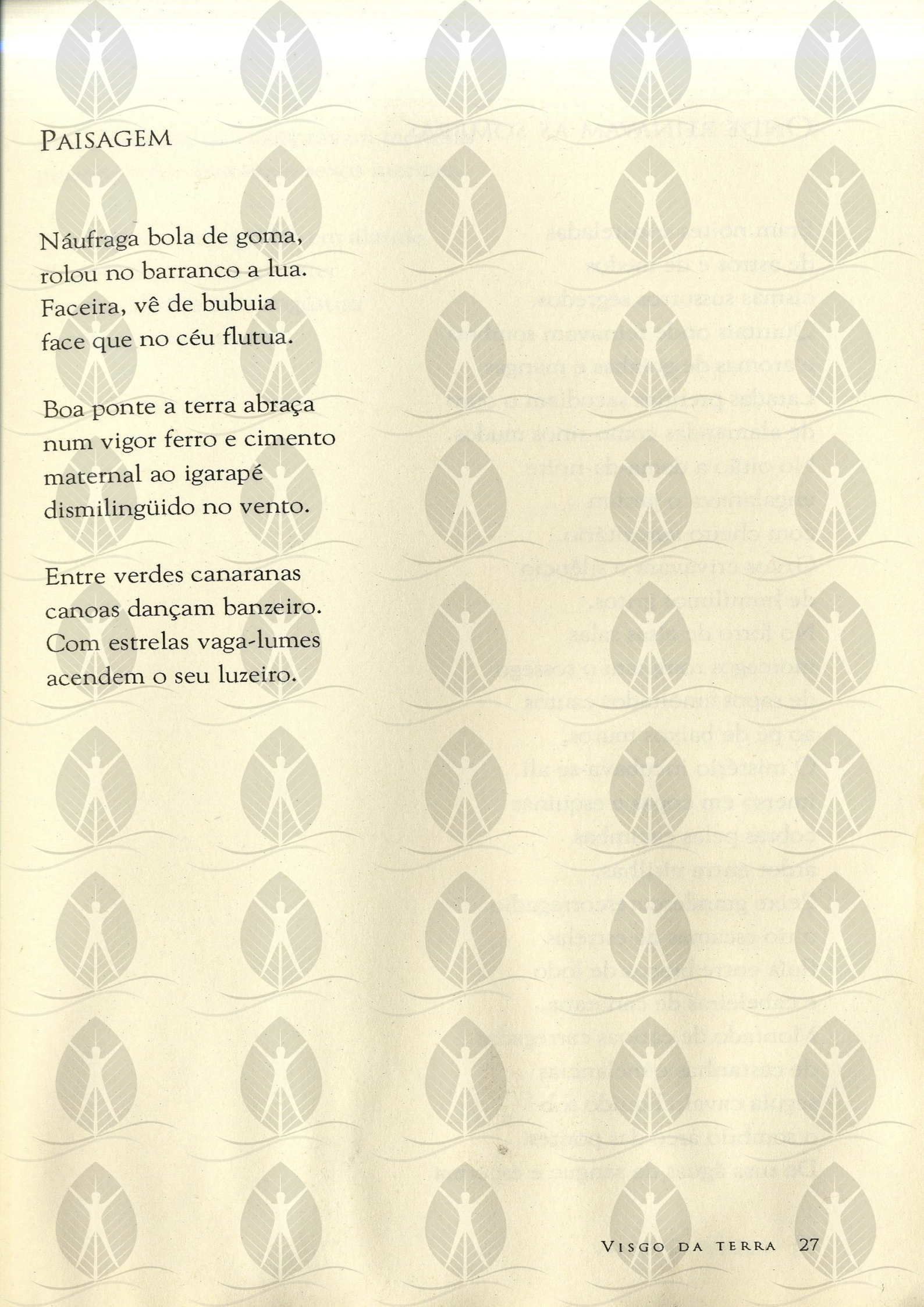
VISGO DA TERRA



A presente edição de *Visgo da terra* reúne sessenta poemas, escritos entre 1974/2004 e sucessivamente publicados em 1979, vinte poemas como parte do livro *Ponto de cruz*; em 1986, cinquenta poemas como título independente nas edições Puxirum; em 1998, cinquenta e dois poemas integrando a reunião *De deû em deû*.



TERRA



PAISAGEM

Náufraga bola de goma,
rolou no barranco a lua.
Faceira, vê de bubaia
face que no céu flutua.

Boa ponte a terra abraça
num vigor ferro e cimento
maternal ao igarapé
dismilingüido no vento.

Entre verdes canaranas
canoas dançam banzeiro.
Com estrelas vaga-lumes
acendem o seu luzeiro.



ONDE REINAVAM AS SOMBRAS

Eram noites consteladas
de astros e de medos
cismas sussurros segredos.

Quintais onde reinavam sombras
e aromas de goiabas e mangas.

Latadas prenhes sacudiam o ouro
de alamandas como sinos mudos.

No oitão a dama-da-noite
engalanava o jardim
com cheiro autoritário.

Grilos crivavam o silêncio
de humílimos gritos.

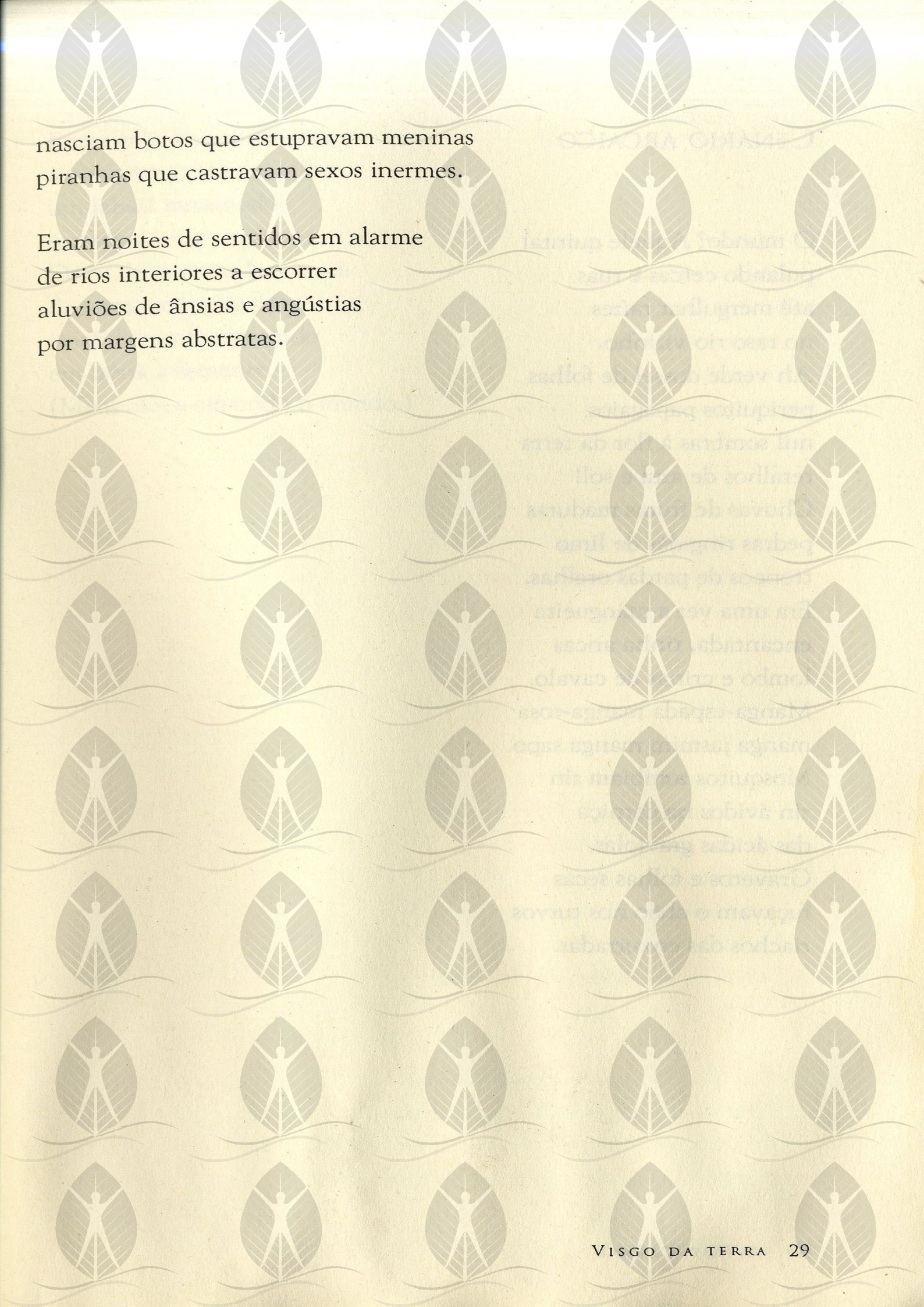
No forro de altas salas
morcegos rompiam o sossego
de sapos amoitados cautos
ao pé de baixos muros.

O mistério incubava-se ali
imerso em copas e esquinas
cobras pelas cacimbas
ardor entre virilhas.

Peixe grandescurescorregadio
o rio escamas de estrelas
fluía entre braços de lodo
e cabeleiras de canarana.

Montado de canoas carregadas
de castanhas e melancias
seguia cavalo líquido sob
o sombrio arco das pontes.

De suas águas de sangue e esperma



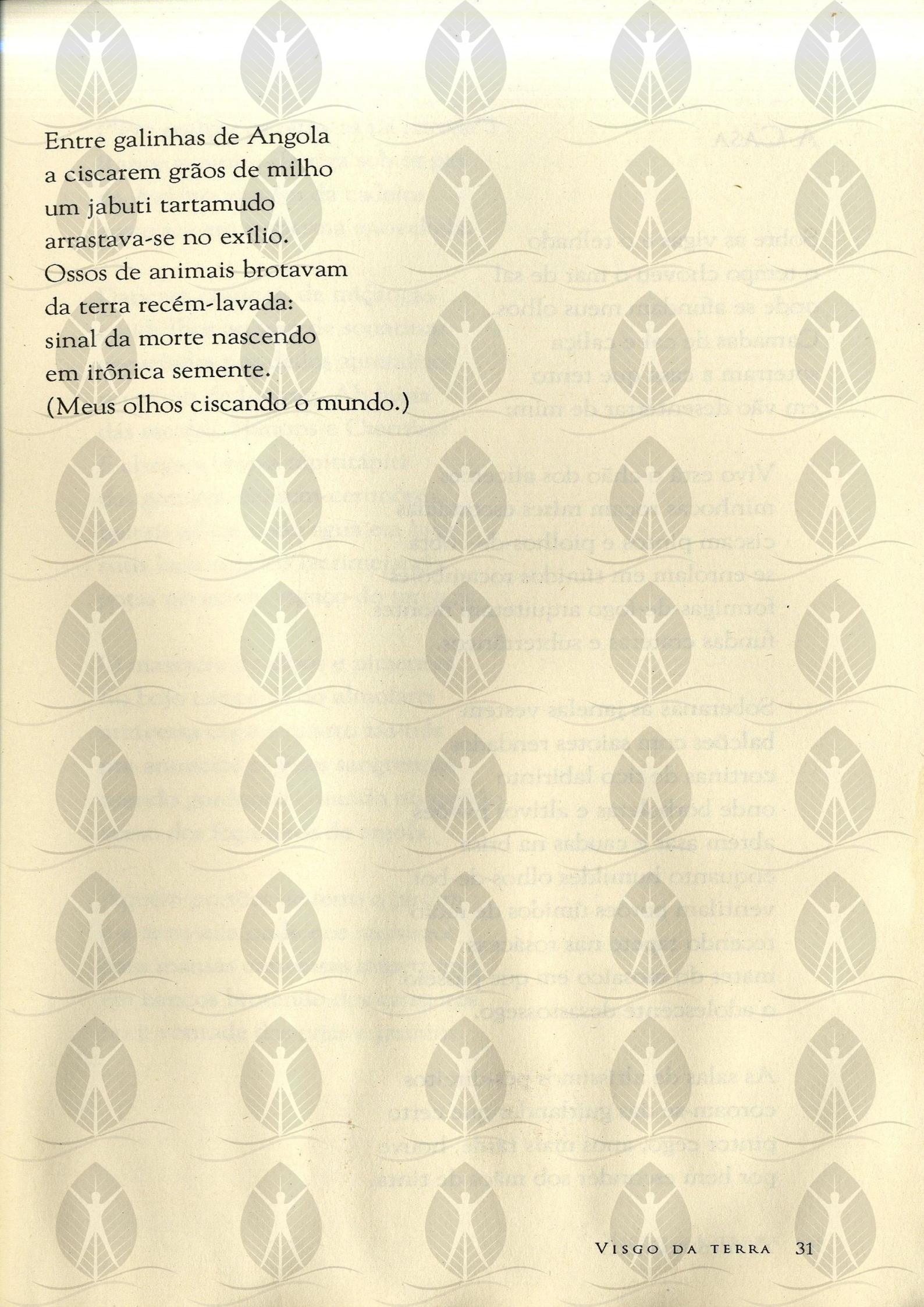
nasciam botos que estupravam meninas
piranhas que castravam sexos inermes.

Eram noites de sentidos em alarme
de rios interiores a escorrer
aluviões de ânsias e angústias
por margens abstratas.



CENÁRIO ARCAICO

O mundo? Aquele quintal
pulando cercas e ruas
até mergulhar raízes
no raso rio vizinho.
Ah verde dossel de folhas
periquitos papagaios
mil sombras à flor da terra
retalhos de azul e sol!
Chuvas de frutas maduras
pedras tingidas de limo
troncos de pardas orelhas.
Era uma vez a mangueira
encantada, tinha ancas
lombo e crinas de cavalo.
Manga-espada manga-rosa
manga jasmim manga sapo.
Mosquitos zumbiam zin
zin ávidos na carniça
das ácidas graviolas.
Gravetos e folhas secas
fuçavam o chão nos turvos
riachos das enxurradas.



Entre galinhas de Angola
a ciscarem grãos de milho
um jabuti tartamudo
arrastava-se no exílio.

Ossos de animais brotavam
da terra recém-lavada:
sinal da morte nascendo
em irônica semente.

(Meus olhos ciscando o mundo.)

A CASA

Sobre as vigas e o telhado
o tempo choveu o mar de sal
onde se afundam meus olhos.
Camadas de cal e calça
soterram a casa que tento
em vão desenterrar de mim:

Vivo está o chão dos alicerces
minhocas roçam raízes escondidas
ciscam pintos e piolhos-de-cobra
se enrolam em tímidos rocamboles
formigas-de-fogo arquitetam montes
fundas crateras e subterrâneos.

Soberanas as janelas vestem
balcões com saíotes rendados
cortinas de rico labirinto
onde borboletas e altivos pavões
abrem asas e caudas na brisa
enquanto humildes olhos-de-boi
ventilam porões úmidos de mofo
tecendo tapete nas rosáceas
mates do mosaico em que passeio
o adolescente desassossego.

As salas de altíssimos pés-direitos
coroam-se das guirlandas que certo
pintor cego, anos mais tarde, houve
por bem esconder sob mãos de tinta.

("Pra realçar os retratos na parede")

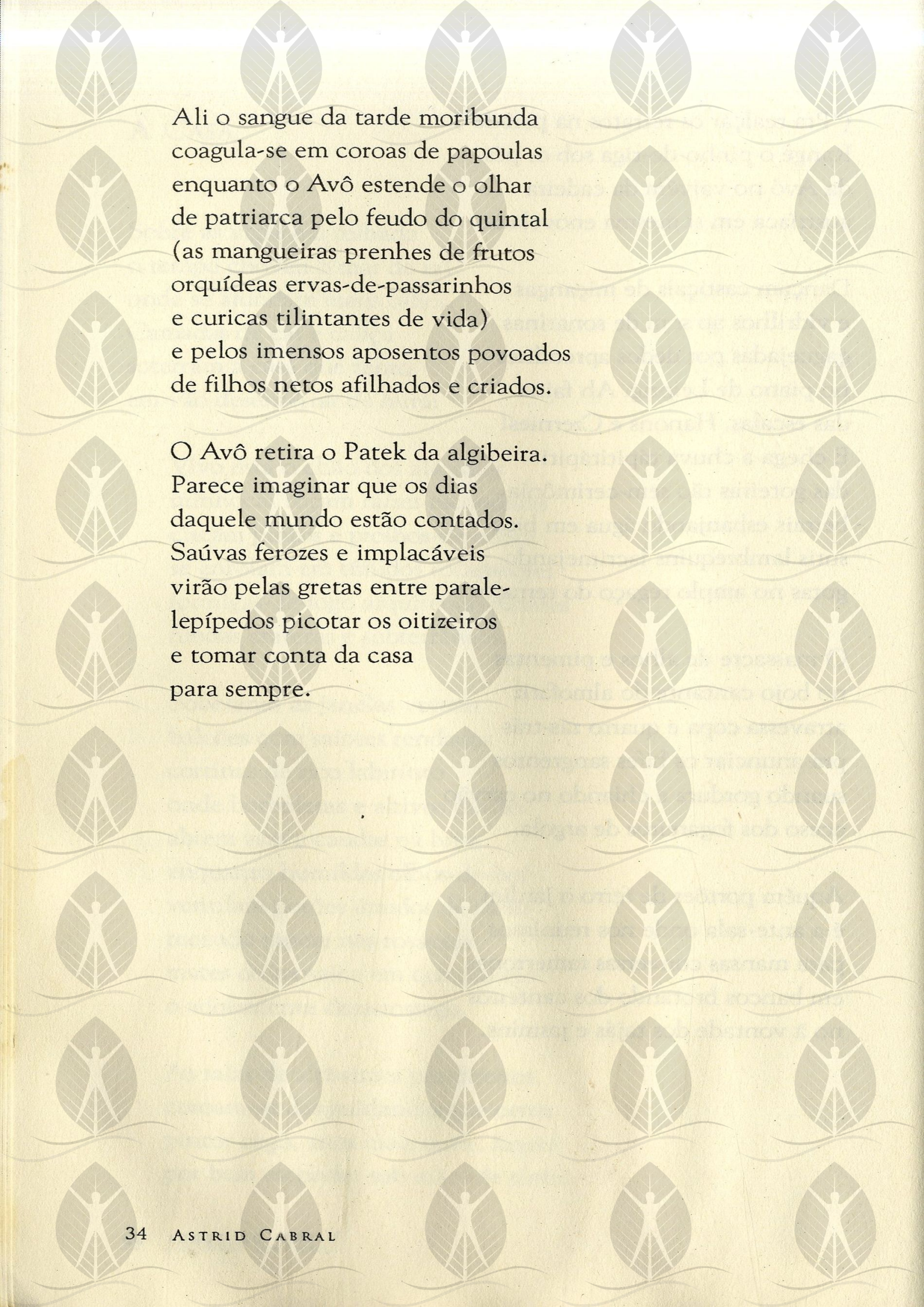
Range o pinho-de-riga sob os pés
da Avó no vaivém da cadeira
austríaca em si mesma enovelada.

Dançam castiçais de miçangas
e vidrilhos ao som de sonatinas
gaguejadas por dedos aprendizes
no piano de Leipzig. Ah faina
das escalas, Hanons e Czernies!

E chega a chuva tápititápititi
das goteiras tão sem-cerimônia
beirais esbanjando água em bica
sutis lambrequins lacrimejando
gotas no amplo regaço do terraço.

O massacre de alhos e pimentas
no bojo cantante do almofariz
atravessa copa e quarto zás-trás
pra anunciar os bifés sangrentos
suando gordura e chiando no carvão
aceso dos fogareiros de argola.

Aquém portões de ferro o jardim
é a ante-sala onde nos reunimos
para mansas conversas ramerronas
em bancos brotando dos canteiros
no à vontade dos tajás e jasmíns.

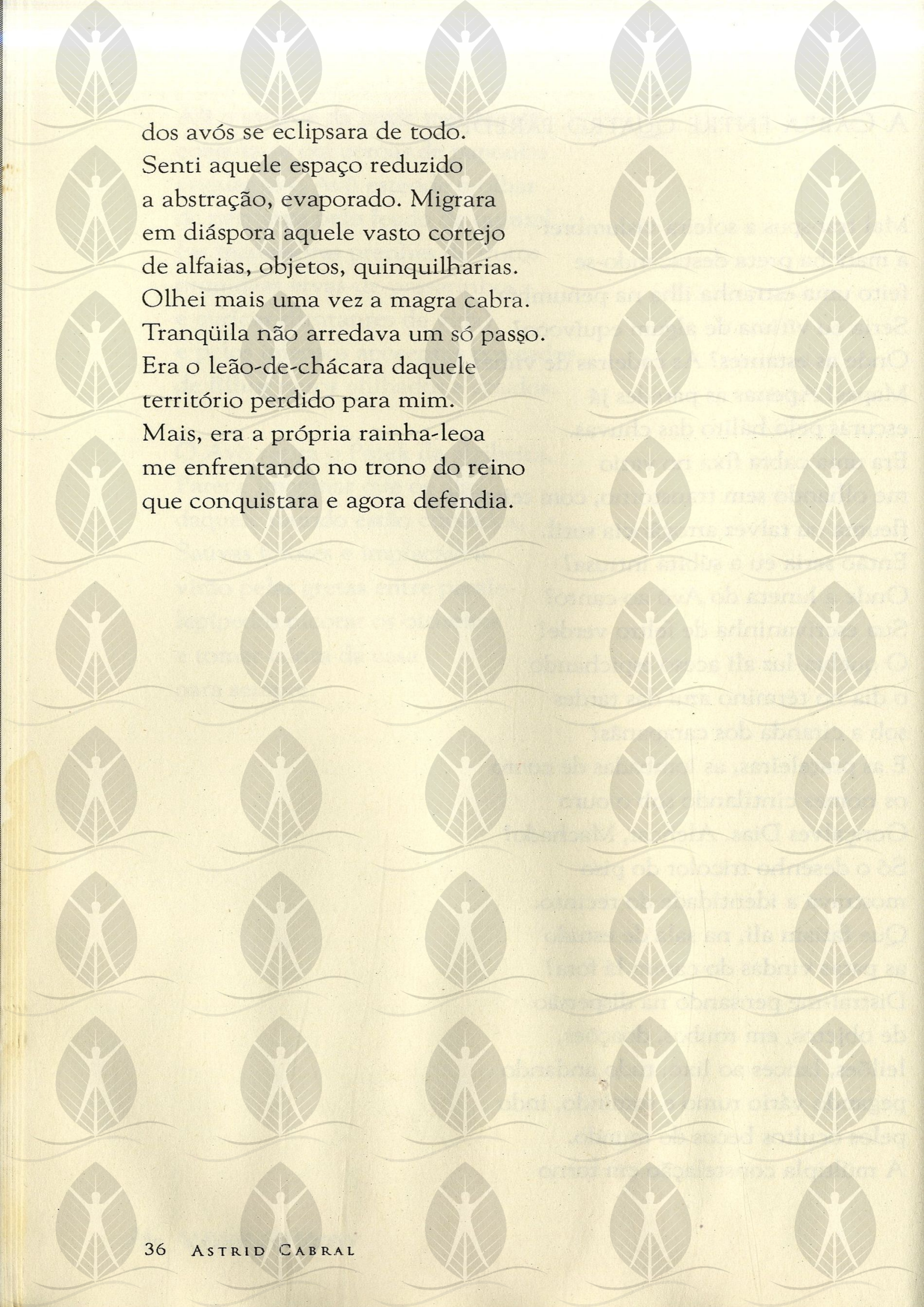


Ali o sangue da tarde moribunda
coagula-se em coroas de papoulas
enquanto o Avô estende o olhar
de patriarca pelo feudo do quintal
(as mangueiras prenes de frutos
orquídeas ervas-de-passarinhos
e curicas tilintantes de vida)
e pelos imensos aposentos povoados
de filhos netos afilhados e criados.

O Avô retira o Patek da algibeira.
Parece imaginar que os dias
daquele mundo estão contados.
Saúvas ferozes e implacáveis
virão pelas gretas entre parale-
lepípedos picotar os oitizeiros
e tomar conta da casa
para sempre.

A CABRA ENTRE QUATRO PAREDES

Mal transpus a soleira vislumbrei
a mancha preta destacando-se
feito uma estranha ilha na penumbra.
Seria eu vítima de algum equívoco?
Onde as estantes? As cadeiras de vime?
Mapas? Apenas as paredes já
escuras pelo hálito das chuvas.
Era uma cabra fixa no vazio
me olhando sem transtorno, com teimosa
fleuma ou talvez arrogância sutil.
Então seria eu a súbita intrusa?
Onde a luneta do Avô ao canto?
Sua escrivaninha de feltro verde?
O quebra-luz ali aceso espichando
o dia no término azul das tardes
sob a ciranda dos carapanãs?
E as prateleiras, as lombadas de couro
os nomes cintilando sob o ouro
Gonçalves Dias, Alencar, Machado?
Só o desenho tricolor do piso
mostrava a identidade do recinto.
Que faziam ali, na sala de estudo
as patas vindas do capim lá fora?
Distraí-me pensando na dispersão
de objetos, em roubos, doações,
leilões, lances ao lixo, tudo andando
pegando vários rumos e sumindo, indo
pelos ocultos becos do mundo.
A múltipla constelação em torno

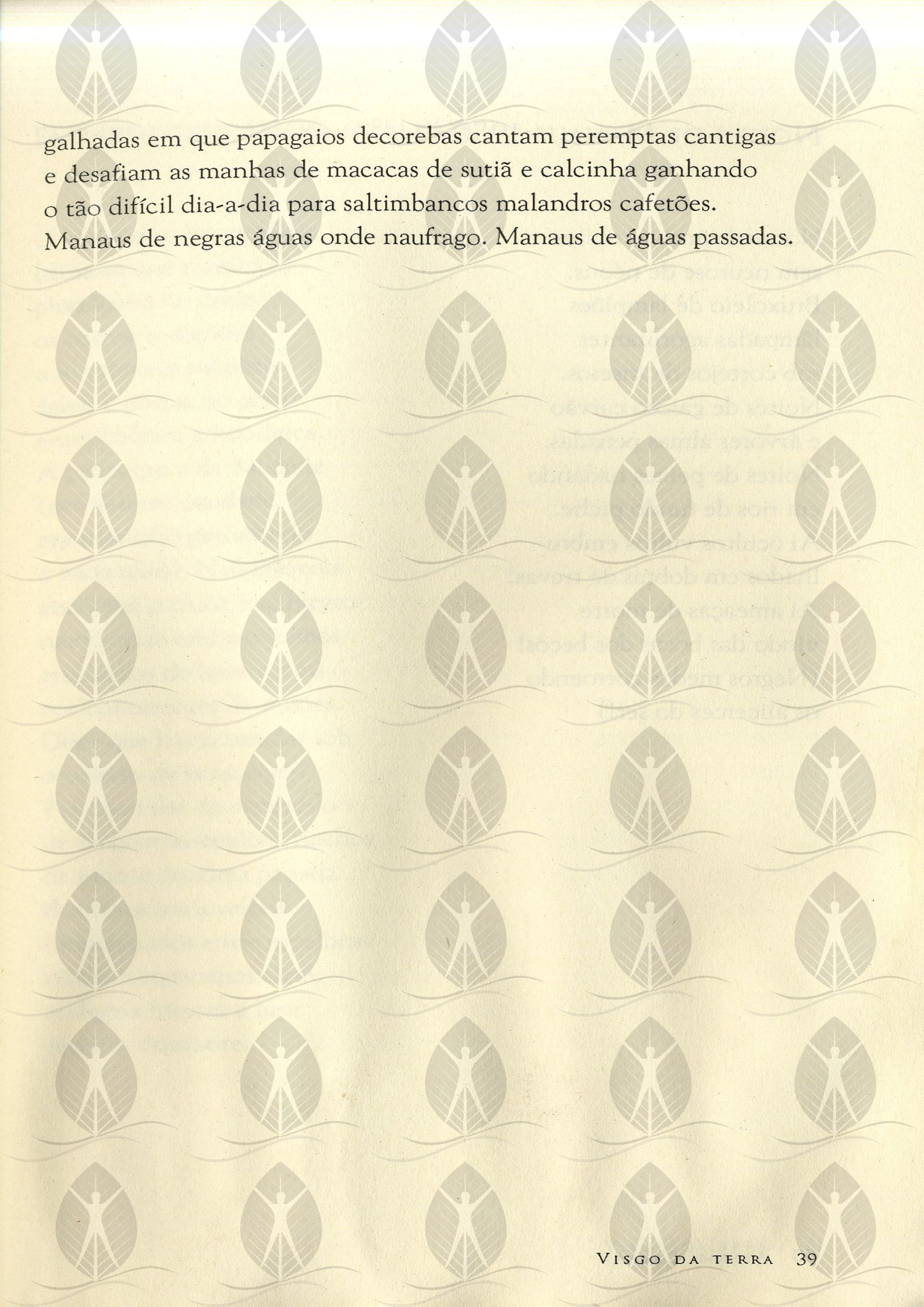


dos avós se eclipsara de todo.
Senti aquele espaço reduzido
a abstração, evaporado. Migrara
em diáspora aquele vasto cortejo
de alfaias, objetos, quinquilharias.
Olhei mais uma vez a magra cabra.
Tranqüila não arredava um só passo.
Era o leão-de-chácara daquele
território perdido para mim.
Mais, era a própria rainha-leoa
me enfrentando no trono do reino
que conquistara e agora defendia.

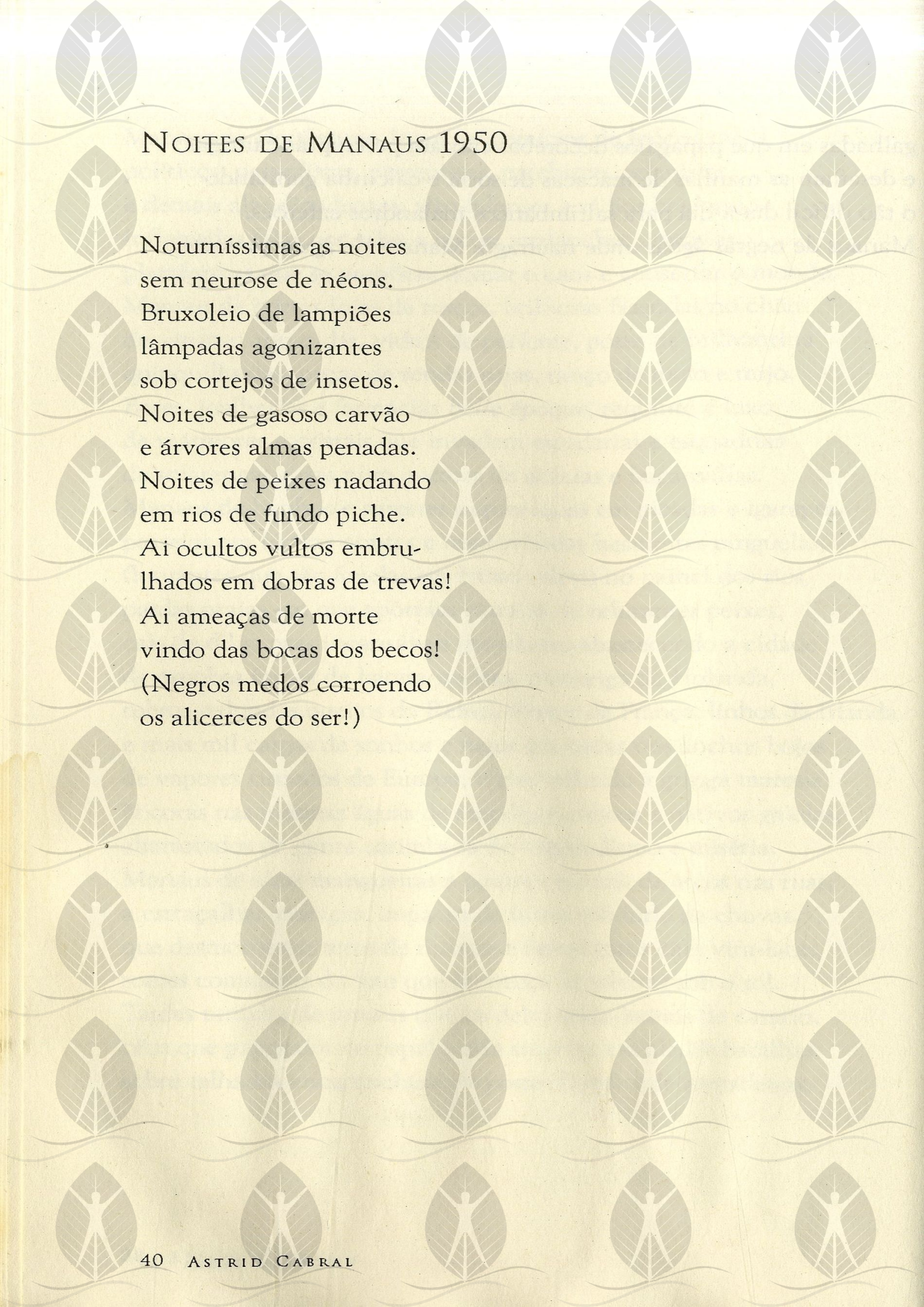
ELEGIA DERRAMADA

Manaus de matinês que sabem a flertes e chicletes,
Chaplin, banguê-banguês, Gordo e Magro, astros a brilhar
nas telas dos cines Polytheama, Guarany, Avenida e Éden.
Noturnas madrugadas de sinos, galos e lerdas estrelas,
altura de lua morosa, sobras de chuva pelas sarjetas.
No púlpito da Matriz o padre possesso vocifera contra
comunistas e protestantes e joga as chamas do inferno
para apagar os irreverentes bocejos nos bancos da igreja.
Manaus que acorda com bondes dlém-dlém por ruas de pedra,
resmungo de lanchas pelas barrancas a luzir lamparinas,
ruído de serras a esfarelar lenha pras bandas do Caxangá
bate-bate de lavadeiras limpando as nódoas da vida
nas propícias cacimbas e rasas correntezas do Quarenta.
Manaus cheirando a borracha, bogaris, andiroba e pau-rosa,
pães-de-milho e erva-doce que chegam pontuais às portas
em vespertinas visitas de tabuleiros e cestas de vime.
Verdureiros a vender verdura com o orvalho da véspera
amoladores que negociam o fio das facas e dão de quebra
fagulhas e o fino falsete de metálico mineral gemido.
Manaus de patrióticas paradas, setes de setembro ajaezados
de chapéus, luvas, polainas, pendões, mascotes e balizas.
Bandas alvoroçando praças na filigrana dos coretos, pondo
euforia ou melancolia nos enredos de amor tão cerimoniosos,
arcaicos rituais, platônicas tranças de bem-querer malquerer.
Bailes e blocos nos sábados gordos e magros dos clubes,
cordões e corsos carnavalescos em carros de capota aberta,
valsas, marchas, mambos-jambos, sambas e frenéticos frevos.
Bodas com banquetes, batizados e aniversários de fartas mesas
transbordando bolos, mães-bentas, babas-de-moça e biscoitos.

Manaus de eloqüentes, loquazes comícios de loucos rivais políticos: pessedistas, pessepistas, petebistas, udenistas e demais alas dissidentes, alto-falantes e rádios bradando inflamadas falas por salas e becos: avalanches oratórias, plataformas que se propõem domar o caos e consertar o mundo. Manaus de portas lojas de turcos, brilhosas fazendas no chão de *vitrines* entupidas, vidros de perfume, potes de brilhantina quinquilharias, peças de rendas sujas, ranço de mofo e mijo. Bares, joalherias e farmácias *belle époque*, requinte e luxo de mármore e cristais que invadem escadarias e esquadrias de solarengas casas num outrora de acácias e buganvílias. Manaus de banhos e agrestes piqueniques em picadas e igarapés, passeios em férreas pontes e improvisadas hesitantes pinguelas, flutuantes que são favelas em baixo-relevo no painel dos rios, pardas praias em que aportam catraias de relutantes peixes, cais de diligentes incansáveis guindastes abastecendo a cidade de esnobes fomes de batata-inglesa, manteiga da Holanda, rubros redondos queijos do Reino, vinhos da França, linhos da Irlanda e mais mil cargas de sonhos e fugas estocadas nos anchos bojos de vapores tismados de Europa, vigias fedendo a gringa maresia, âncoras nas mesmas águas de mendigas canoas e nativos gaiolas, abarrotados de gente carimbada de impaludismo e miséria. Manaus de altas mangueiras a compor portais de arcos nas ruas, a estraçalhar vidraças, impacto de frutas sob fúria de chuvas, que desmoronam tetos de nuvens e fazem ganir cães vira-latas, soezes comensais do lixo que fermenta às soleiras sob o sol. Tardes tarjadas de jururus urubus debruando beirais de casario, céus que papagaios de papel e tala singram em aladas batalhas sobre telhados encaronchados e postes floridos de trepadeiras,



galhadas em que papagaios decorebas cantam peremptas cantigas
e desafiam as manhas de macacas de sutiã e calcinha ganhando
o tão difícil dia-a-dia para saltimbancos malandros cafetões.
Manaus de negras águas onde naufrago. Manaus de águas passadas.



NOITES DE MANAUS 1950

Noturníssimas as noites
sem neurose de néons.

Bruxoleio de lampiões
lâmpadas agonizantes
sob cortejos de insetos.

Noites de gasoso carvão
e árvores almas penadas.

Noites de peixes nadando
em rios de fundo piche.

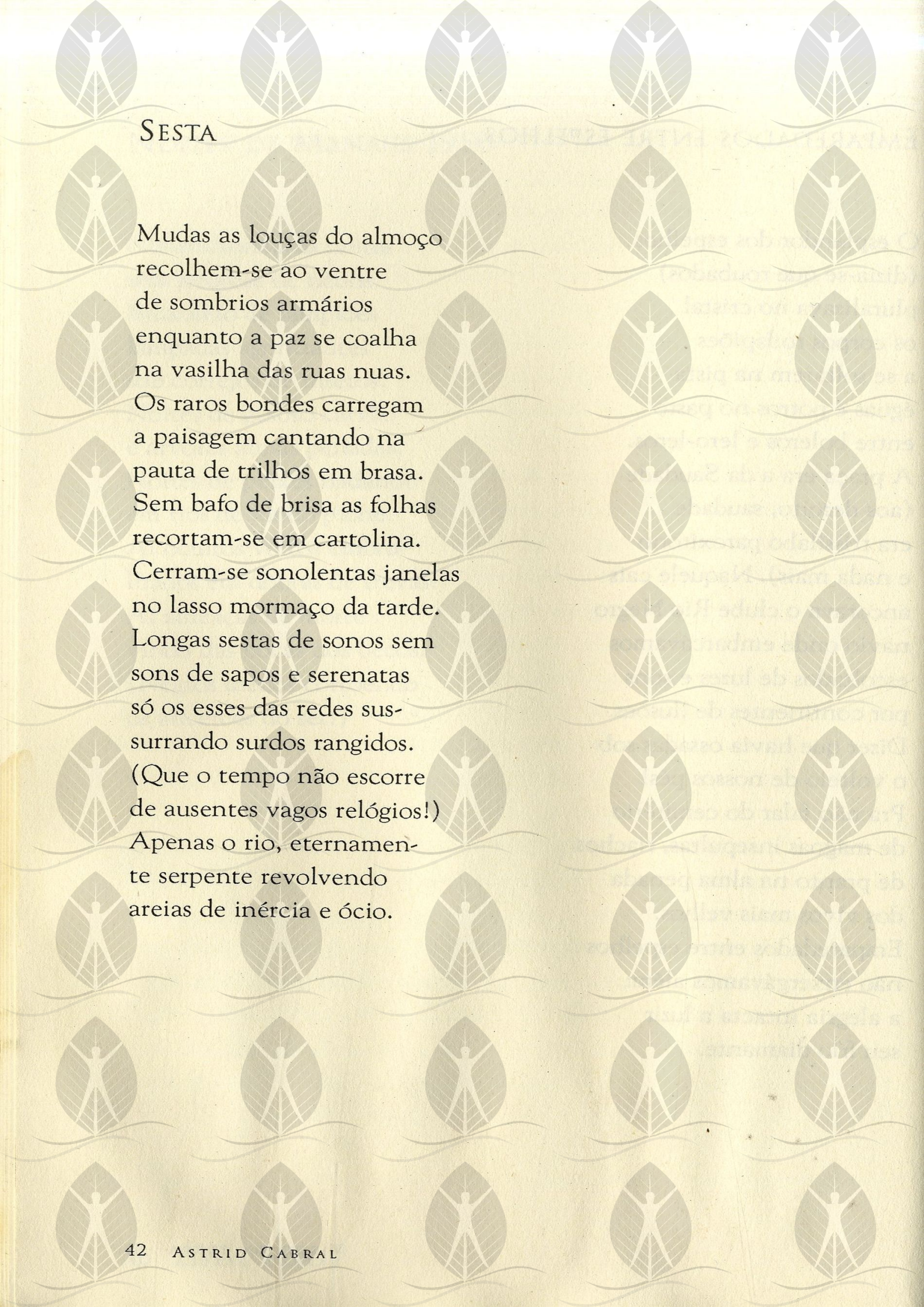
Ai ocultos vultos embru-
lhados em dobras de trevas!

Ai ameaças de morte
vindo das bocas dos becos!

(Negros medos corroendo
os alicerces do ser!)

EMPAREDADOS ENTRE ESPELHOS

O esplendor dos espelhos
(dizia-se que roubados)
pluralizava no cristal
os corpos rodapiões
a se soltarem na pista
éguas e potros no pasto
entre boleros e lero-leros.
A praça era a da Saudade
(aos dezoito, saudade
era trissílabo paroxítono
e nada mais). Naquele cais
ancorava o clube Rio Negro
navio onde embarcávamos
escoltados de luzes e sons
por continentes de ilusões.
Dizer que havia ossadas sob
o volteio de nossos pés!
Pra não falar do cemitério
de mágoas insepultas, riachos
de pranto na alma penada
dos vivos mais velhos.
Emparedados entre espelhos
não enxergávamos além:
a alegria intacta a luzir
seu frio diamante.



SESTA

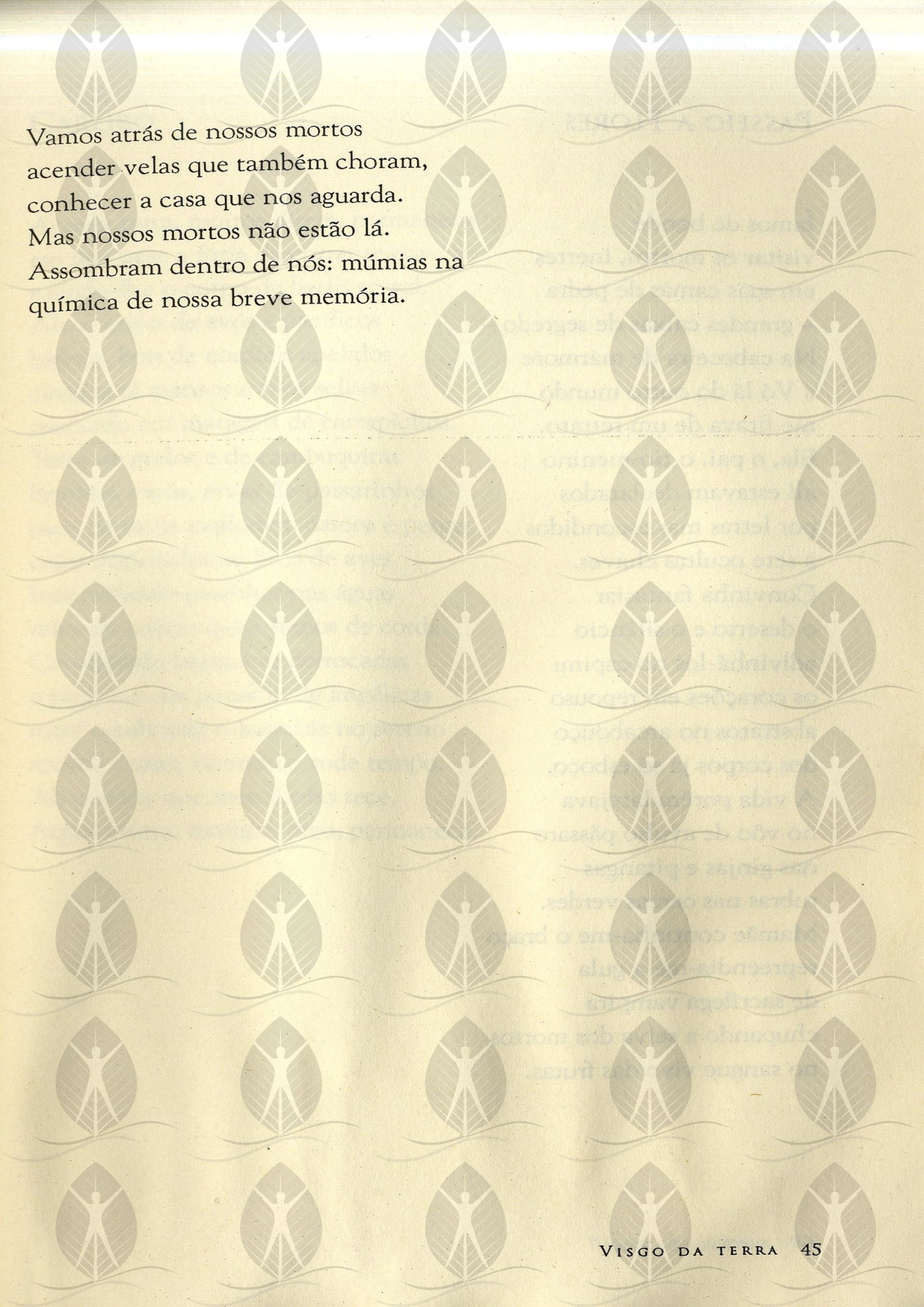
Mudas as louças do almoço
recolhem-se ao ventre
de sombrios armários
enquanto a paz se coalha
na vasilha das ruas nuas.
Os raros bondes carregam
a paisagem cantando na
pauta de trilhos em brasa.
Sem bafo de brisa as folhas
recortam-se em cartolina.
Cerram-se sonolentas janelas
no lasso mormaço da tarde.
Longas sextas de sonos sem
sons de sapos e serenatas
só os esses das redes sus-
surrando surdos rangidos.
(Que o tempo não escorre
de ausentes vagos relógios!)
Apenas o rio, eternamen-
te serpente revolvendo
areias de inércia e ócio.

ENSAIANDO PARTIDAS

Cadeiras de balanço mastigavam os soalhos ensaiando partidas, embalando fundas ânsias contra bojos de navios trancados a âncoras. Caolhos os rádios acendiam as mágicas pupilas de gatos e vozes espectrais sem apoio de bocas e rostos chegavam, de que mundo, de que mapa? Ventiladores giravam as corolas metálicas no chão invertido dos tetos criando brisas que não se aventuravam pelas ruas polidas de sol nem ousavam soprar a fuga de velas. Na praça São Sebastião galeras de bronze destinavam-se a longínquos continentes mas imóveis não singravam ondas de lusas pedras. Deixavam-se estar molhadas tão-só de chuvas proas frustradas de horizontes e azuis. Que estranha calma as conjurara, quilhas vacinadas contra a vertigem dos ventos? Ou estariam desde sempre fundeadas nas invisíveis correntes d'água dos séculos? Dobravam os sinos abafando os frenéticos pianos a planger nos salões dos sobrados mas o que sempre se ouvia, pouco importa se baixo e rouco, era o gargarejar do rio a vocação de foz e mar drenando fragmentos de terra, arrastando de roldão os corações.

CEMITÉRIO DE MANAUS

Laborum meta promete o portão
em caligrafia de ferro. Enfim
o sossego não mais sonogado.
Em berços de terra e treva
os corpos despojados fruem
a contínua noite iluminada
por estrelas de paz e sóis
de silêncio sob as sebes
de impassíveis arbustos
vestidos de verdescuro luto.
Crescem capins pelas covas
mas não mais seus cabelos.
Cantam pássaros nas copas
e mudas estão as gargantas.
Passivos, a terra os elabora
contra a tibia resistência
de tíbias, perônios e crânios.
Legiões de formigas e miúdas
vidas assumem o processo do
reverso ao útero telúrico.
Não sabemos se restam no recesso
das urnas os restorelíquias
dos corpos redimidos de lidas
entre antigas estrelas e cruzes.
Minerais, as lápides estáticas
falam do tempo sem urgências,
propõem legendas de ternura
vãs hipóteses de esperança
em outro mundo além-campas.



Vamos atrás de nossos mortos
acender velas que também choram,
conhecer a casa que nos aguarda.
Mas nossos mortos não estão lá.
Assombram dentro de nós: múmias na
química de nossa breve memória.



PASSEIO A FLORES

Íamos de bonde
visitar os mortos, inertes
em suas camas de pedra
– grandes caixas de segredo –
Na cabeceira de mármore
a Vó lá do outro mundo
me fitava de um retrato.
Ela, o pai, o tio-menino
ali estavam declarados
por letras mas escondidos
a sete ocultas chaves.
Convinha fantasiar
o deserto e o silêncio
adivinhá-los no capim:
os corações em repouso
abstratos no arcabouço
dos corpos já só esboço.
A vida porém latejava
no vôo de avulso pássaro
nas ginjas e pitangas
rubras nas cercas verdes.
Mamãe continha-me o braço
reprendia-me a gula
de sacrílega vampira
chupando a seiva dos mortos
no sangue vivo das frutas.



CAREIRO

Aquela terra, muitos dizem, permanece
em que pese a fúria da corrente cor-
roendo-lhe o corpo de barro ao sol.

Ali, o reino de avós e pacíficos
bichos, bois de cordiais apelidos
cavalos já mansos sob os selins
pastando em matagais de carrapichos.

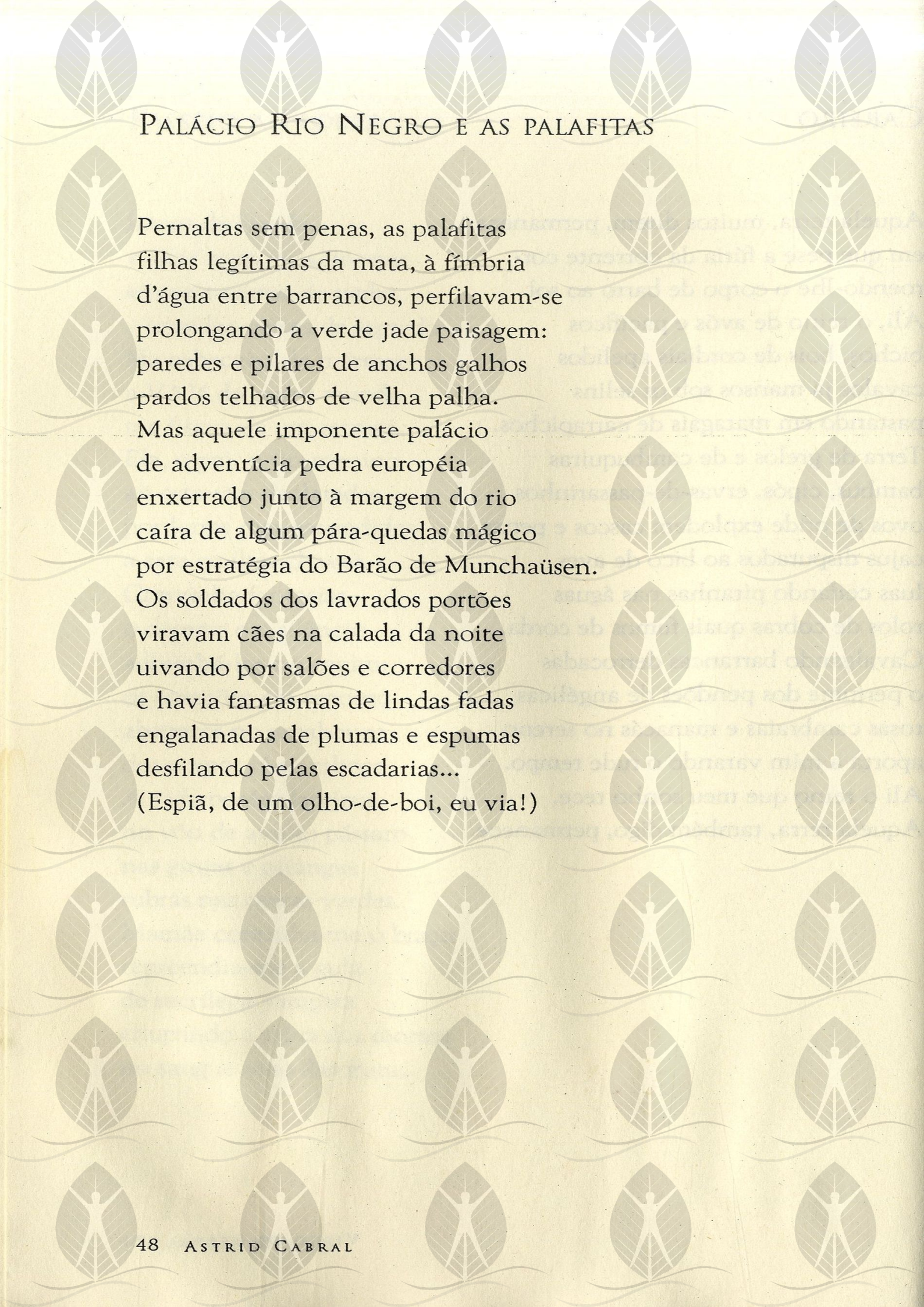
Terra de grelos e de cambuquiras
bambus, cipós, ervas-de-passarinhos
ovos de onde explodem cascos e penas
cajus disputados ao bico de aves

luas ceifando piranhas nas águas
rolos de cobras quais fumos de corda.

Cavalgando barrancas derrocadas
o perfume dos pendões de angélicas
rosas cambraias e manacás no sereno
aporta a mim varando o rude tempo.

Ali o reino que meu sonho tece.

Aquela terra, também digo, permanece.



PALÁCIO RIO NEGRO E AS PALAFITAS

Pernaltas sem penas, as palafitas filhas legítimas da mata, à fímbria d'água entre barrancos, perfilavam-se prolongando a verde jade paisagem: paredes e pilares de anchos galhos pardos telhados de velha palha.

Mas aquele imponente palácio de adventícia pedra européia enxertado junto à margem do rio caíra de algum pára-queidas mágico por estratégia do Barão de Munchaüsen.

Os soldados dos lavrados portões viravam cães na calada da noite uivando por salões e corredores e havia fantasmas de lindas fadas engalanadas de plumas e espumas desfilando pelas escadarias...

(Espião, de um olho-de-boi, eu via!)

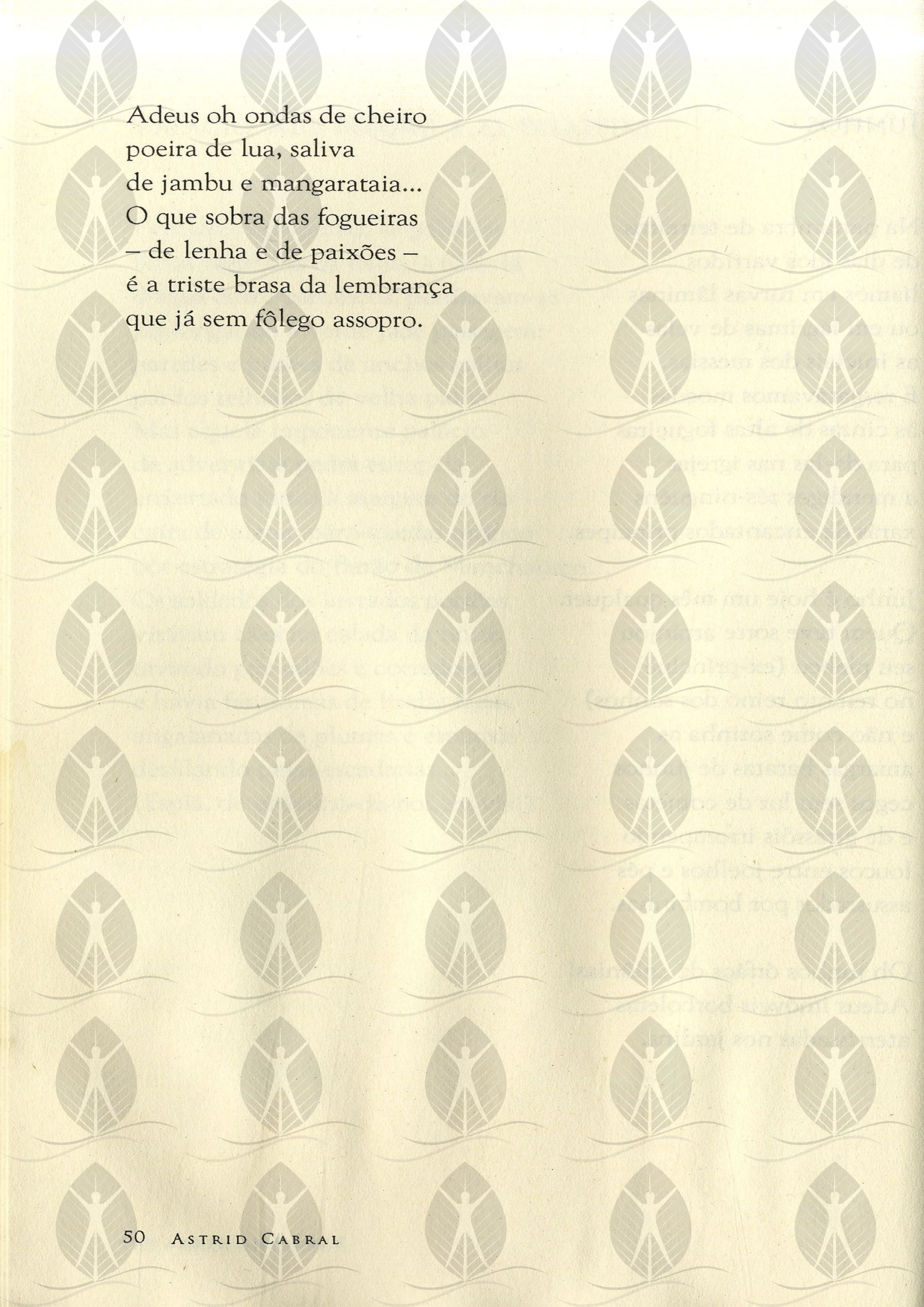


JUNHOS

Na penumbra de terreiros
de dias idos varridos
líamos em turvas lâminas
ou em lágrimas de velas
as iniciais dos messias.
E resgatávamos moedas
às cinzas de altas fogueiras
para dá-las nas igrejas
a mendigos zés-ninguéns
xarás de encantados príncipes.

Junho é hoje um mês qualquer.
Quem teve sorte arranjou
seu plebeu (ex-príncipe
no remoto reino dos sonhos)
e não come sozinha as
amargas batatas de junhos
cegos sem luz de cometas
e de girassóis irrompendo
loucos entre joelhos e pés
assustados por bombinhas.

Oh junhos órfãos de colônias!
Adeus imóveis borboletas
aterrissadas nos jardins.



Adeus oh ondas de cheiro
poeira de lua, saliva
de jambu e mangarataia...
O que sobra das fogueiras
– de lenha e de paixões –
é a triste brasa da lembrança
que já sem fôlego assopro.

GEOGRAFIA PROVINCIANA

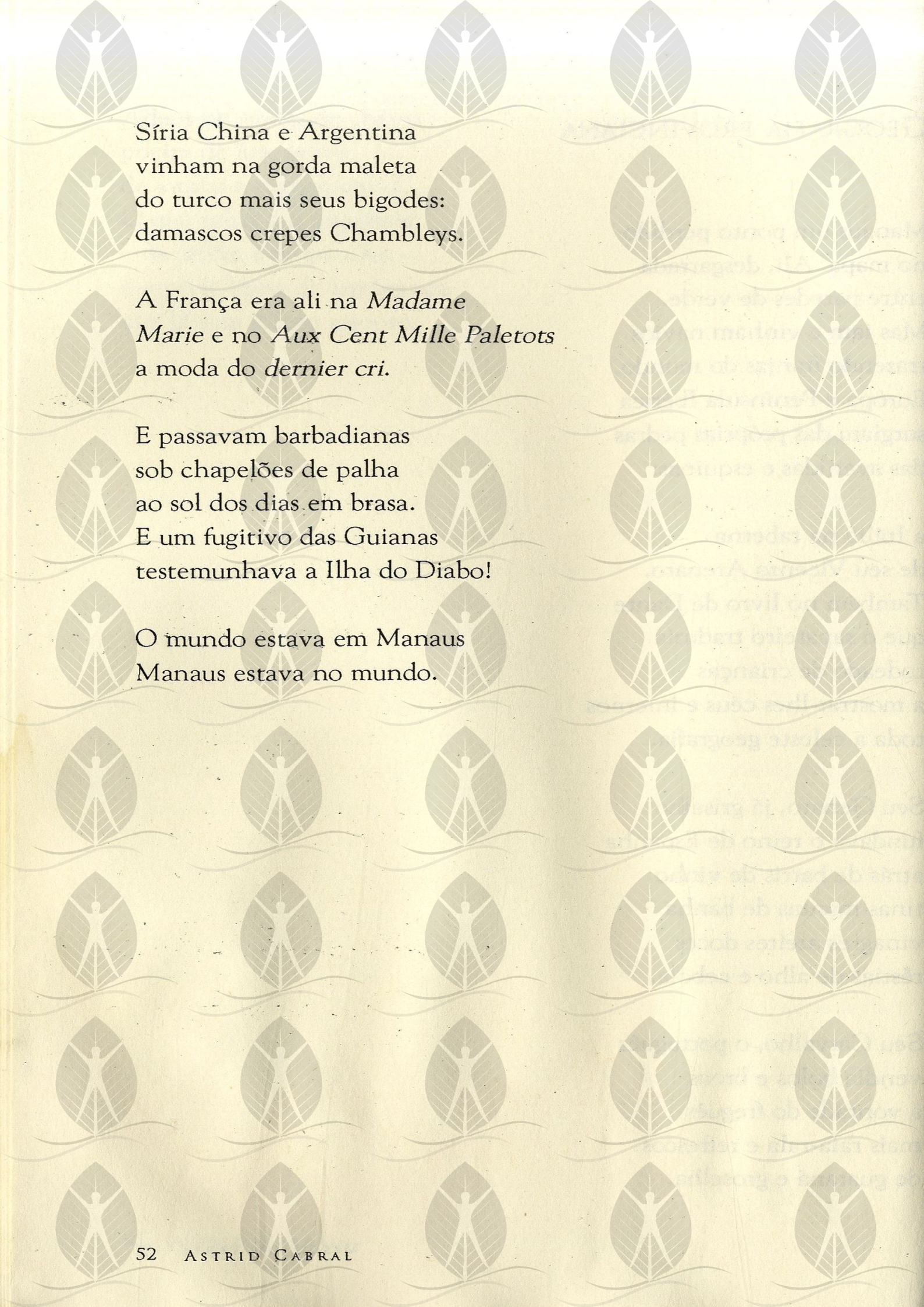
Manaus um ponto perdido
no mapa. Ali, desgarrada
entre paredes de verde.

Mas iam e vinham navios
trazendo franjas do mundo.
Europa e Península Ibérica
surgiam das próprias pedras
das avenidas e esquinas:

a Itália na taberna
de seu Vincenzo Arenaro.
Também no livro de Dante
que o sapateiro traduzia
rodeado de crianças
a mostrar-lhes céus e infernos
toda a celeste geografia.

Seu Genaro, já grisalho
fundava o reino de Espanha
atrás de barris de vinho
tinas mantas de banha
vinagres azeites doces
réstias de alho e cebola.

Seu Carvalho, o português
vendia bolos e broas
à vontade do freguês
mais rala-rala e refrescos
de guaraná e groselha.

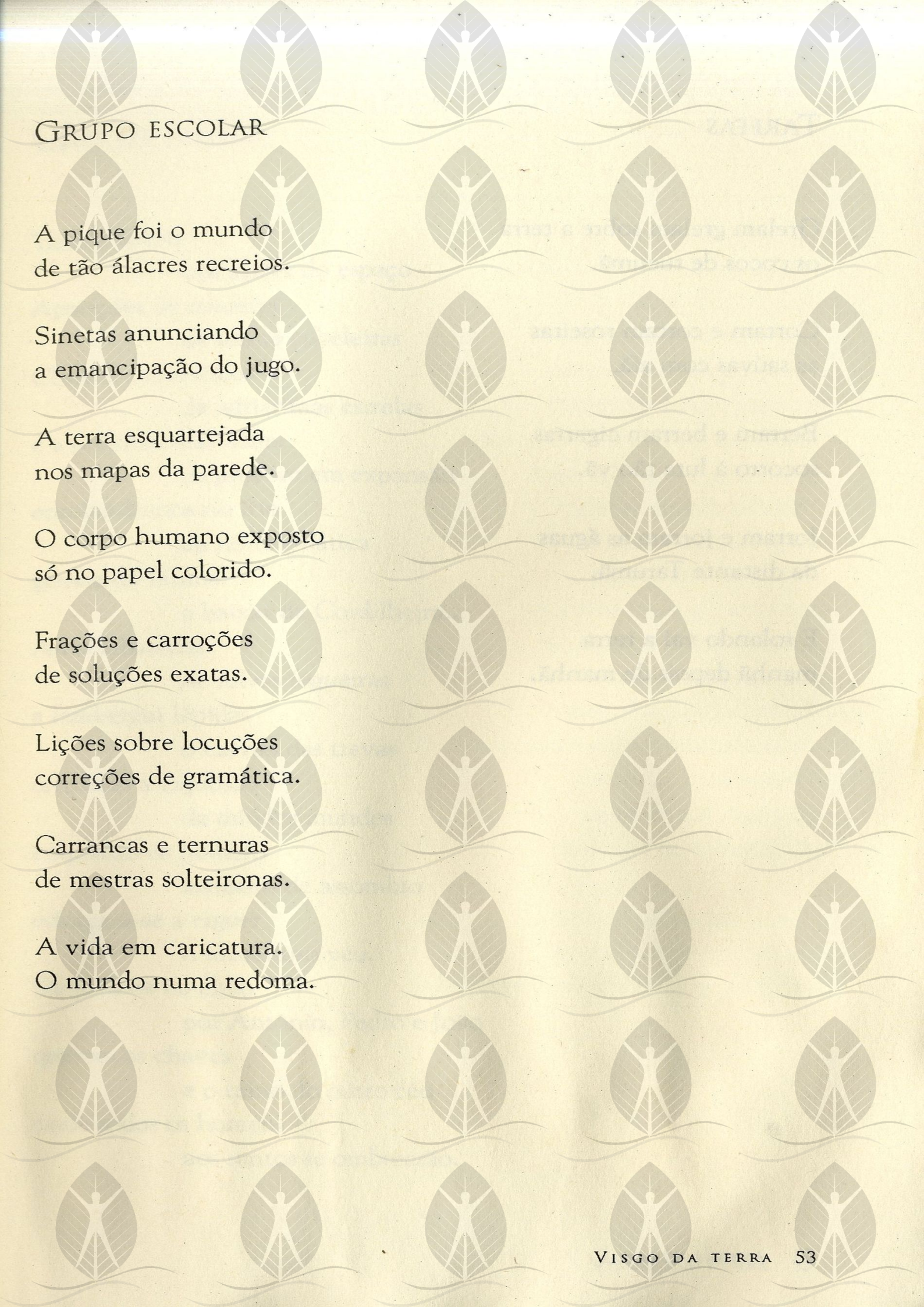


Síria China e Argentina
vinham na gorda maleta
do turco mais seus bigodes:
damascos crepes Chambleys.

A França era ali na *Madame
Marie* e no *Aux Cent Mille Paletots*
a moda do *dernier cri*.

E passavam barbadianas
sob chapelões de palha
ao sol dos dias em brasa.
E um fugitivo das Guianas
testemunhava a Ilha do Diabo!

O mundo estava em Manaus
Manaus estava no mundo.



GRUPO ESCOLAR

A pique foi o mundo
de tão álares recreios.

Sinetas anunciando
a emancipação do jugo.

A terra esquartejada
nos mapas da parede.

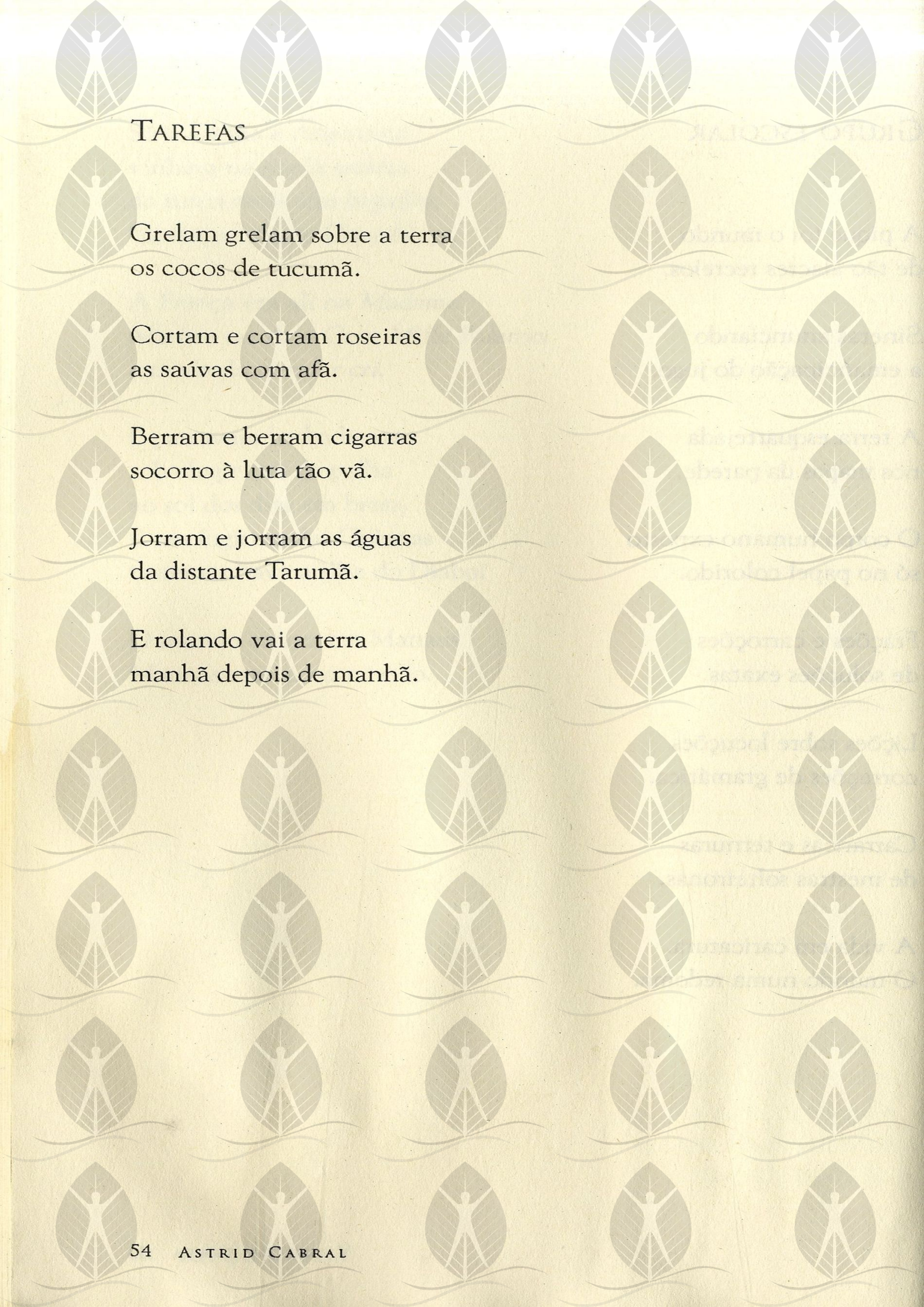
O corpo humano exposto
só no papel colorido.

Frações e carroções
de soluções exatas.

Lições sobre locuções
correções de gramática.

Carrancas e ternuras
de mestras solteironas.

A vida em caricatura.
O mundo numa redoma.



TAREFAS

Grelam grelam sobre a terra
os cocos de tucumã.

Cortam e cortam roseiras
as saúvas com afã.

Berram e berram cigarras
socorro à luta tão vã.

Jorram e jorram as águas
da distante Tarumã.

E rolando vai a terra
manhã depois de manhã.

CÉUS DE JUNHO

Tardos balões

nos salões do espaço

Aparições de cometas

de louras cabeleiras

Chuvas e chuviscos

de adrianinas estrelas

e a próxima via-láctea

da pólvora em expansão

enrolando-nos no frio

da noite galáctica

gerada na bruma

a baixar da Cordilheira...

Altas labaredas

de fulvas fogueiras

a lamberem lépidas

o carvão das trevas

crepitam a explosão

de miúdos mundos

enquanto os homens

tomados de assombro

esforçam-se a erguer

o misterioso véu.

De joelhos no chão

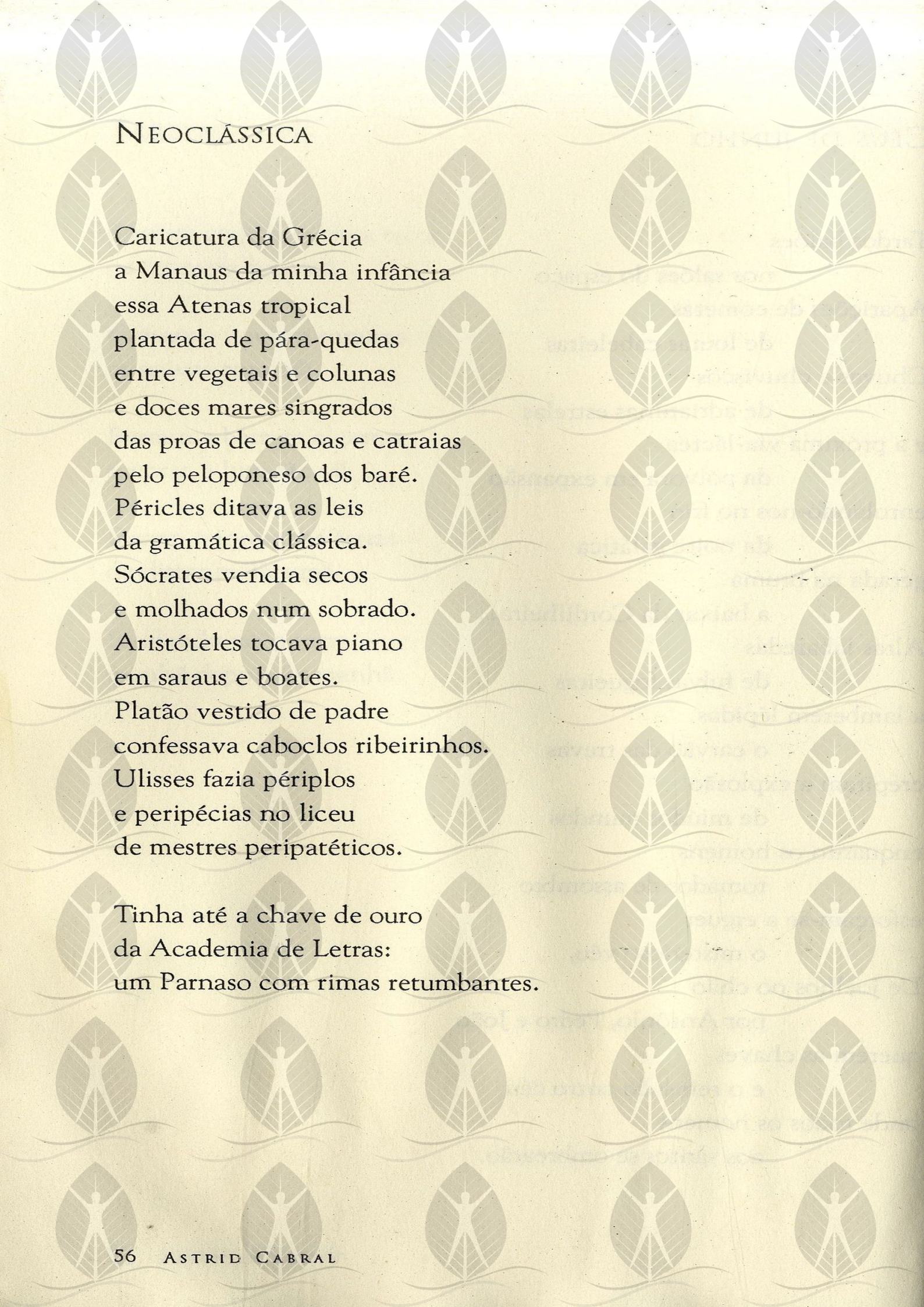
por Antônio, Pedro e João

querem as chaves

e o reino do outro céu

onde todos os homens

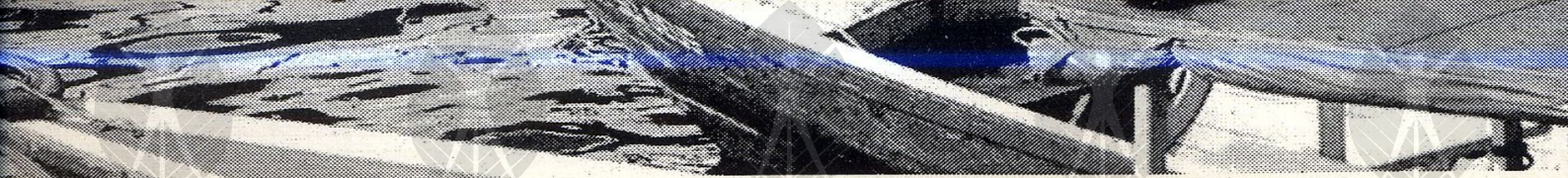
aos santos se ombrearão.



NEOCLÁSSICA

Caricatura da Grécia
a Manaus da minha infância
essa Atenas tropical
plantada de pára-quebras
entre vegetais e colunas
e doces mares singrados
das proas de canoas e catraias
pelo peloponeso dos baré.
Péricles ditava as leis
da gramática clássica.
Sócrates vendia secos
e molhados num sobrado.
Aristóteles tocava piano
em saraus e boates.
Platão vestido de padre
confessava caboclos ribeirinhos.
Ulisses fazia périplos
e peripécias no liceu
de mestres peripatéticos.

Tinha até a chave de ouro
da Academia de Letras:
um Parnaso com rimas retumbantes.



ÁGUA





MESOPOTÂMIA

Cresci na Mesopotâmia
(A de Nabucodonosor
não, a de que fala Agassis)
A casa entre duas pontes
o rio-mar lambendo o céu
os pés nos igarapés
os olhos nos olhos-d'água
sapos arraias e botos
nadando-me o sono sonho
grávido de luas naufragas.
Meus alicerces raízes
ali na terra ébria d'água.

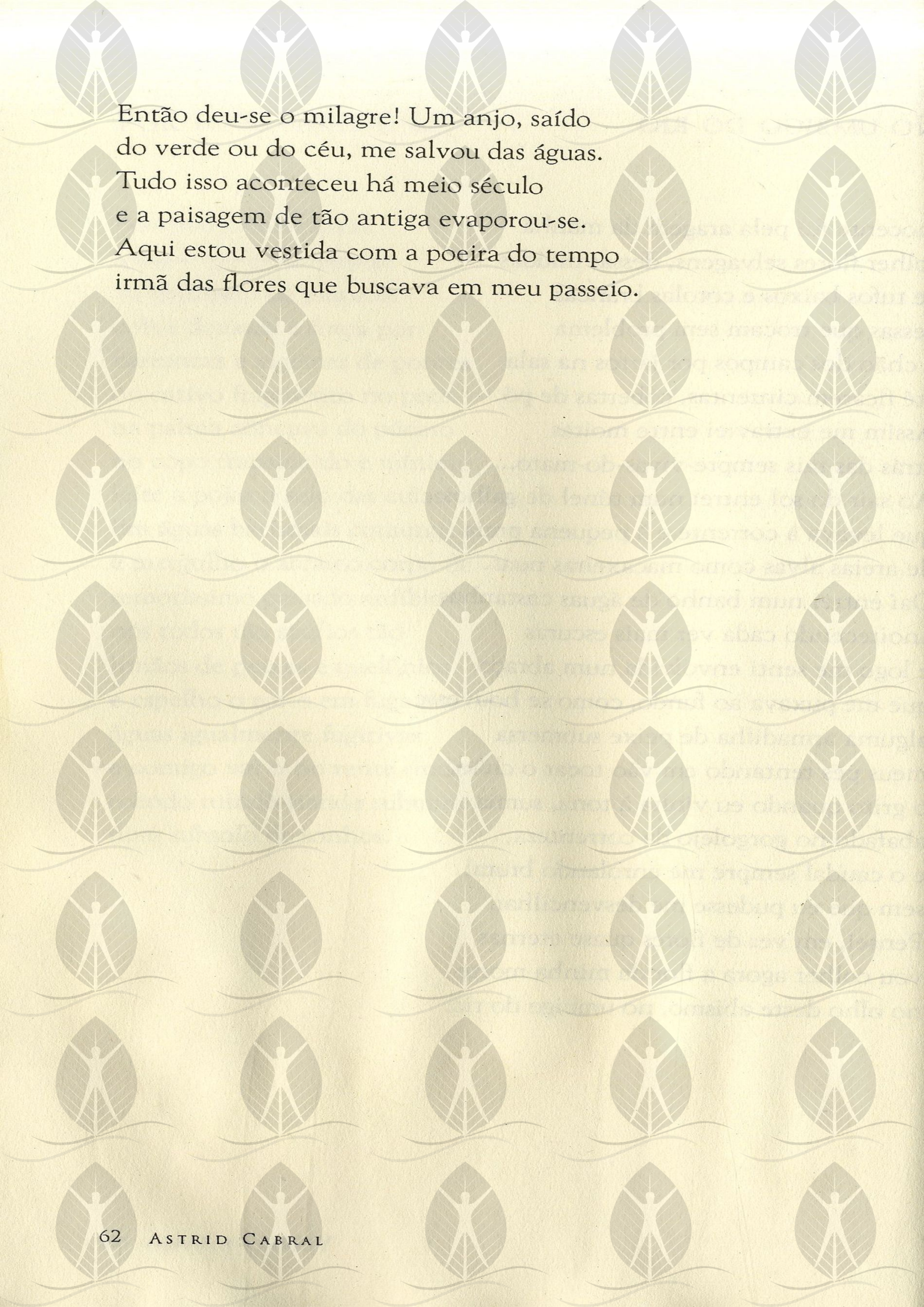


POR TODA PARTE O RIO

Por toda a parte o rio
solta serpente a rojar-se
na paisagem da planície
cobra domada à força por
barrancas e algemas de pontes
ou cativo fragmento no pote
na palma côncava do púcaro
no copo translúcido e mínimo
leite a pojar o seio das cuias.
Em águas batismais comungo
e mergulho o arcaico corpo de
remotíssimo passado anfíbio
nós todos tão sáurios tão
irmãos de peixes e quelônios
e espelho o rosto em fuga por
águas igualmente fugitivas
e comigo vai o rio rente rindo
roendo ruindo riando submim
num subsolo de sonhos.

NO UMBIGO DO RIO

Inocente fui pela aragem da manhã
colher flores selvagens, dessas miúdas
de tufos baixos e corolas brancas
dessas que trocam sem problema
o chão dos campos por jarros na sala
até ficarem cinzentas, cobertas de pó.
Assim me extraviei entre moitas
atrás das tais sempre-vivas-do-mato...
Ao sair do sol entrei num túnel de galhos
que levava à corrente e à pequena praia
de areias alvas como macaxeiras nuas.
Daí entrei num banho de águas castanhas
anoitecendo cada vez mais escuras
e logo me senti envolvida num abraço
que me puxava ao fundo, como se houvesse
alguma armadilha de peixe submersa
meus pés tentando em vão tocar o chão,
o grito quando eu vinha à tona, sumia
abafado no gorgolejo da correnteza,
e o caudal sempre me enrolando brutal
sem que eu pudesse me desvencilhar.
Pensei, em vez de flores quase eternas
vou colher agora a flor da minha morte
no olho deste abismo, no umbigo do rio.



Então deu-se o milagre! Um anjo, saído
do verde ou do céu, me salvou das águas.
Tudo isso aconteceu há meio século
e a paisagem de tão antiga evaporou-se.
Aqui estou vestida com a poeira do tempo
irmã das flores que buscava em meu passeio.



A BILHA ENCANTADA

Na mesa quando menina
a água posta em sossego:
sobre a toalha do almoço
um poço de barro e limo.
Ao inclinar-lhe o gargalo
improvisava uma fonte:
a linfa escorria fria
pingo de chuva vadia
com xixi de oculta jia.



O RIO COMO UM SEGREDO

Que placidez a da linfa
contida assim num jardim!
Roxa a flor da paixão
ali desponta a mirar-se:
no polido estanho do chão
a imagem da irmã gêmea
bóia trêmula nas águas.

Sob verdes baronêsas
o rio como um segredo.



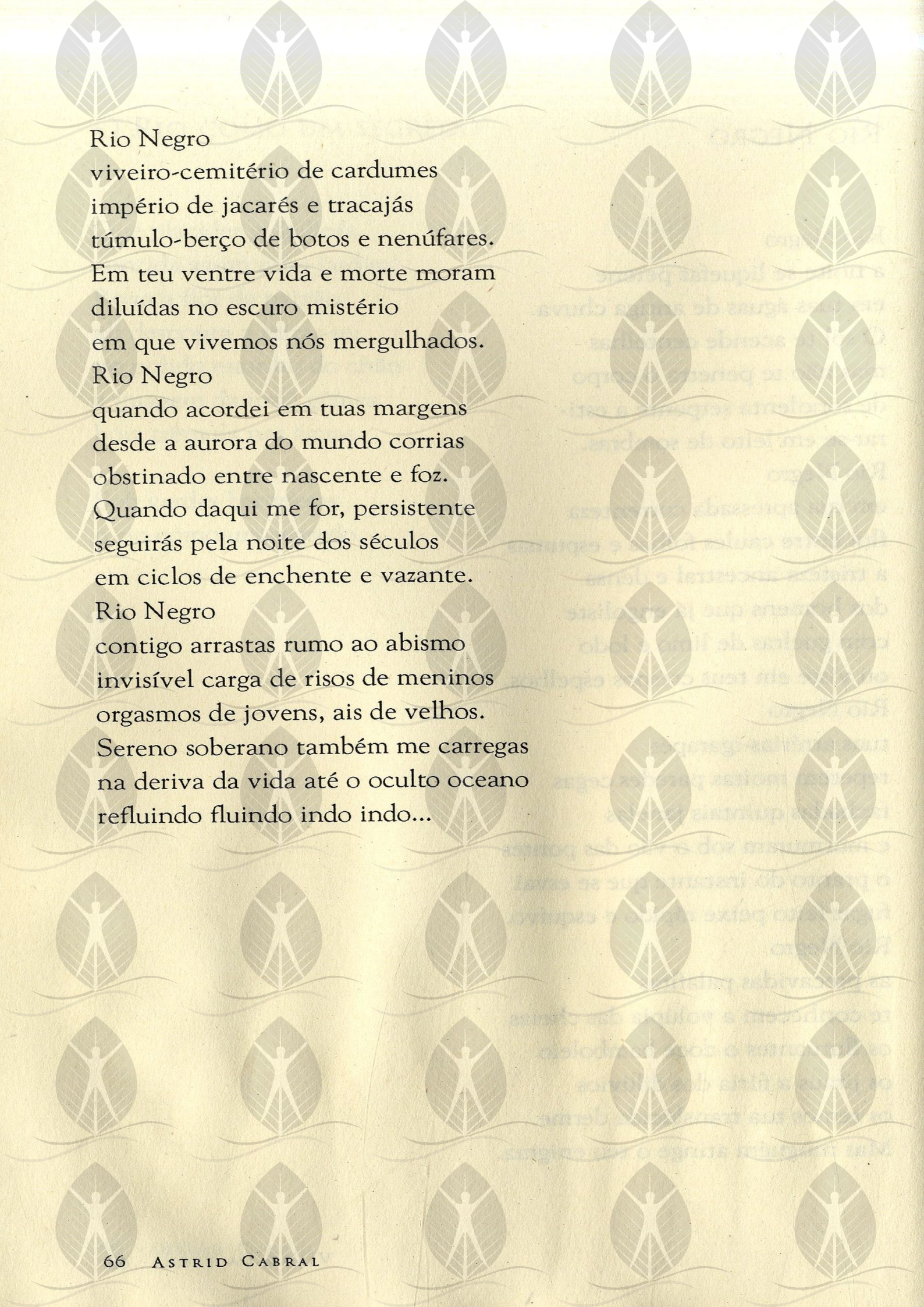
RIO NEGRO

Rio Negro
a noite se liquefaz perene
em tuas águas de antiga chuva.
O sol te acende centelhas
mas não te penetra o corpo
de sonolenta serpente a esti-
rar-se em leito de sombras.

Rio Negro
em tua apressada correnteza
flui entre caules folhas e espumas
a tristeza ancestral e densa
dos homens que já engoliste
com guelras de limo e lodo
ou viste em teus crespos espelhos.

Rio Negro
tuas artérias-igarapés
repetem moitas paredes cegas
fachadas quintais janelas
e murmuram sob o vão das pontes
o pranto do instante que se esvai
fugaz feito peixe rápido e esquivo.

Rio Negro
as precavidas palafitas
te conhecem a volúpia das cheias
os flutuantes o doce bamboleio
os jiraus a fúria dos dilúvios
os remos tua translúcida derme.
Mas ninguém atinge o teu enigma.



Rio Negro

viveiro-cemitério de cardumes
império de jacarés e tracajás
túmulo-berço de botos e nenúfares.

Em teu ventre vida e morte moram
diluídas no escuro mistério
em que vivemos nós mergulhados.

Rio Negro

quando acordei em tuas margens
desde a aurora do mundo corrias
obstinado entre nascente e foz.

Quando daqui me for, persistente
seguirás pela noite dos séculos
em ciclos de enchente e vazante.

Rio Negro

contigo arrastas rumo ao abismo
invisível carga de risos de meninos
orgasmos de jovens, ais de velhos.

Sereno soberano também me carregas
na deriva da vida até o oculto oceano
refluindo fluindo indo indo...



FRONTEIRAS DO AMAZONAS

A quilha do barco fendia
o segredo da eterna noite
na pele escura do Negro.

A quilha do barco cortava
o sempre sol do Solimões
na pele clara de barro.

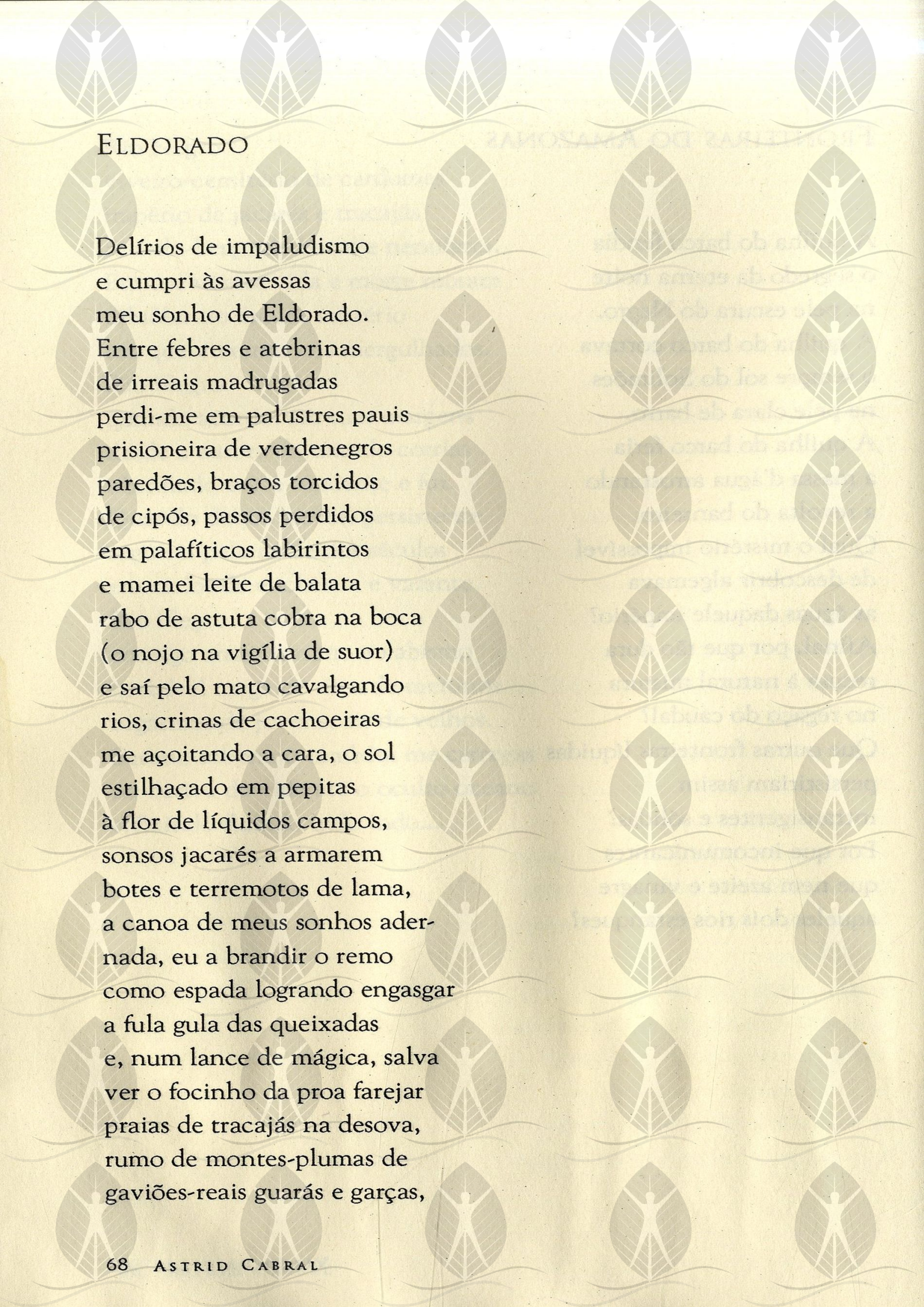
A quilha do barco feria
a massa d'água arrostando
a revolta do banzeiro.

Qual o mistério impossível
de descobrir algemava
as águas daquele império?

Afinal, por que tão dura
recusa à natural mistura
no regaço do caudal?

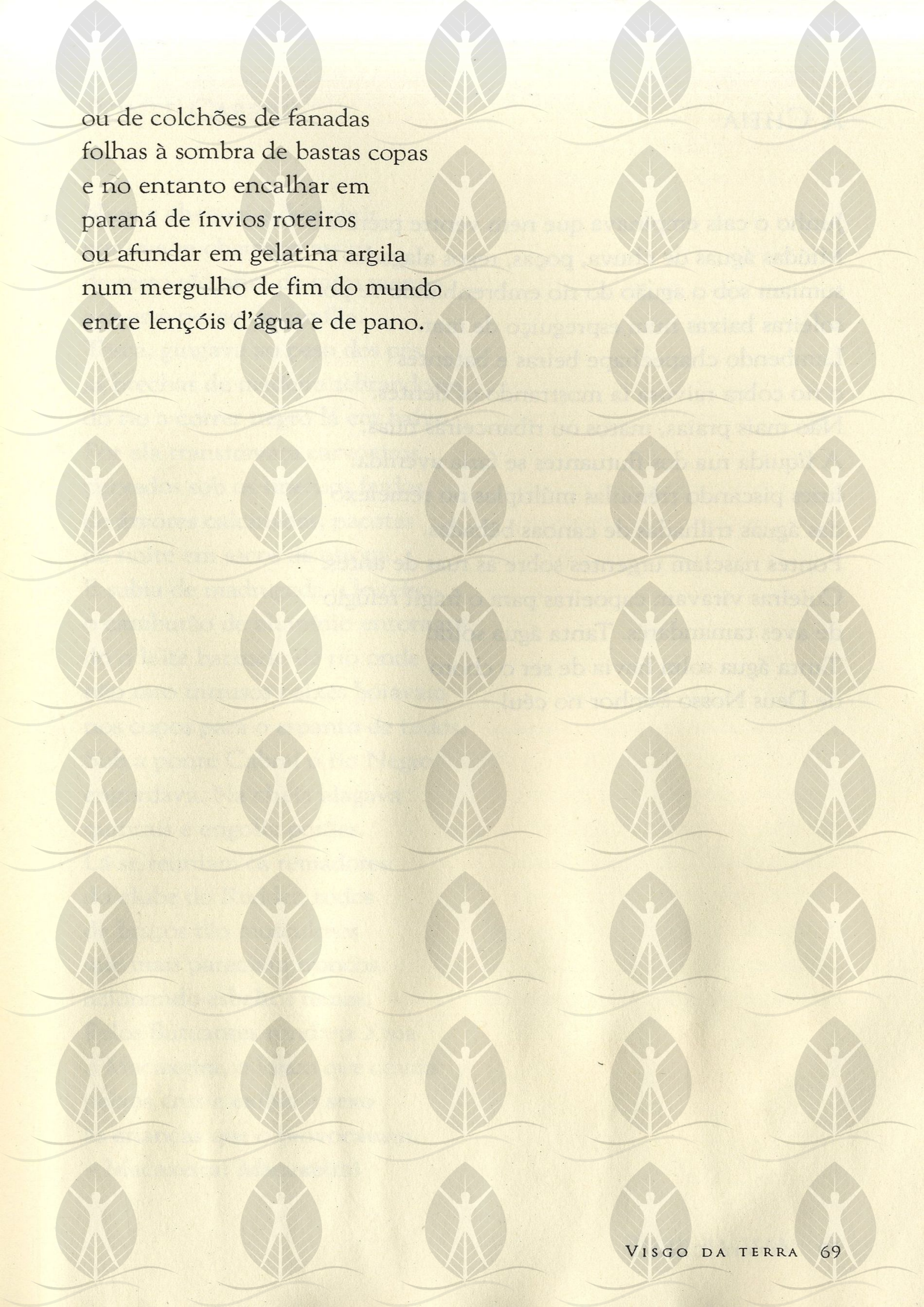
Que outras fronteiras líquidas
persistiriam assim
intransigentes e sólidas?

Por que incomunicantes
que nem azeite e vinagre
aqueles dois rios estanques?

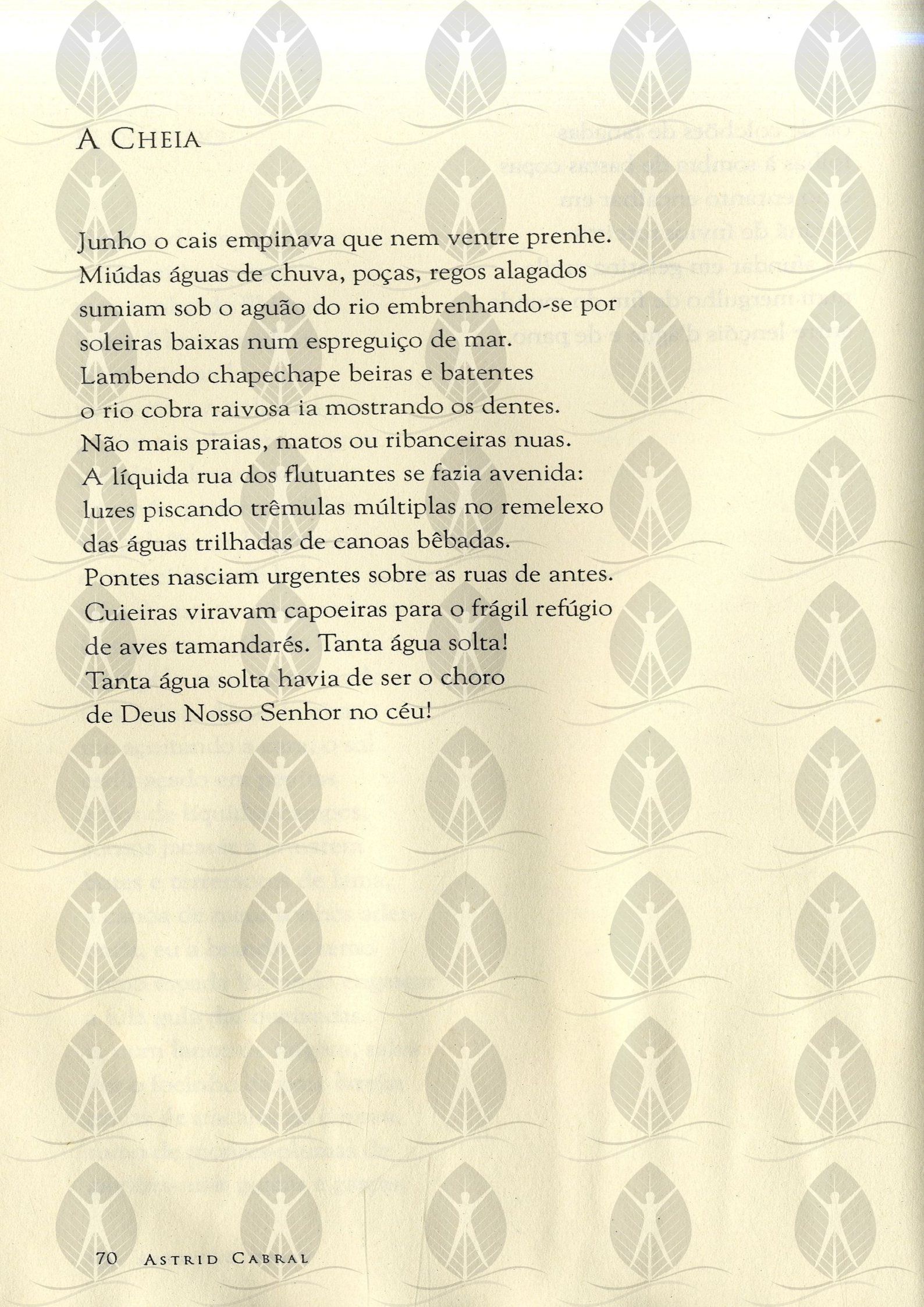


ELDORADO

Delírios de impaludismo
e cumpro às avessas
meu sonho de Eldorado.
Entre febres e atebrinas
de irreais madrugadas
perdi-me em palustres pauis
prisioneira de verdenegros
paredões, braços torcidos
de cipós, passos perdidos
em palafíticos labirintos
e mamei leite de balata
rabo de astuta cobra na boca
(o nojo na vigília de suor)
e saí pelo mato cavalgando
rios, crinas de cachoeiras
me açoitando a cara, o sol
estilhaçado em pepitas
à flor de líquidos campos,
sonsos jacarés a armarem
botes e terremotos de lama,
a canoa de meus sonhos ader-
nada, eu a brandir o remo
como espada logrando engasgar
a fula gula das queixadas
e, num lance de mágica, salva
ver o focinho da proa farejar
praias de tracajás na desova,
rumo de montes-plumas de
gaviões-reais guarás e garças,



ou de colchões de fanadas
folhas à sombra de bastas copas
e no entanto encahar em
paraná de ínvios roteiros
ou afundar em gelatina argila
num mergulho de fim do mundo
entre lençóis d'água e de pano.



A CHEIA

Junho o cais empinava que nem ventre prenhe.
Miúdas águas de chuva, poças, regos alagados
sumiam sob o aguão do rio embrenhando-se por
soleiras baixas num espreguiço de mar.
Lambendo chapechape beiras e batentes
o rio cobra raivosa ia mostrando os dentes.
Não mais praias, matos ou ribanceiras nuas.
A líquida rua dos flutuantes se fazia avenida:
luzes piscando trêmulas múltiplas no remelexo
das águas trilhadas de canoas bêbadas.
Pontes nasciam urgentes sobre as ruas de antes.
Cuieiras viravam capoeiras para o frágil refúgio
de aves tamandarés. Tanta água solta!
Tanta água solta havia de ser o choro
de Deus Nosso Senhor no céu!

PONTE CABRAL

Nunca cheguei a descobrir
por que se chamava assim
de resto tão afim de mim mesma
sob esse nome de família.

Tosca, gingava ao peso dos pés
as brechas de madeira zebrando-se
do rio a correr negro lá em baixo.

Por ela transitavam carvoeiros
curvados sob os imensos fardos
de árvores calcinadas, pacotes
de noite em sacos de estopa.

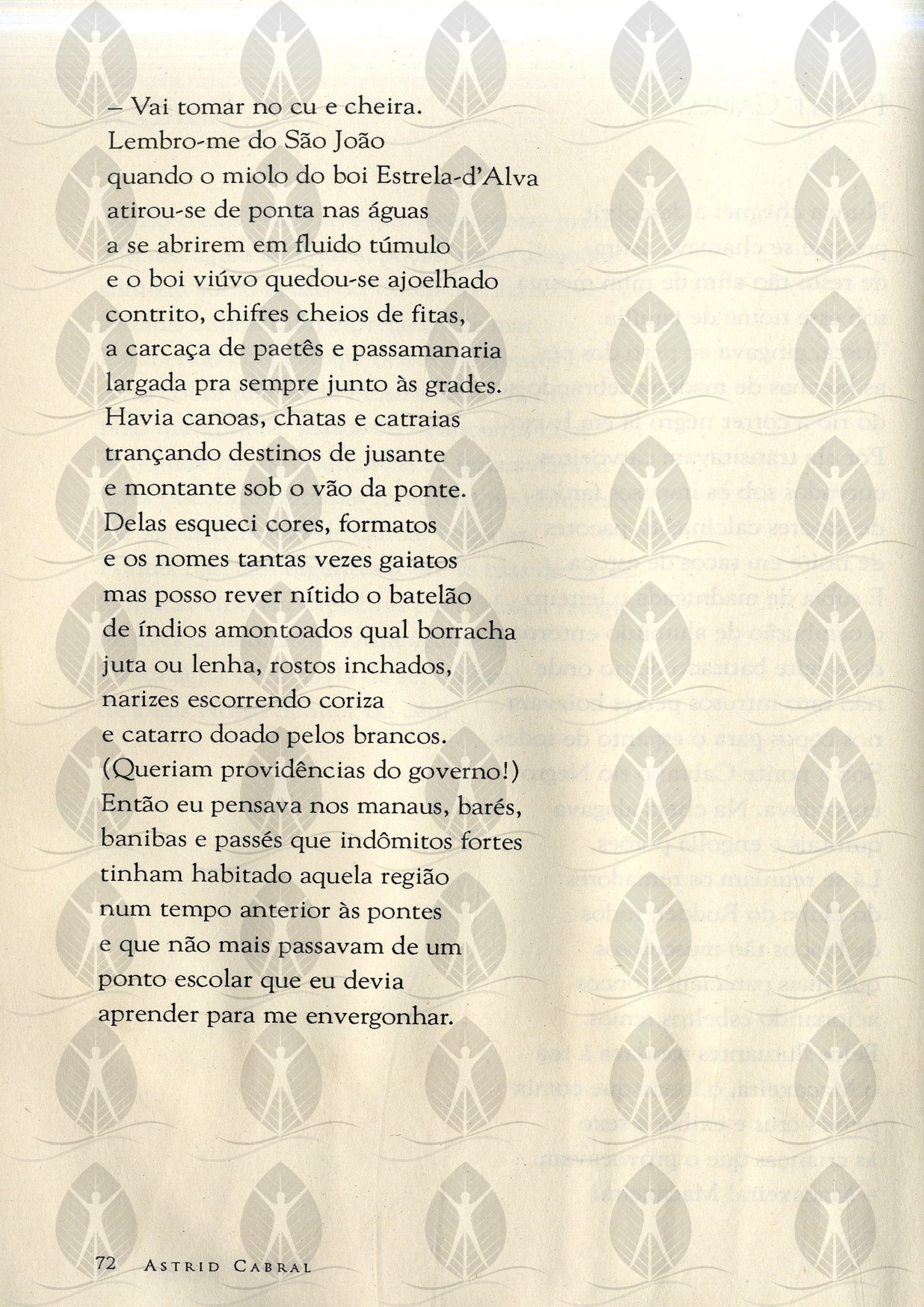
E subia de madrugada o leiteiro
o camburão de alumínio entornan-
do o leite batizado de rio onde
não raro intrusos peixes boiavam
nos copos para o espanto de todos.

Sob a ponte Cabral o rio Negro
engordava. Na cheia alagava
quintais e engolia porões.

Lá se reuniam os remadores
do clube do Rudder, todos
de braços tão musculosos
que mais pareciam troncos
acionando esbeltos remos.

Pelos flutuantes rondava à toa
o Macaxeira, o louco que comia
peixes crus e exibia o sexo
às crianças que o provocavam.

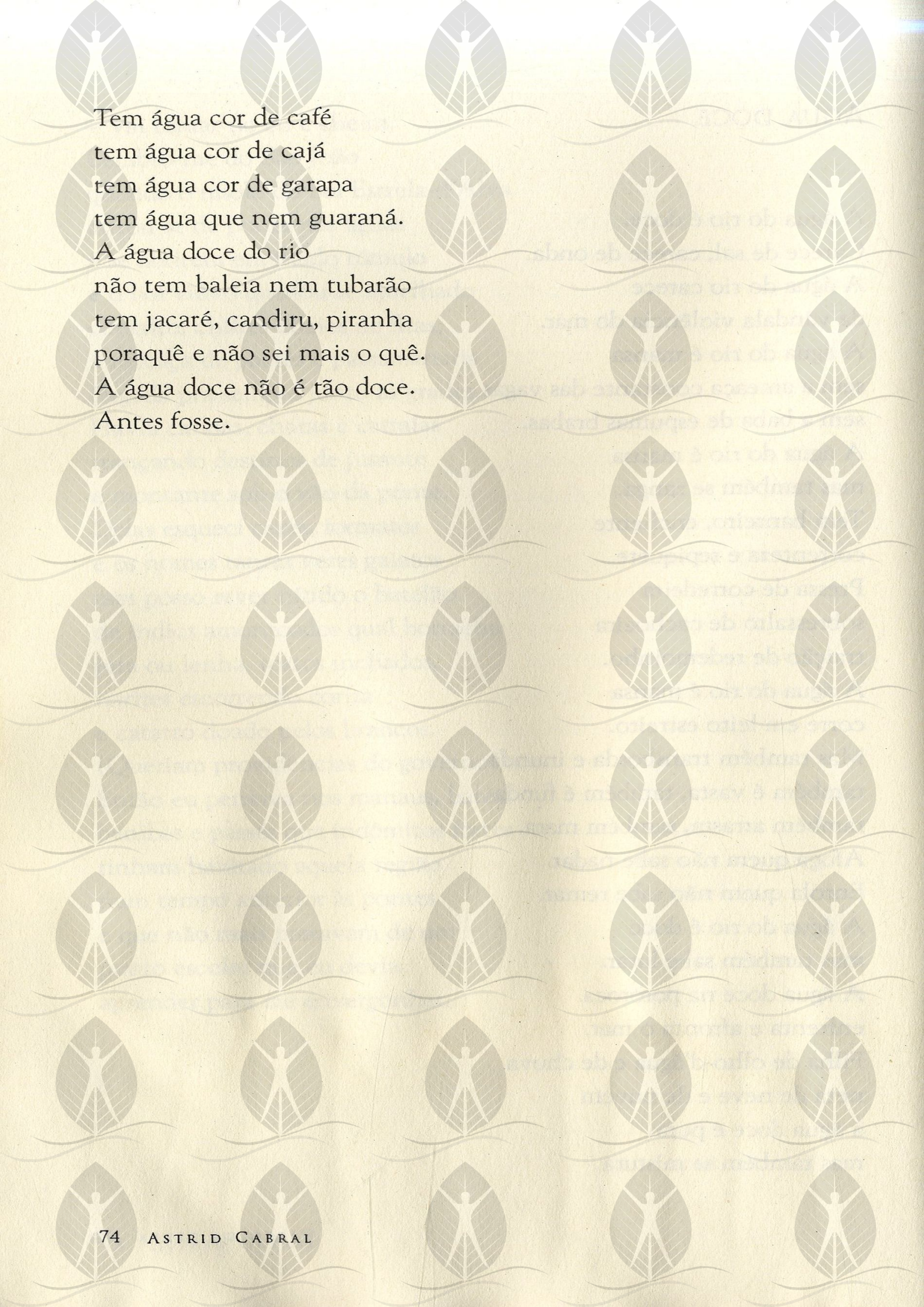
– Macaxeira! Macaxeira!



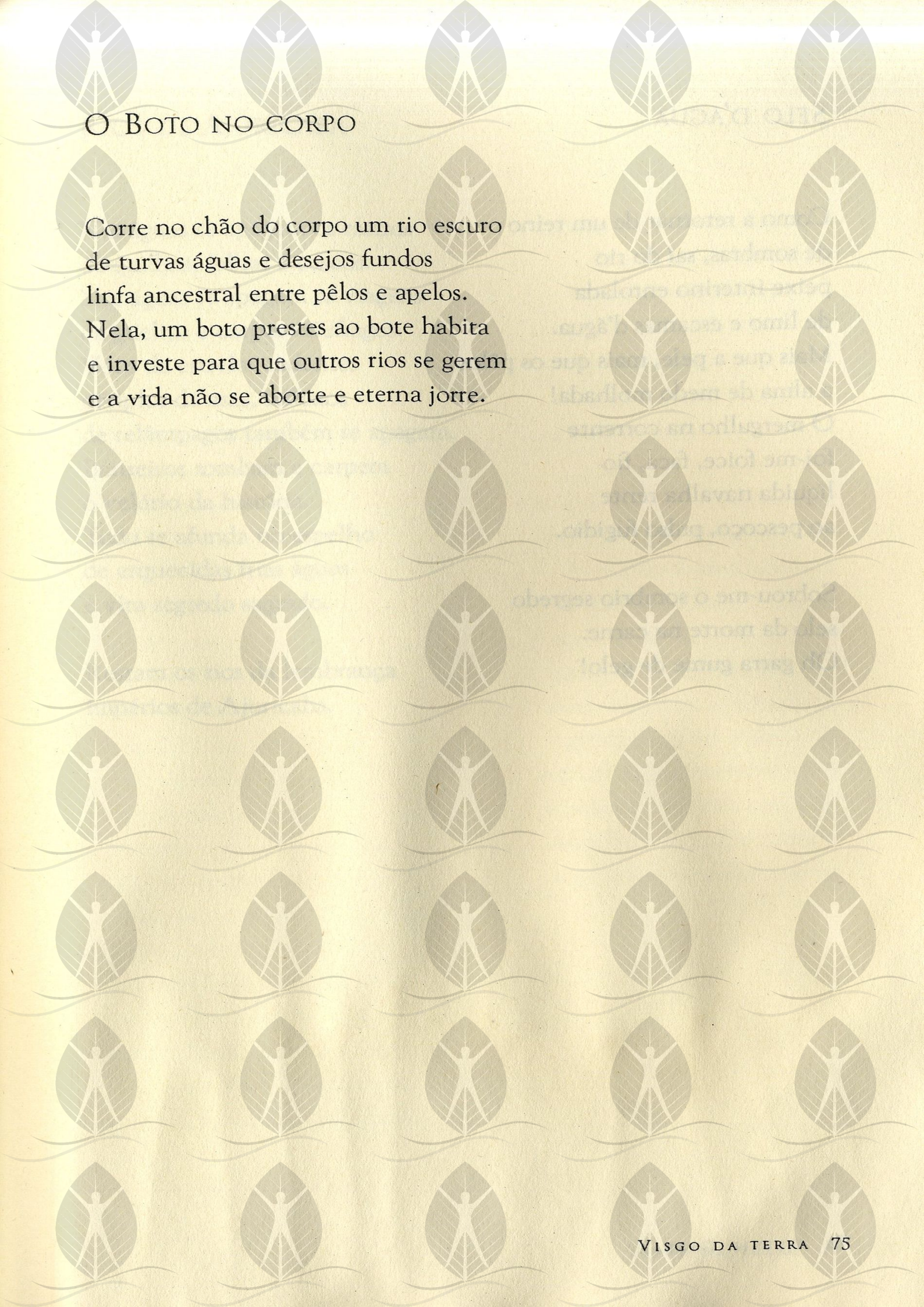
– Vai tomar no cu e cheira.
Lembro-me do São João
quando o miolo do boi Estrela-d’Alva
atirou-se de ponta nas águas
a se abrirem em fluido túmulo
e o boi viúvo quedou-se ajoelhado
contrito, chifres cheios de fitas,
a carcaça de paetês e passamanaria
largada pra sempre junto às grades.
Havia canoas, chatas e catraias
trançando destinos de jusante
e montante sob o vão da ponte.
Delas esqueci cores, formatos
e os nomes tantas vezes gaiatos
mas posso rever nítido o batelão
de índios amontoados qual borracha
juta ou lenha, rostos inchados,
narizes escorrendo coriza
e catarro doado pelos brancos.
(Queriam providências do governo!)
Então eu pensava nos manaus, barés,
banibas e passês que indômitos fortes
tinham habitado aquela região
num tempo anterior às pontes
e que não mais passavam de um
ponto escolar que eu devia
aprender para me envergonhar.

ÁGUA DOCE

A água do rio é doce.
Carece de sal, carece de onda.
A água do rio carece
da vândala violência do mar.
A água do rio é mansa
sem a ameaça constante das vagas
sem a baba de espumas brabas.
A água do rio é mansa
mas também se zanga.
Tem banzeiro, enchente
correnteza e repiquete.
Pressa de corredeira
sobressalto de cachoeira
traição de redemoinho.
A água do rio é mansa
corre em leito estreito.
Mas também transborda e inunda
também é vasta, também é funda
também arrasta, também mata.
Afoga quem não sabe nadar.
Enrola quem não sabe remar.
A água do rio é doce
mas também sabe lutar.
A água doce na pororoca
enfrenta e afronta o mar.
Filha de olho-d'água e de chuva
neta de neve e de nuvem
a água doce é pura
mas também se mistura.

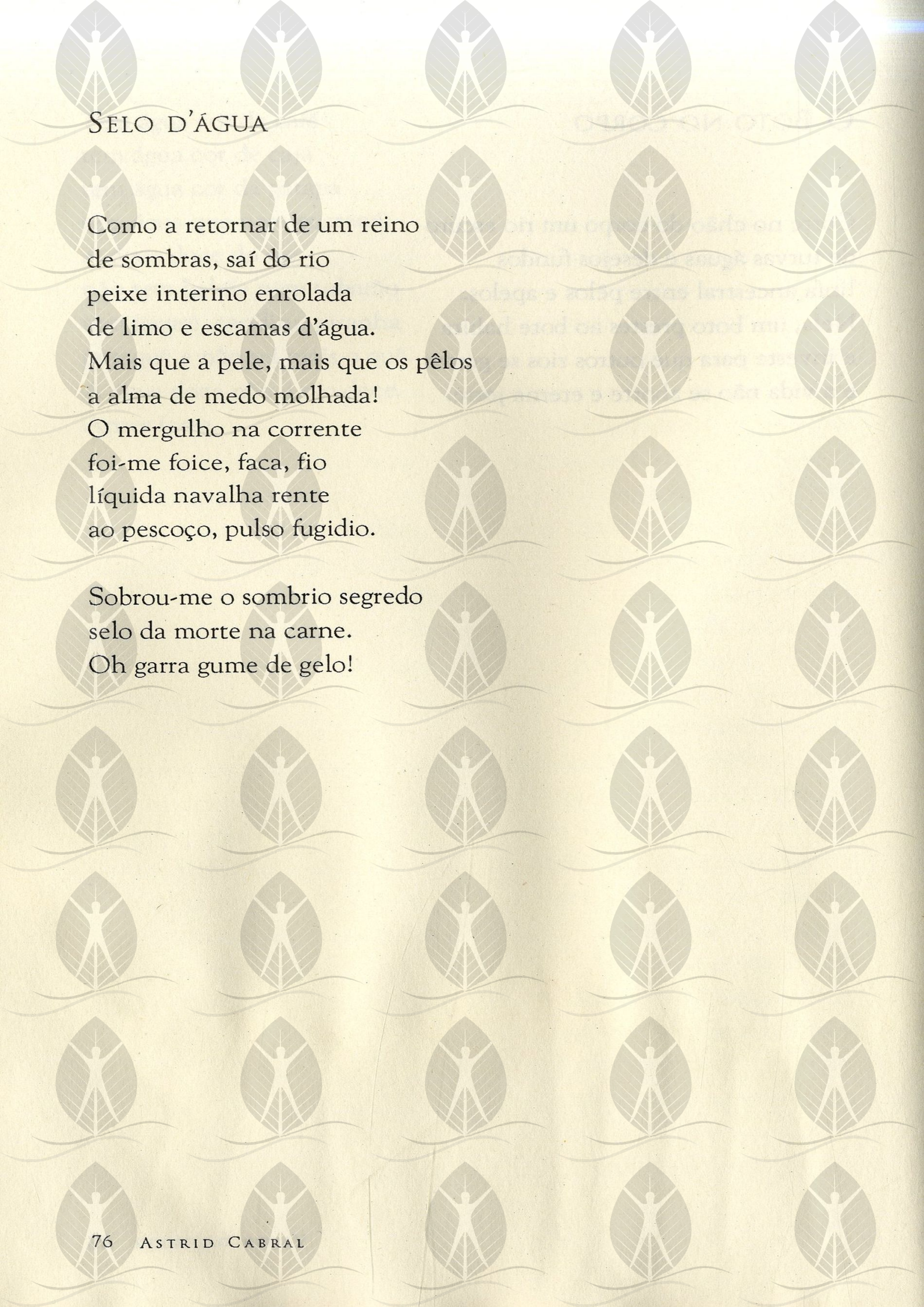


Tem água cor de café
tem água cor de cajá
tem água cor de garapa
tem água que nem guaraná.
A água doce do rio
não tem baleia nem tubarão
tem jacaré, candiru, piranha
poraquê e não sei mais o quê.
A água doce não é tão doce.
Antes fosse.



O BOTO NO CORPO

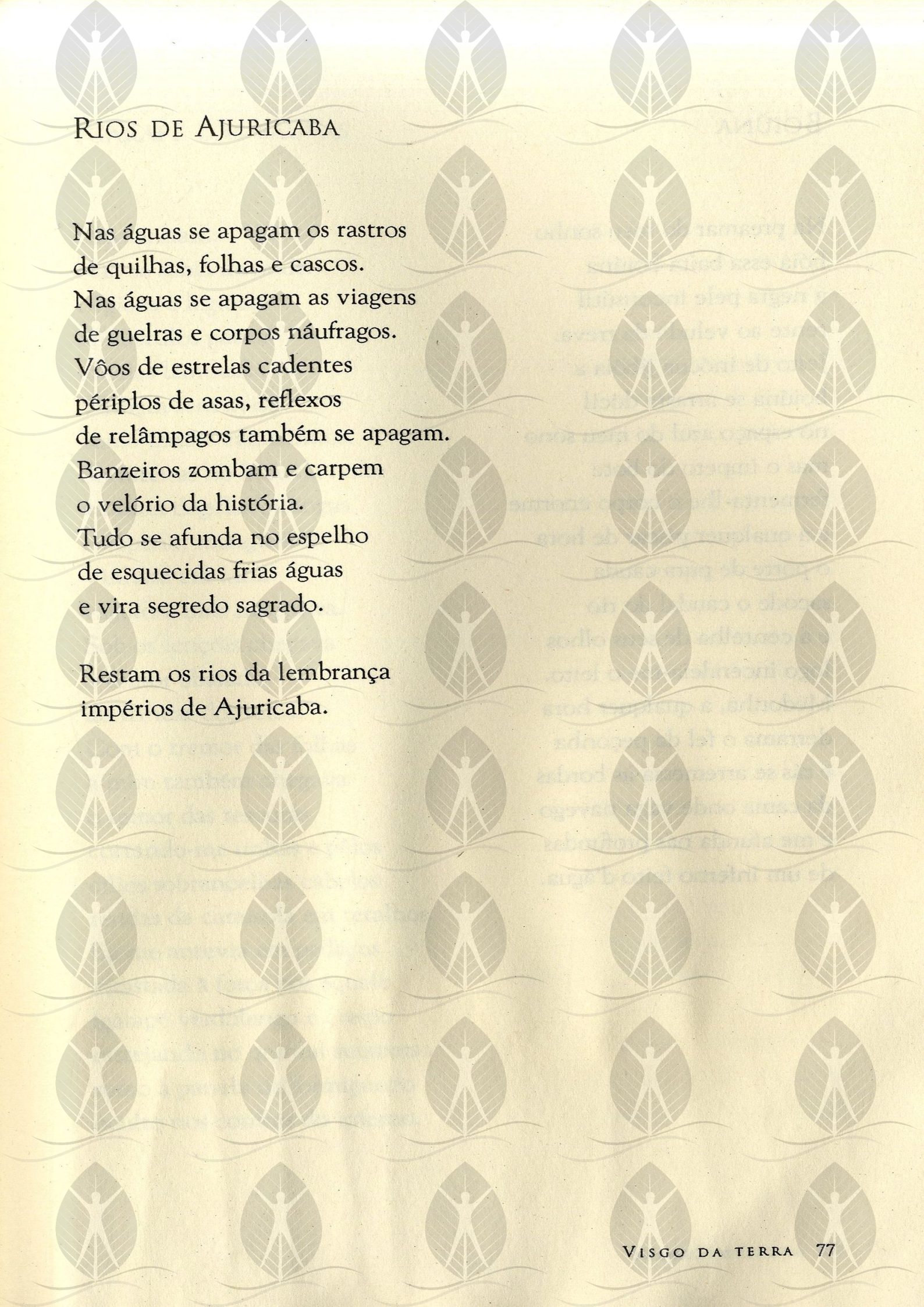
Corre no chão do corpo um rio escuro
de turvas águas e desejos fundos
linfa ancestral entre pêlos e apelos.
Nela, um boto prestes ao bote habita
e investe para que outros rios se gerem
e a vida não se aborte e eterna jorre.



SELO D'ÁGUA

Como a retornar de um reino
de sombras, saí do rio
peixe interino enrolada
de limo e escamas d'água.
Mais que a pele, mais que os pêlos
a alma de medo molhada!
O mergulho na corrente
foi-me foice, faca, fio
líquida navalha rente
ao pescoço, pulso fugidio.

Sobrou-me o sombrio segredo
selo da morte na carne.
Oh garra gume de gelo!



RIOS DE AJURICABA

Nas águas se apagam os rastros
de quilhas, folhas e cascos.

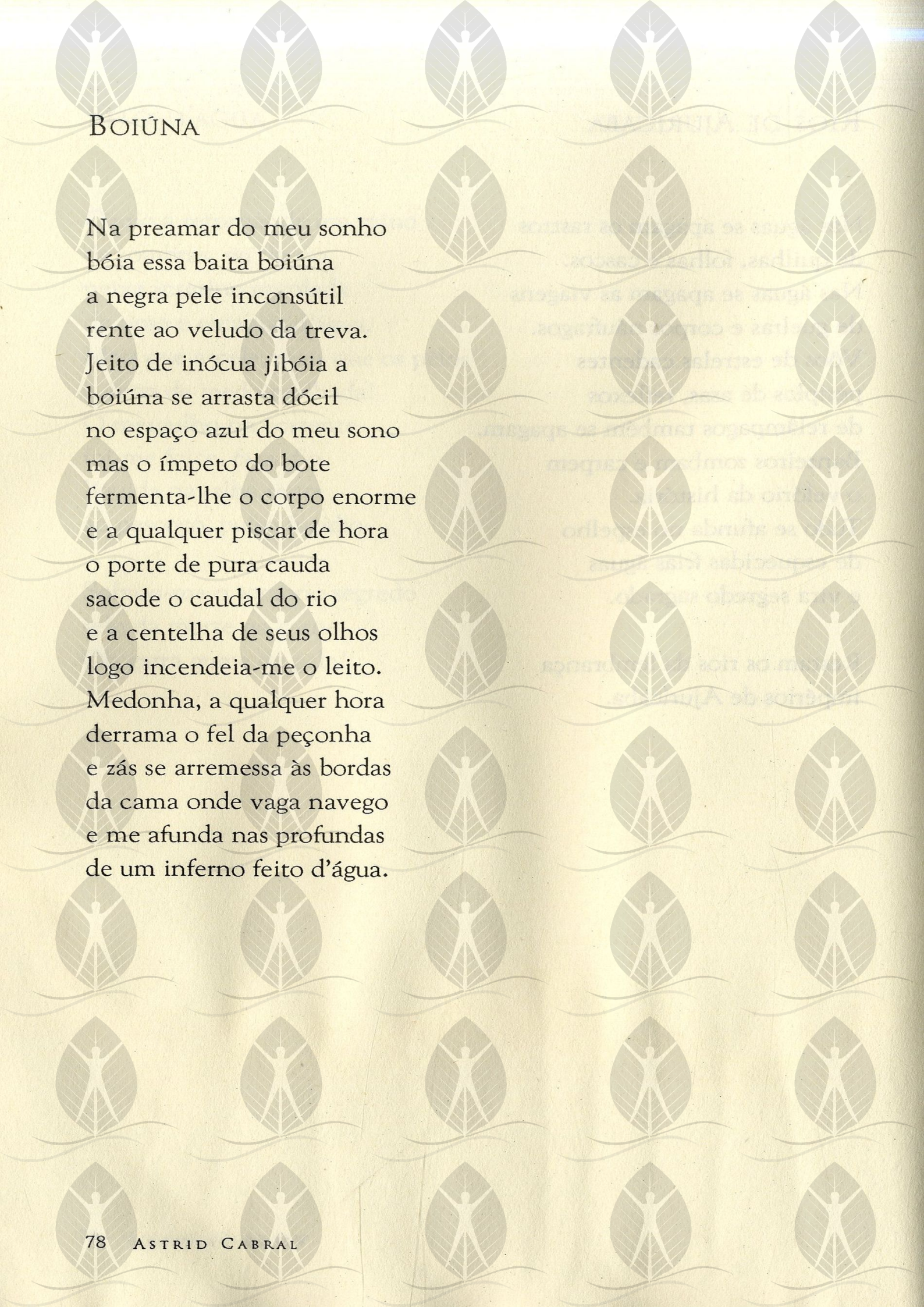
Nas águas se apagam as viagens
de guelras e corpos náufragos.

Vãos de estrelas cadentes
périplos de asas, reflexos
de relâmpagos também se apagam.

Banzeiros zombam e carpem
o velório da história.

Tudo se afunda no espelho
de esquecidas frias águas
e vira segredo sagrado.

Restam os rios da lembrança
impérios de Ajuricaba.



BOIÚNA

Na preamar do meu sonho
bóia essa baita boiúna
a negra pele inconsútil
rente ao veludo da treva.
Jeito de inócua jibóia a
boiúna se arrasta dócil
no espaço azul do meu sono
mas o ímpeto do bote
fermenta-lhe o corpo enorme
e a qualquer piscar de hora
o porte de pura cauda
sacode o caudal do rio
e a centelha de seus olhos
logo incendeia-me o leito.
Medonha, a qualquer hora
derrama o fel da peçonha
e zás se arremessa às bordas
da cama onde vaga navego
e me afunda nas profundas
de um inferno feito d'água.

IGARAPÉ DAS SAÚVAS

Elas vinham.
Não se sabia de onde.
Legiões e legiões:
minúsculos passos
miúdas lâminas...
Vinham sem aviso
como tantos cataclismos.
Sorradeiras no breu da noite
vinham degolar pitangas
e depenar mangueiras.
Vinham em fúria
vagarosa mas traiçoeira.
Sob os lençóis chegava
o rumor abafado
do trincar dos talos.
Com o tremor das folhas
a mim também chegava
o temor das tesouras
cortando-me unhas e pêlos
cílios sobrancelhas cabelos
rendas da camisola em retalhos.
Eu me antevia em pedaços
arrastada à força por aquele
igarapé verdolengo e crespo
rastejando no quintal submerso
rumo à panela do formigueiro
oculto nos confins do inferno.



SERENATA

Cai lá de cima o sereno
embrulhado no clarão
da lua cheia rainha

Cai sobre os ombros da rua
e das árvores fantasmas
pelos quintais e jardins

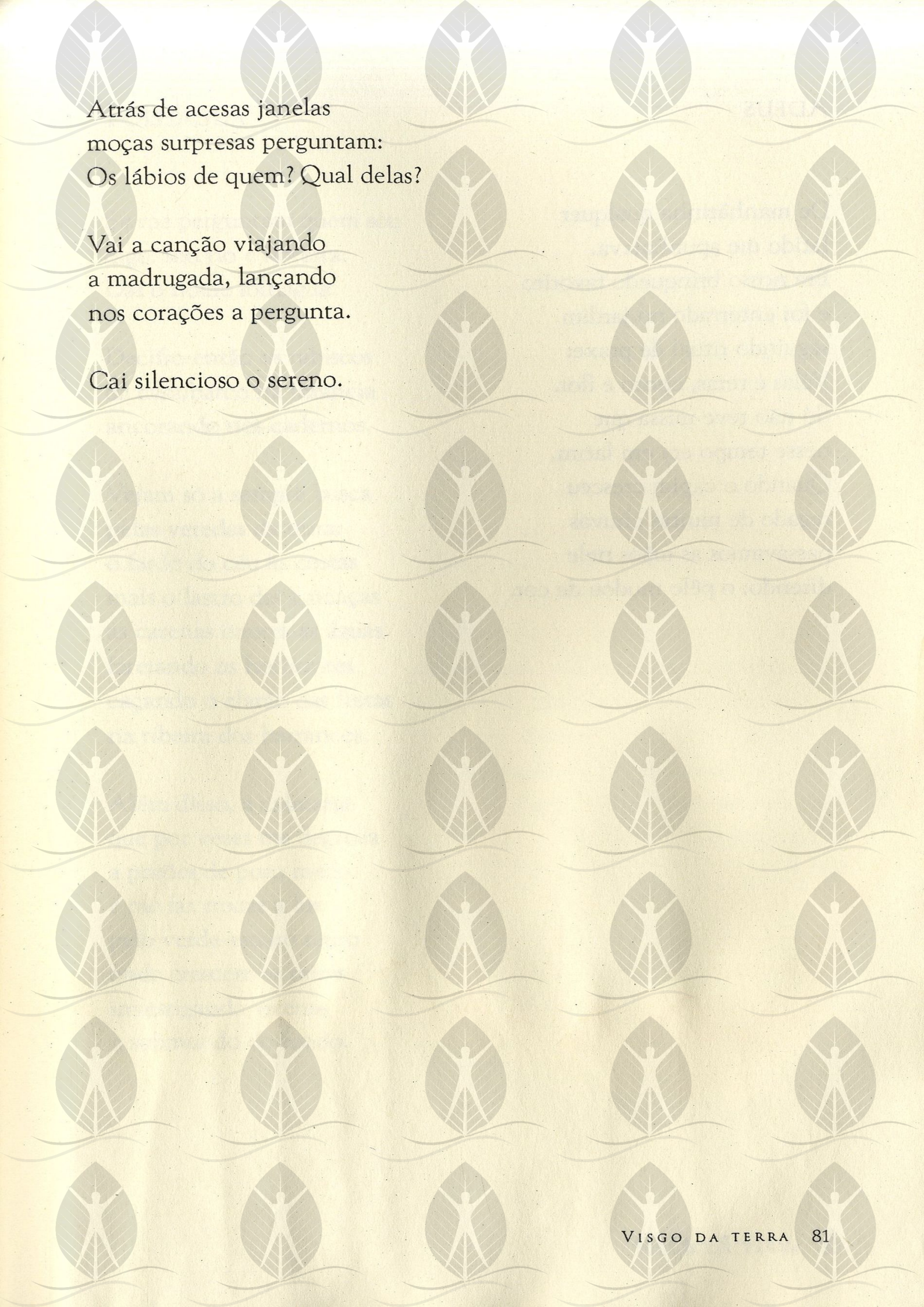
Cai sobre o terno dos músicos
lapelas de paletós
violões e bandolins

Mãos e gargantas, cordas e vozes
acordam a madrugada
muda com o sono dos galos.

*...! Qué bonitos ojos tienes
debajo de esas dos cejas
debajo de esas dos cejas...*

Atrás de cerradas janelas
moças perplexas perguntam:
Os olhos de quem? Qual delas?

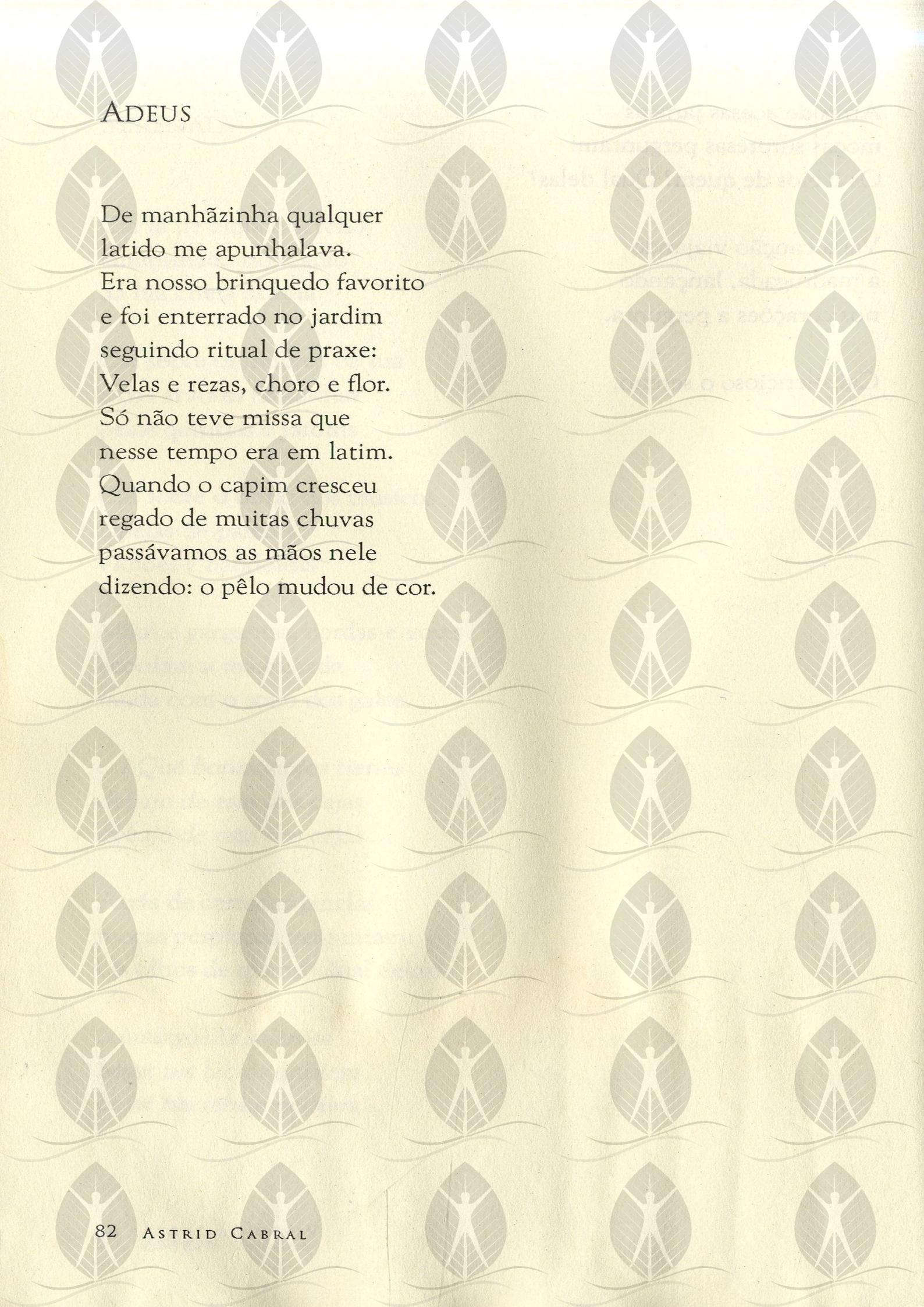
*...malagueña salerosa
besar tus labios quisiera
besar tus labios quisiera...*



Atrás de acesas janelas
moças surpresas perguntam:
Os lábios de quem? Qual delas?

Vai a canção viajando
a madrugada, lançando
nos corações a pergunta.

Cai silencioso o sereno.



ADEUS

De manhãzinha qualquer
latido me apunhalava.
Era nosso brinquedo favorito
e foi enterrado no jardim
seguindo ritual de praxe:
Velas e rezas, choro e flor.
Só não teve missa que
nesse tempo era em latim.
Quando o capim cresceu
regado de muitas chuvas
passávamos as mãos nele
dizendo: o pêlo mudou de cor.



FOLHÁGUA

Se me perguntam quem sou
digo: sou rio e floresta.

Daí o nome folhágua.

Decifro então os rabiscos
da casa/barco na infância
ancorando nos cadernos.

Vejam só a sempre busca
pelas veredas da terra:
o fardo do céu às costas
mais o lastro das barcaças
as carenas contra as águas
farejando os horizontes
caçando o clarão das festas
na ribeira dos barrancos.

Além disso, a calma
que por vezes me degreda
a porções de puro medo
e me faz trocar a luz
pelo verde-escuro muro
onde crescem as raízes
investigando serenas
o submundo do fundo.



ANFÍBIA

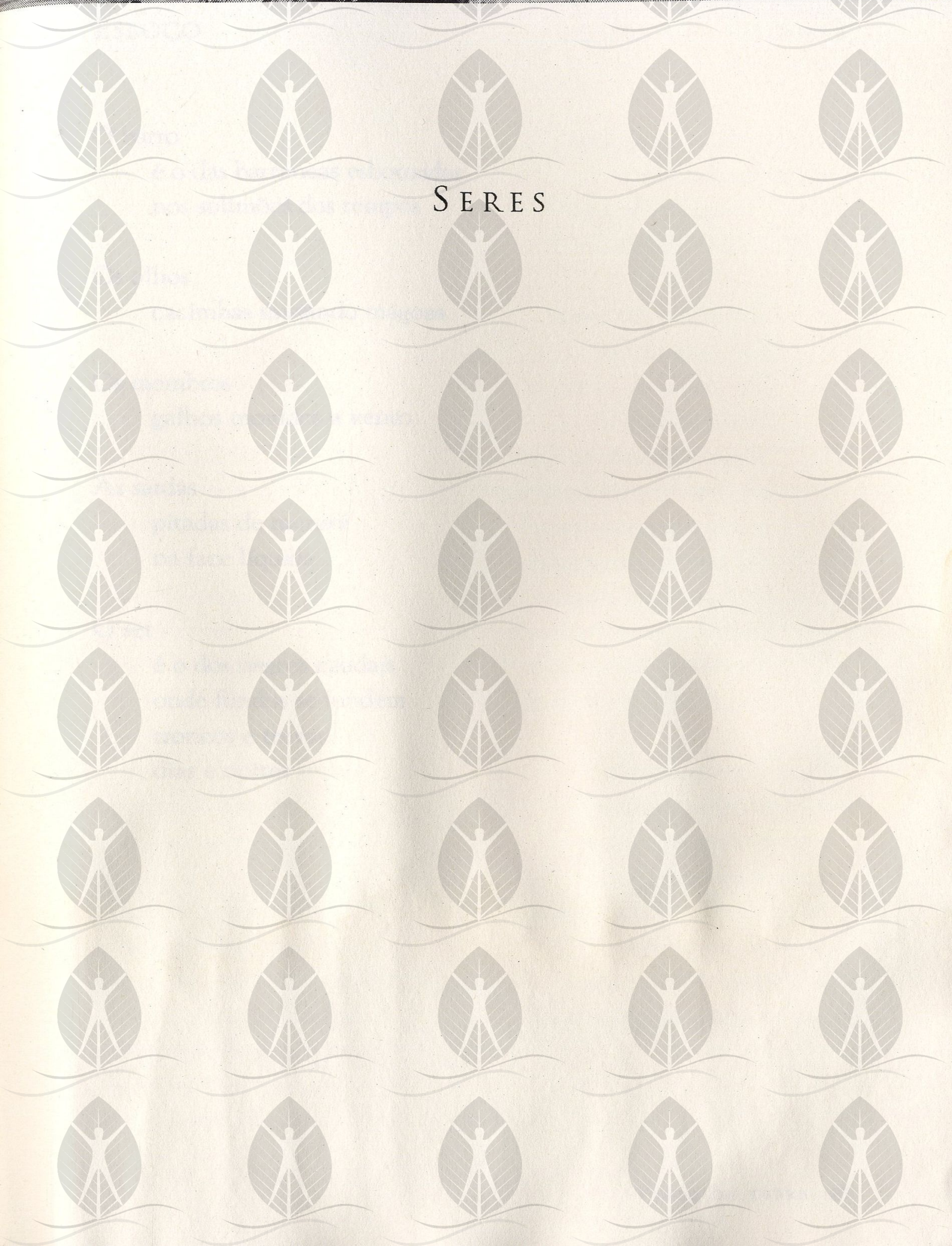
Tartaruga na rua das canoas
sigo entre baronesas e entre folhas
de cuieiras submersas sob chuvas
ex-nuvens provisórias e pesadas
despencando suicidas na paisagem
do quintal engolido no dilúvio.

Bracejo audaz às cócegas na face
e me lanço ao balanço de águas frias
varadas por cardumes de girinos.

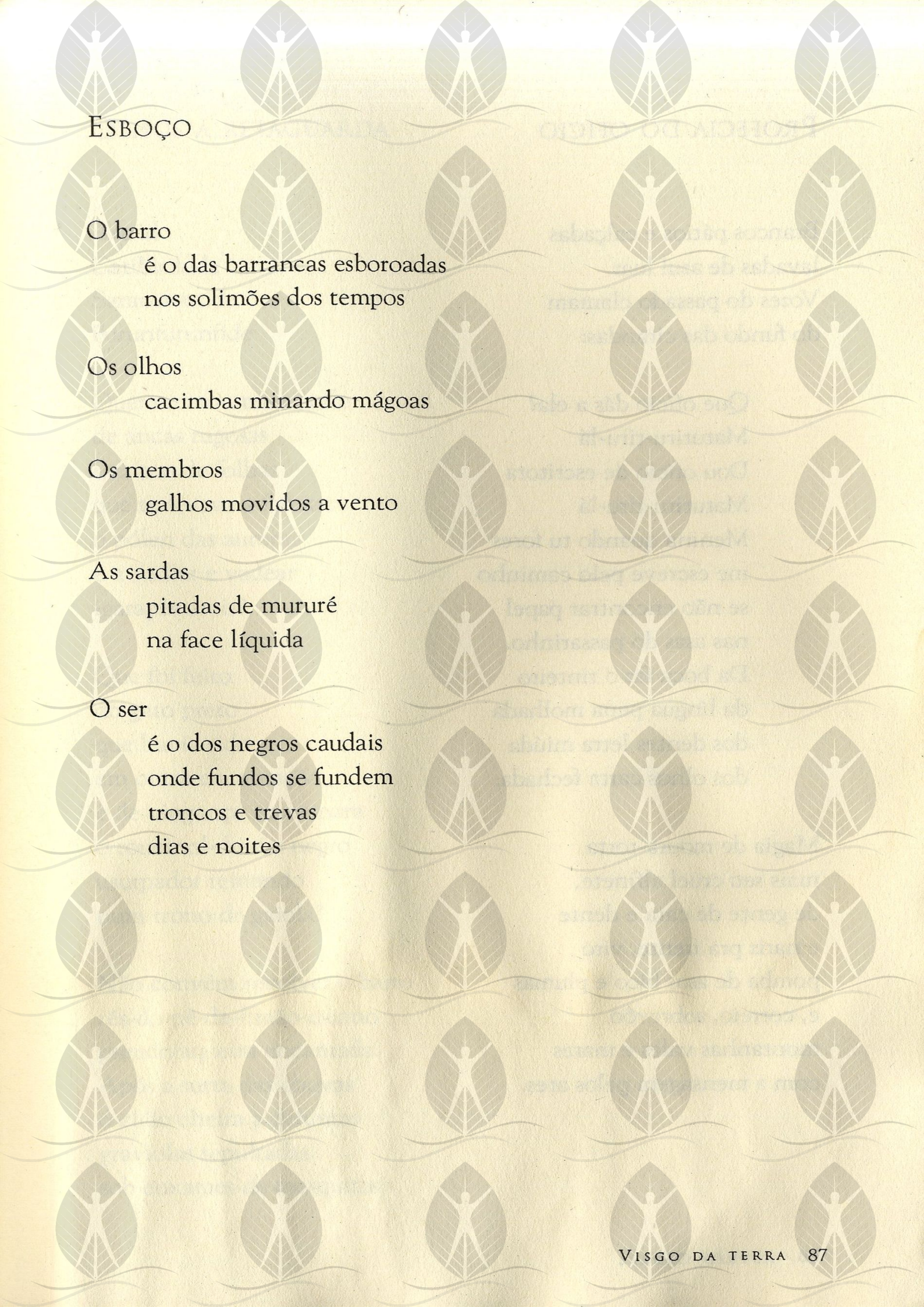
Este é meu reino, penso aliviada
até que alguns adultos me aprisionam

no curral de uma sala encortinada
e então massacram meu pendor anfíbio
com sermões e censuras bem mesquinhas
e ameaçam com a voracidade e a fúria
de poraquês, piranhas, jacarés.

Tudo para que em terra firme pise
essa menina irmã de tartarugas
tão inquilina dos igarapés.



SERES



ESBOÇO

O barro

é o das barrancas esboroadas
nos solimões dos tempos

Os olhos

cacimbas minando mágoas

Os membros

galhos movidos a vento

As sardas

pitadas de mururé
na face líquida

O ser

é o dos negros caudais
onde fundos se fundem
troncos e trevas
dias e noites



PROFECIA DO OFÍCIO

Branços pátios e calçadas
lavadas de azul luar.

Vozes do passado clamam
do fundo das cirandas:

Que ofício dás a ela?

Matutiru-tiru-lá

Dou ofício de escritora

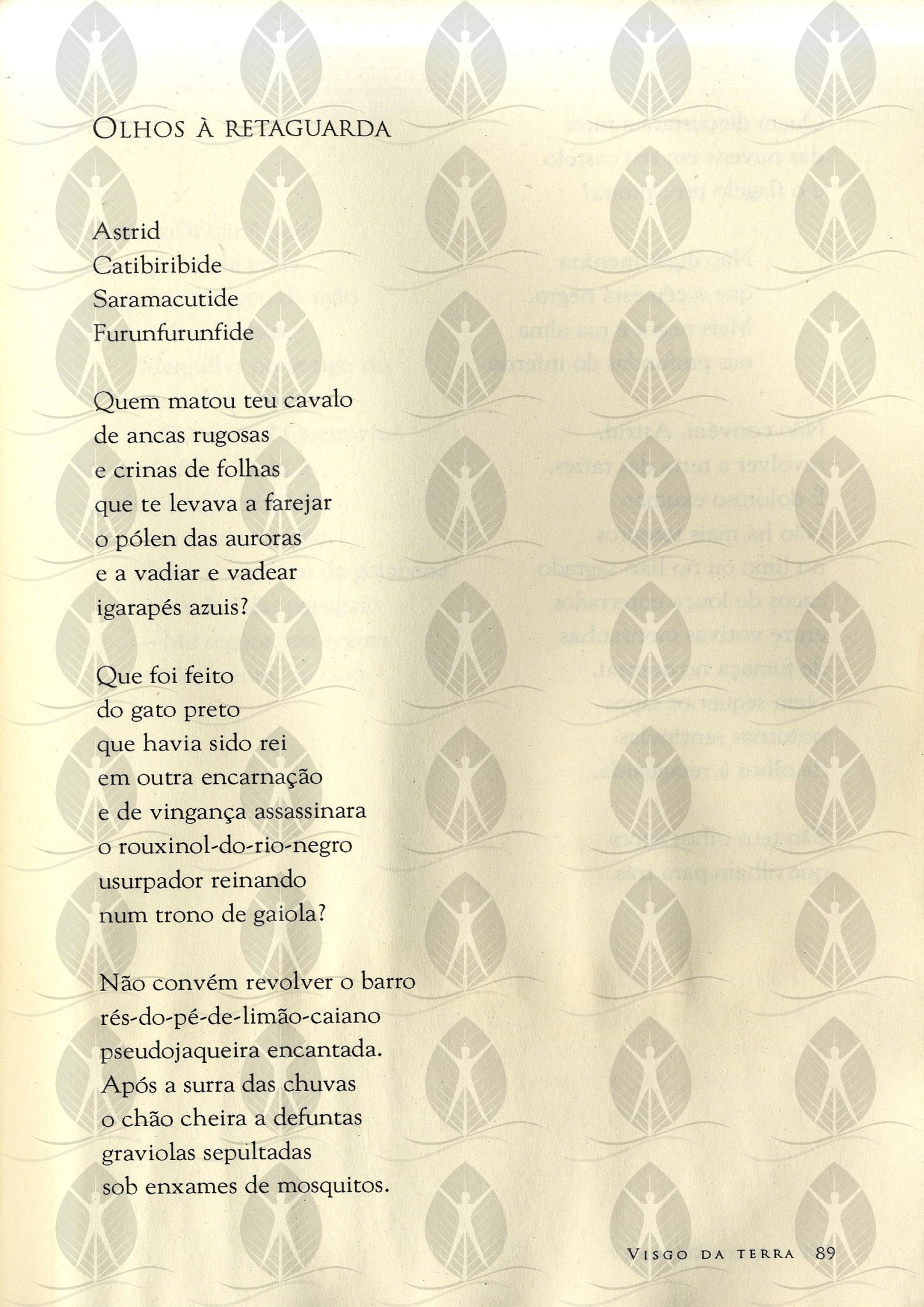
Matutiru-tiru-lá

Menina quando tu fores
me escreve pelo caminho

se não encontrar papel
nas asas do passarinho.

Da boca faz o tinteiro
da língua pena molhada
dos dentes letra miúda
dos olhos carta fechada.

Magia de moura-torta
mais seu cruel alfinete,
de gente de cara e dente
e nariz pra frente, viro
pombo de asas bico e plumas
e, correio, sobrevôo
montanhas vales e mares
com a mensagem pelos ares.



OLHOS À RETAGUARDA

Astrid

Catibiribide

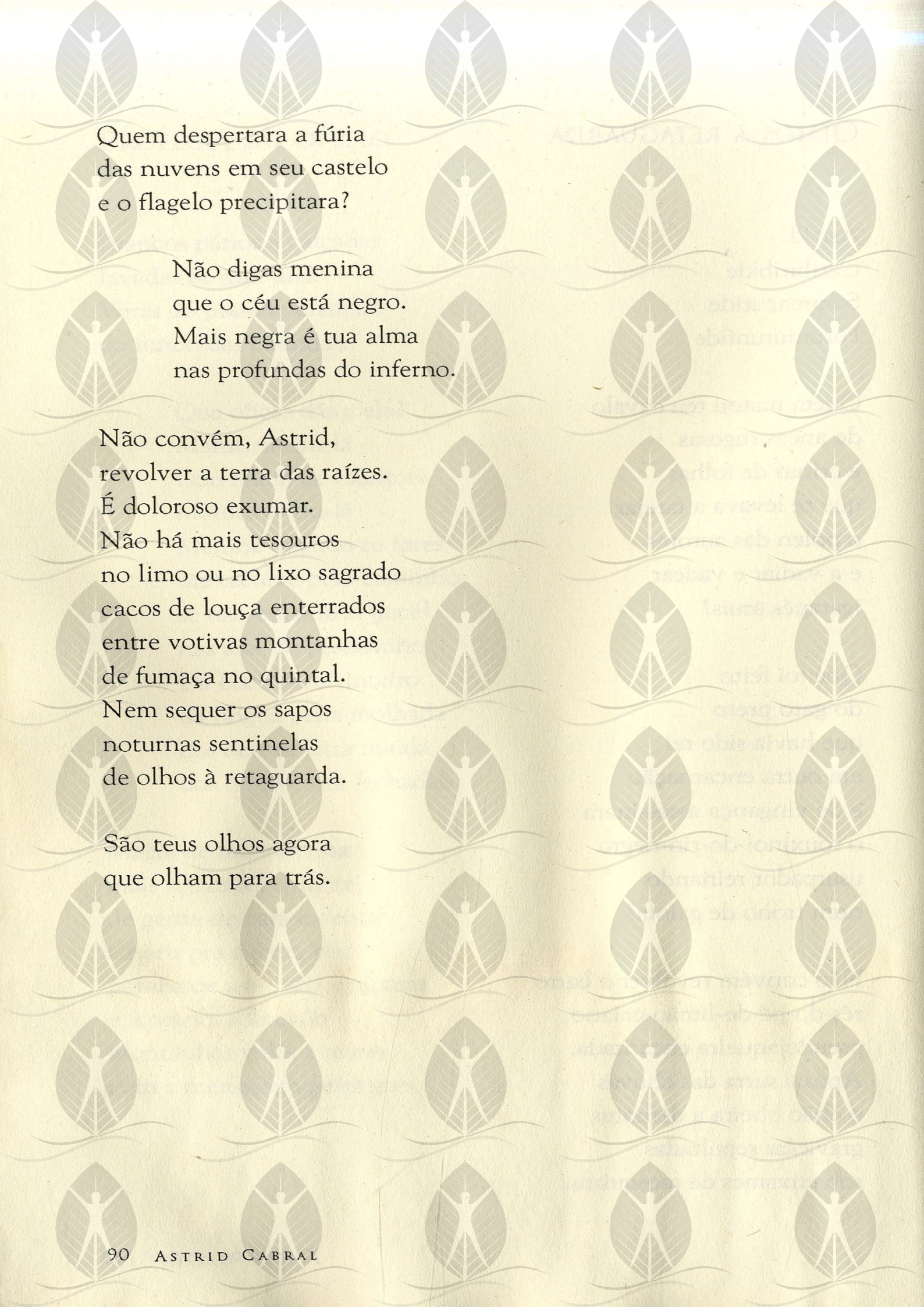
Saramacutide

Furunfurunfide

Quem matou teu cavalo
de ancas rugosas
e crinas de folhas
que te levava a farejar
o pólen das auroras
e a vadiar e vadear
igarapés azuis?

Que foi feito
do gato preto
que havia sido rei
em outra encarnação
e de vingança assassinara
o rouxinol-do-rio-negro
usurpador reinando
num trono de gaiola?

Não convém revolver o barro
rés-do-pé-de-limão-caiano
pseudojaqueira encantada.
Após a surra das chuvas
o chão cheira a defuntas
graviolas sepultadas
sob enxames de mosquitos.

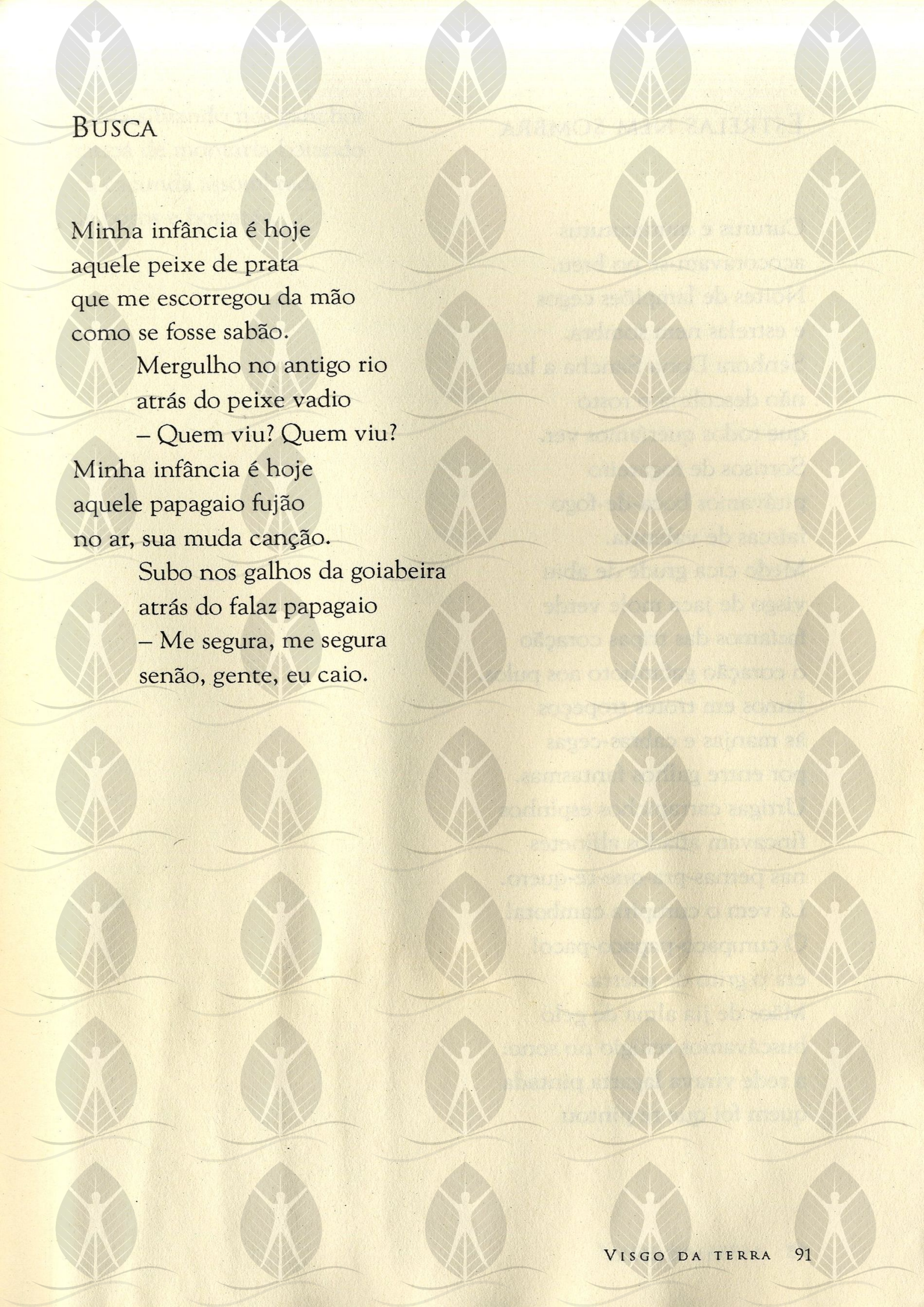


Quem despertara a fúria
das nuvens em seu castelo
e o flagelo precipitara?

Não digas menina
que o céu está negro.
Mais negra é tua alma
nas profundas do inferno.

Não convém, Astrid,
revolver a terra das raízes.
É doloroso exumar.
Não há mais tesouros
no limo ou no lixo sagrado
cacos de louça enterrados
entre votivas montanhas
de fumaça no quintal.
Nem sequer os sapos
noturnas sentinelas
de olhos à retaguarda.

São teus olhos agora
que olham para trás.



BUSCA

Minha infância é hoje
aquele peixe de prata
que me escorregou da mão
como se fosse sabão.

Mergulho no antigo rio
atrás do peixe vadio
– Quem viu? Quem viu?

Minha infância é hoje
aquele papagaio fujão
no ar, sua muda canção.

Subo nos galhos da goiabeira
atrás do falaz papagaio
– Me segura, me segura
senão, gente, eu caio.



ESTRELAS NEM SOMBRA

Cururus e murucututus
acocoravam-se no breu.
Noites de lampiões cegos
e estrelas nem sombra.
Senhora Dona Sancha a lua
não descobria o rosto
que todos queríamos ver.
Sorrisos de fogareiro
pitávamos boca-de-fogo
faíscas de valentia.
Medo cica grude de abiu
visgo de jaca mole verde
fazíamos das tripas coração
o coração gafanhoto aos pulos.
Íamos em trotes tropeços
às manjas e cabras-cegas
por entre galhos fantasmas.
Urtigas carrapichos espinhos
fincavam afiados alfinetes
nas pernas-pra-que-te-quero.
Lá vem o curupira cambota!
O curupaco-papaco-paco!
era o grito de guerra.
Mãos de jia alma de gelo
buscávamos refúgio no sono:
a rede virava lagarta pintada
quem foi que te pintou

jibóia silvando nos ganchos
canao de montaria boiando
na cacunda assombrada
de botos e boitatás.



POEMA NA LÍNGUA DO PÊ

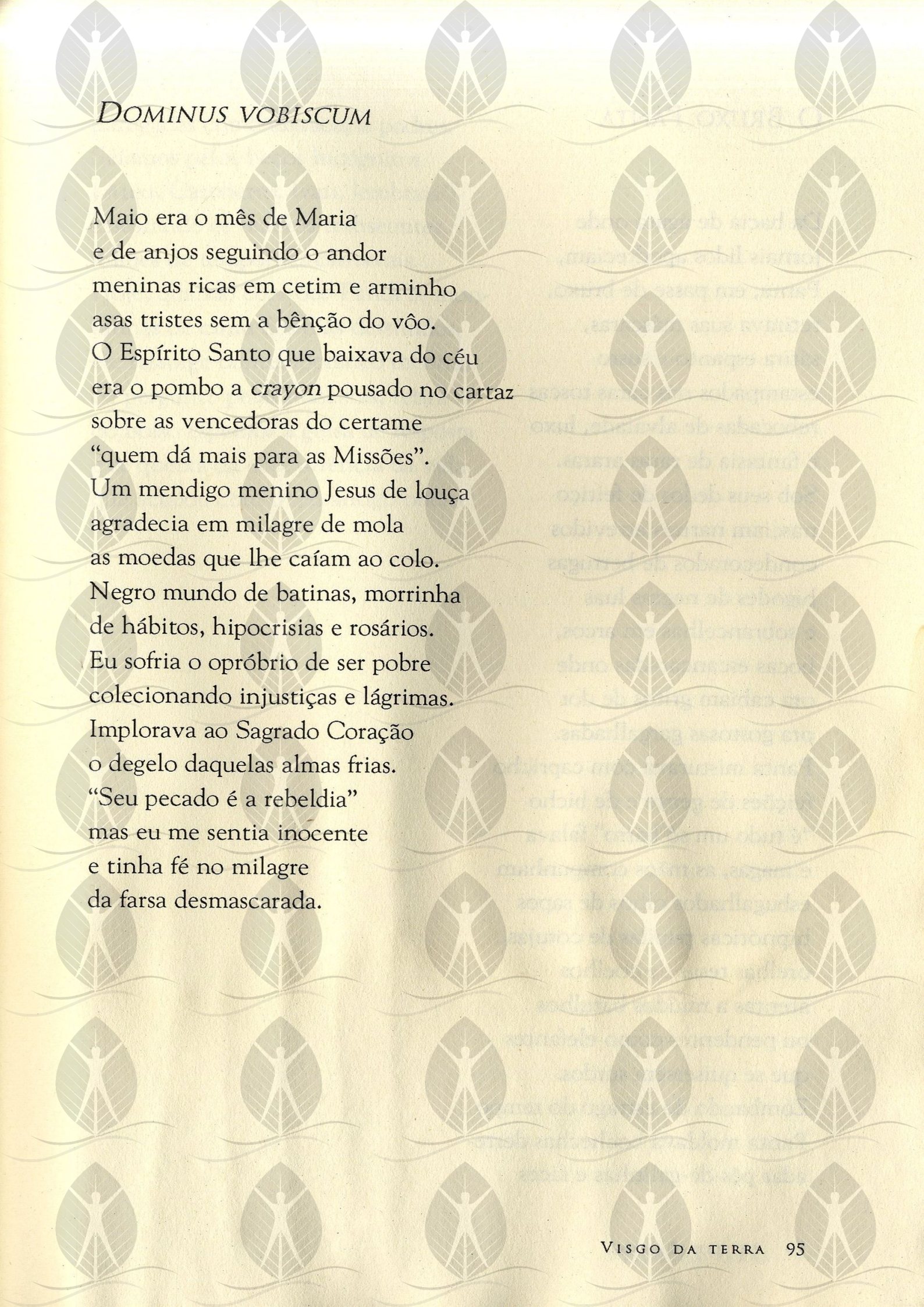
Opo peipeixepe
quepê não pãõ sapabepê napadarpar.

Opo papassaropo
quepê não pãõ sapabepê vopoarpar.

Opo papapagaipaiopo
quepê não pãõ sapabepê fapalarpar.

Opo mepenipinopo
quepê não pãõ sapabepê brinprincarpar.

Quepê verpergonponhapa
mais pais mepedonponhapa!

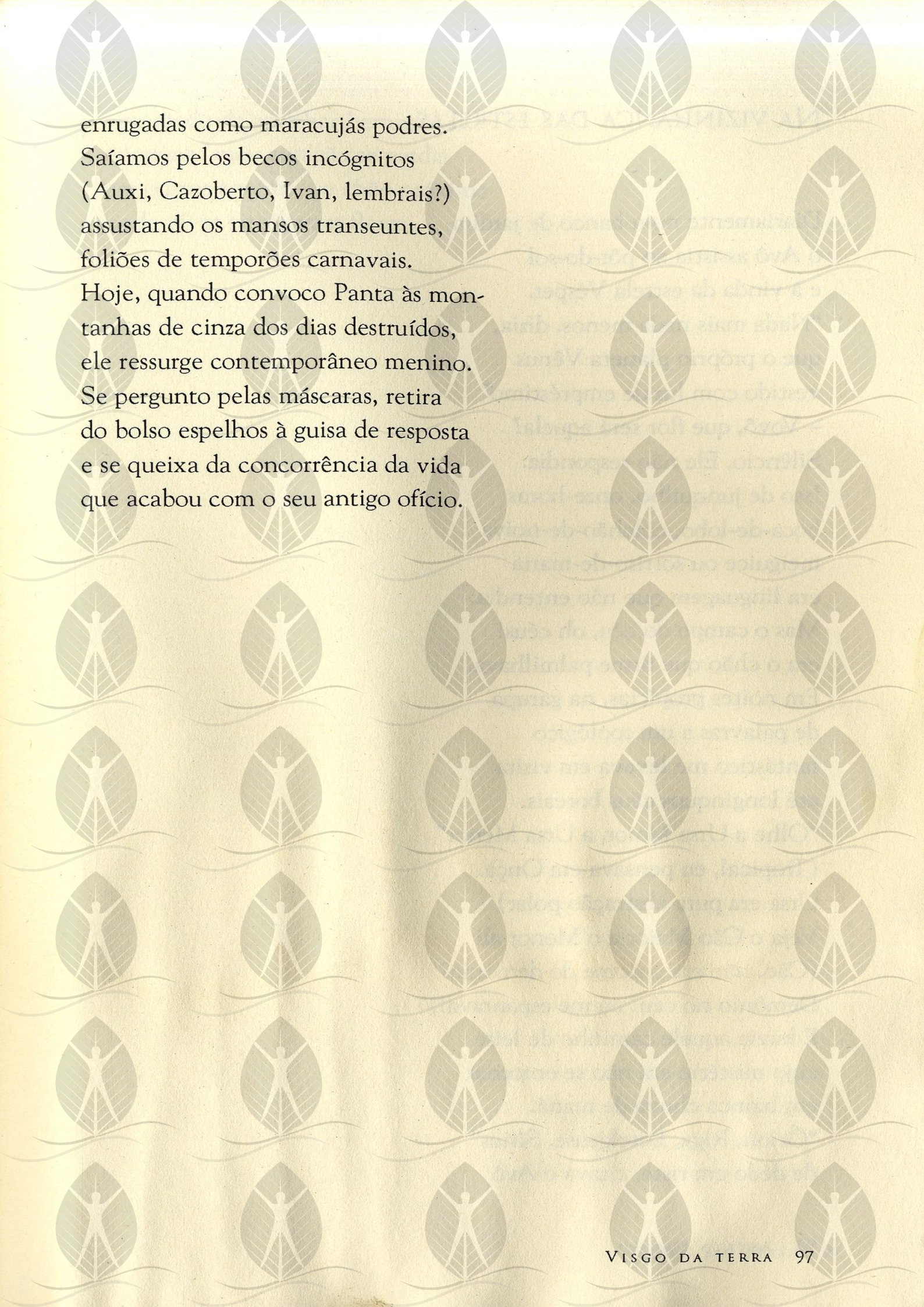


DOMINUS VOBISCUM

Maio era o mês de Maria
e de anjos seguindo o andor
meninas ricas em cetim e arminho
asas tristes sem a bênção do vôo.
O Espírito Santo que baixava do céu
era o pombo a *crayon* pousado no cartaz
sobre as vencedoras do certame
“quem dá mais para as Missões”.
Um mendigo menino Jesus de louça
agradecia em milagre de mola
as moedas que lhe caíam ao colo.
Negro mundo de batinas, morrinha
de hábitos, hipocrisias e rosários.
Eu sofria o opróbrio de ser pobre
coleccionando injustiças e lágrimas.
Implorava ao Sagrado Coração
o degelo daquelas almas frias.
“Seu pecado é a rebeldia”
mas eu me sentia inocente
e tinha fé no milagre
da farsa desmascarada.

O BRUXO PANTA

Da bacia de ágata onde
jornais lidos apodreciam,
Panta, em passe de bruxo,
retirava suas máscaras,
sátira espanto e susto
estampados nas caras toscas
rebocadas de alvaiade, luxo
e fantasia de raras araras.
Sob seus dedos de feitiço
nasciam narizes atrevidos
condecorados de berrugas
bigodes de negras luas
e sobrancelhas em arcos,
bocas escancaradas onde
ora cabiam gritos de dor
ora gostosas gargalhadas.
Panta misturava com capricho
feições de gente e de bicho
“é tudo um só barro” falava
e magas, as mãos compunham
esbugalhados olhos de sapos
hipnóticas pupilas de corujas,
orelhas tesas de coelhos
atentas a miúdos barulhos
ou pendentos como elefantes
que se quisessem surdos.
Zombando do estrago do tempo
Panta moldava bochechas derre-
adas pés-de-galinhas e faces



enrugadas como maracujás podres.

Saíamos pelos becos incógnitos
(Auxi, Cazoberto, Ivan, lembrais?)
assustando os mansos transeuntes,
foliões de temporões carnavais.

Hoje, quando convoco Panta às mon-
tanhas de cinza dos dias destruídos,
ele ressurgue contemporâneo menino.

Se pergunto pelas máscaras, retira
do bolso espelhos à guisa de resposta
e se queixa da concorrência da vida
que acabou com o seu antigo ofício.

NA VIZINHANÇA DAS ESTRELAS

Diariamente num banco de jardim
o Avô assistia ao pôr-do-sol
e à vinda da estrela Vésper.

“Nada mais nada menos, dizia,
que o próprio planeta Vênus
vestido com luz de empréstimo”

– Vovô, que flor será aquela?

Silêncio. Ele não respondia.

Isso de junquilha, onze-horas
boca-de-lobo, colchão-de-noiva
meiguice ou sorriso-de-maria

era linguagem que não entendia.

Mas o campo do céu, oh céus!
era o chão que firme palmilhava.

Em noites propícias, na garupa
de palavras a um zoológico
fantástico me levava em visita

até longínquos céus boreais.

“Olhe a Ursa Maior, a Ursa Menor”

(Tropical, eu pensava em Onça.

Ursa era pura abstração polar)

Veja o Cão Maior e o Menor ali

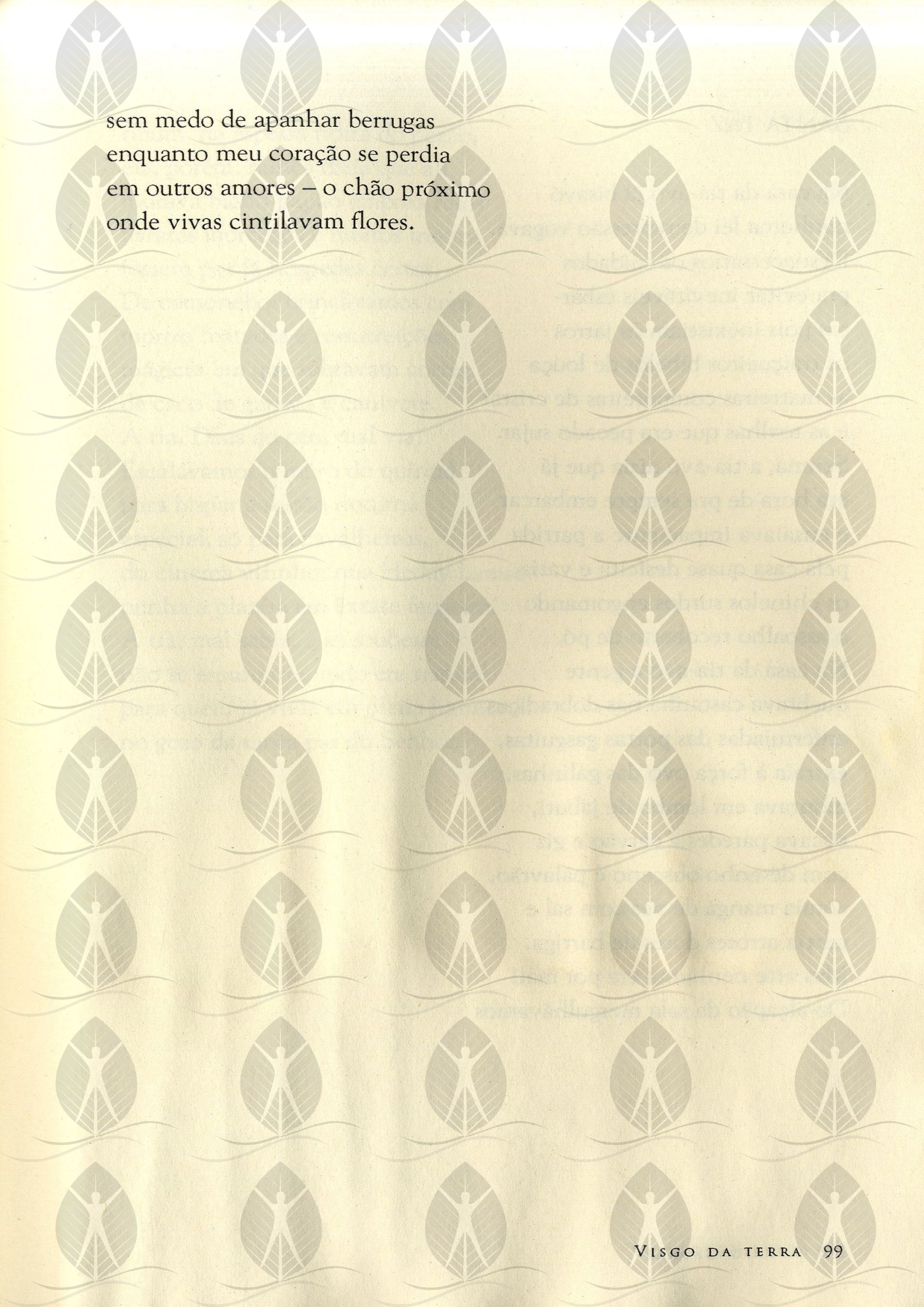
(Cão, não era o nome do demônio?

Demônio no céu? eu me espantava!)

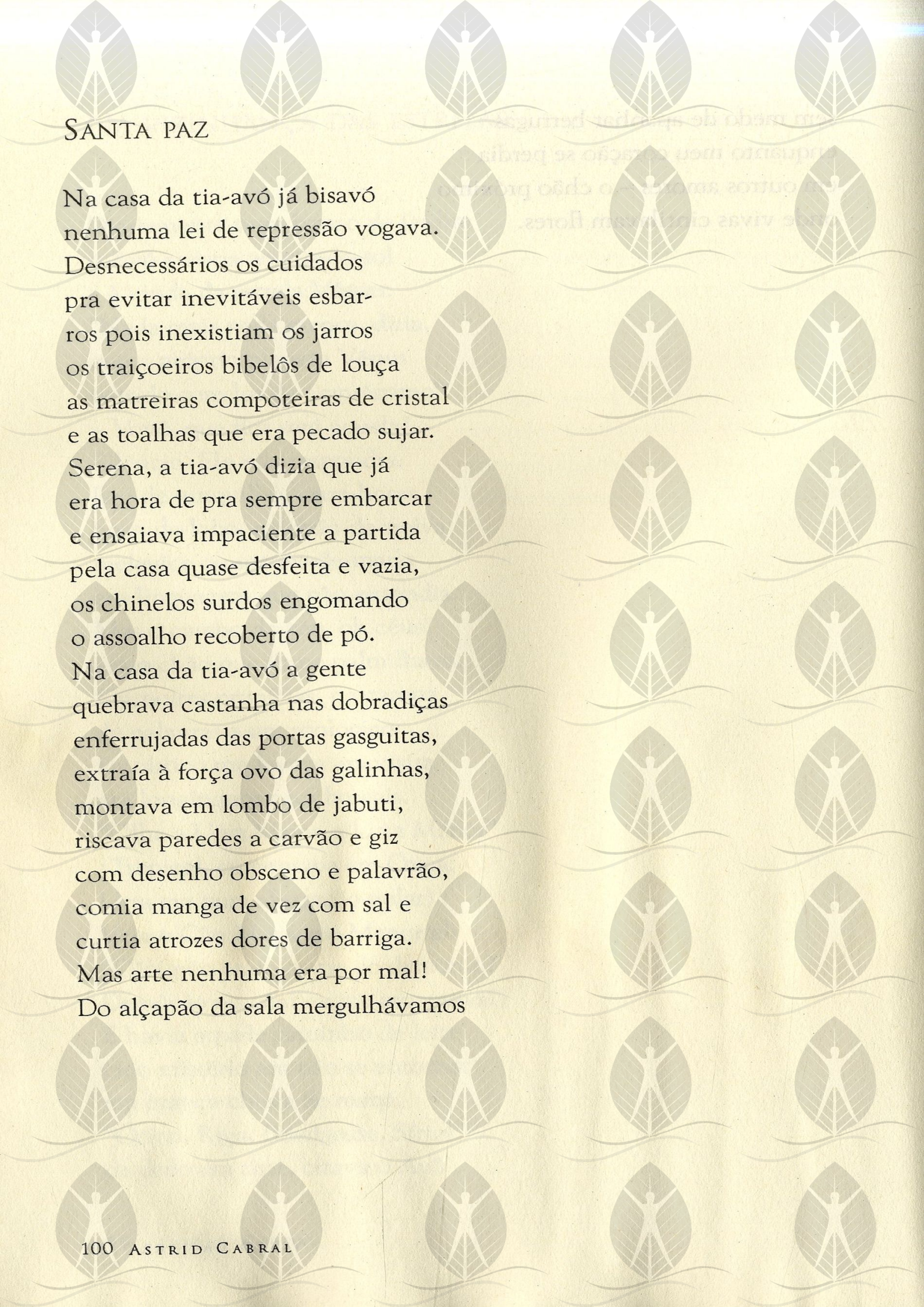
E havia aquele caminho de leite
cujo mistério era não se entornar
em branca chuva de maná.

“Órion, Riga, Betelgeuse, Sírius”

de dedo em riste, citava o Avô

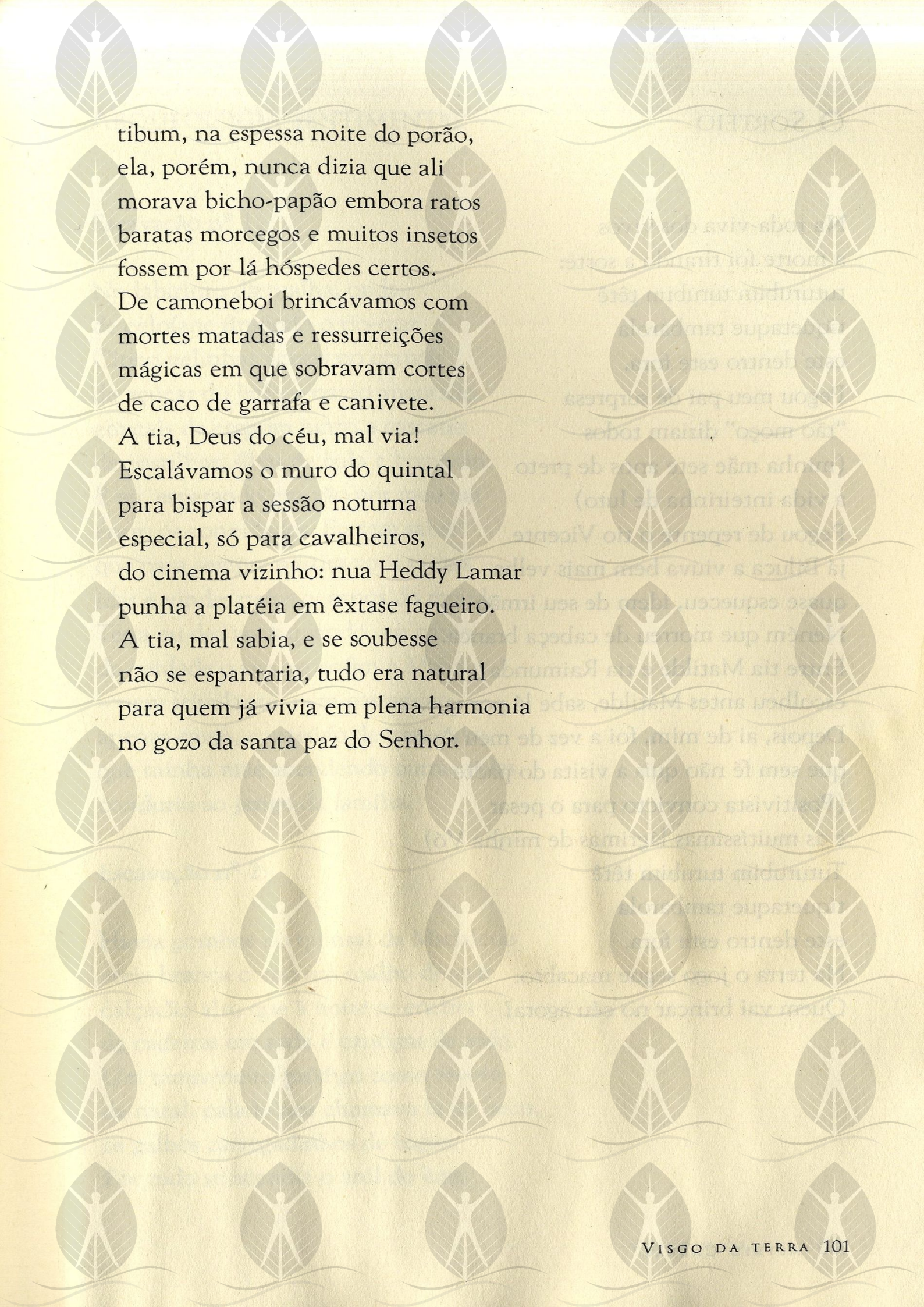


sem medo de apanhar berrugas
enquanto meu coração se perdia
em outros amores – o chão próximo
onde vivas cintilavam flores.



SANTA PAZ

Na casa da tia-avó já bisavó
nenhuma lei de repressão vogava.
Desnecessários os cuidados
pra evitar inevitáveis esbar-
ros pois inexistiam os jarros
os traiçoeiros bibelôs de louça
as matriças compoteiras de cristal
e as toalhas que era pecado sujar.
Serena, a tia-avó dizia que já
era hora de pra sempre embarcar
e ensaiava impaciente a partida
pela casa quase desfeita e vazia,
os chinelos surdos engomando
o assoalho recoberto de pó.
Na casa da tia-avó a gente
quebrava castanha nas dobradiças
enferrujadas das portas gasguitas,
extraía à força ovo das galinhas,
montava em lombo de jabuti,
riscava paredes a carvão e giz
com desenho obsceno e palavrão,
comia manga de vez com sal e
curtia atrozes dores de barriga.
Mas arte nenhuma era por mal!
Do alçapão da sala mergulhávamos



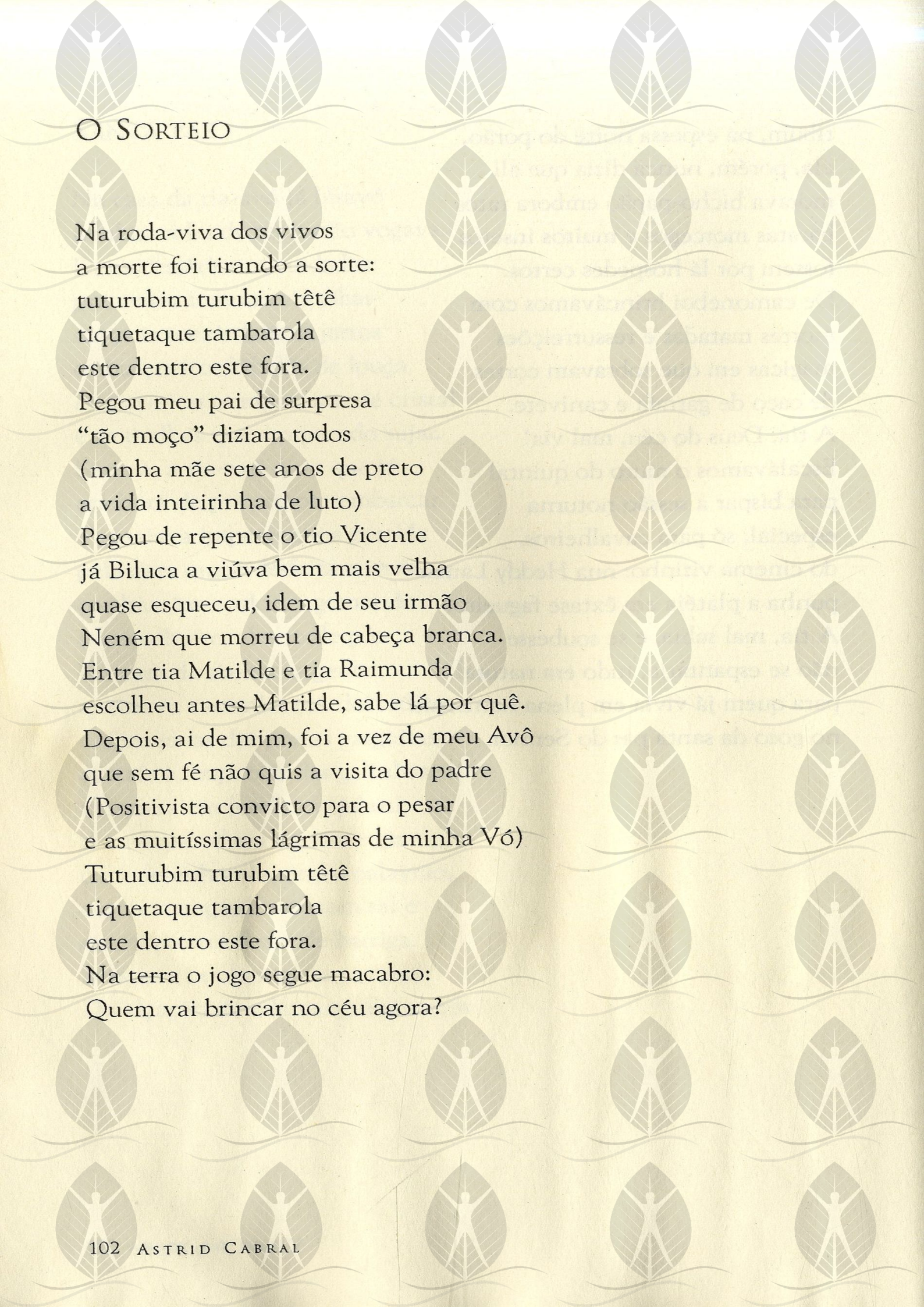
tibum, na espessa noite do porão,
ela, porém, nunca dizia que ali
morava bicho-papão embora ratos
baratas morcegos e muitos insetos
fossem por lá hóspedes certos.

De camoneboi brincávamos com
mortes matadas e ressurreições
mágicas em que sobravam cortes
de caco de garrafa e canivete.

A tia, Deus do céu, mal via!

Escalávamos o muro do quintal
para bispar a sessão noturna
especial, só para cavalheiros,
do cinema vizinho: nua Heddy Lamar
punha a platéia em êxtase fagueiro.

A tia, mal sabia, e se soubesse
não se espantaria, tudo era natural
para quem já vivia em plena harmonia
no gozo da santa paz do Senhor.



O SORTEIO

Na roda-viva dos vivos
a morte foi tirando a sorte:
tuturubim turubim têtê
tiquetaque tambarola
este dentro este fora.
Pegou meu pai de surpresa
“tão moço” diziam todos
(minha mãe sete anos de preto
a vida inteirinha de luto)
Pegou de repente o tio Vicente
já Biluca a viúva bem mais velha
quase esqueceu, idem de seu irmão
Neném que morreu de cabeça branca.
Entre tia Matilde e tia Raimunda
escolheu antes Matilde, sabe lá por quê.
Depois, ai de mim, foi a vez de meu Avô
que sem fé não quis a visita do padre
(Positivista convicto para o pesar
e as muitíssimas lágrimas de minha Vó)
Tuturubim turubim têtê
tiquetaque tambarola
este dentro este fora.
Na terra o jogo segue macabro:
Quem vai brincar no céu agora?

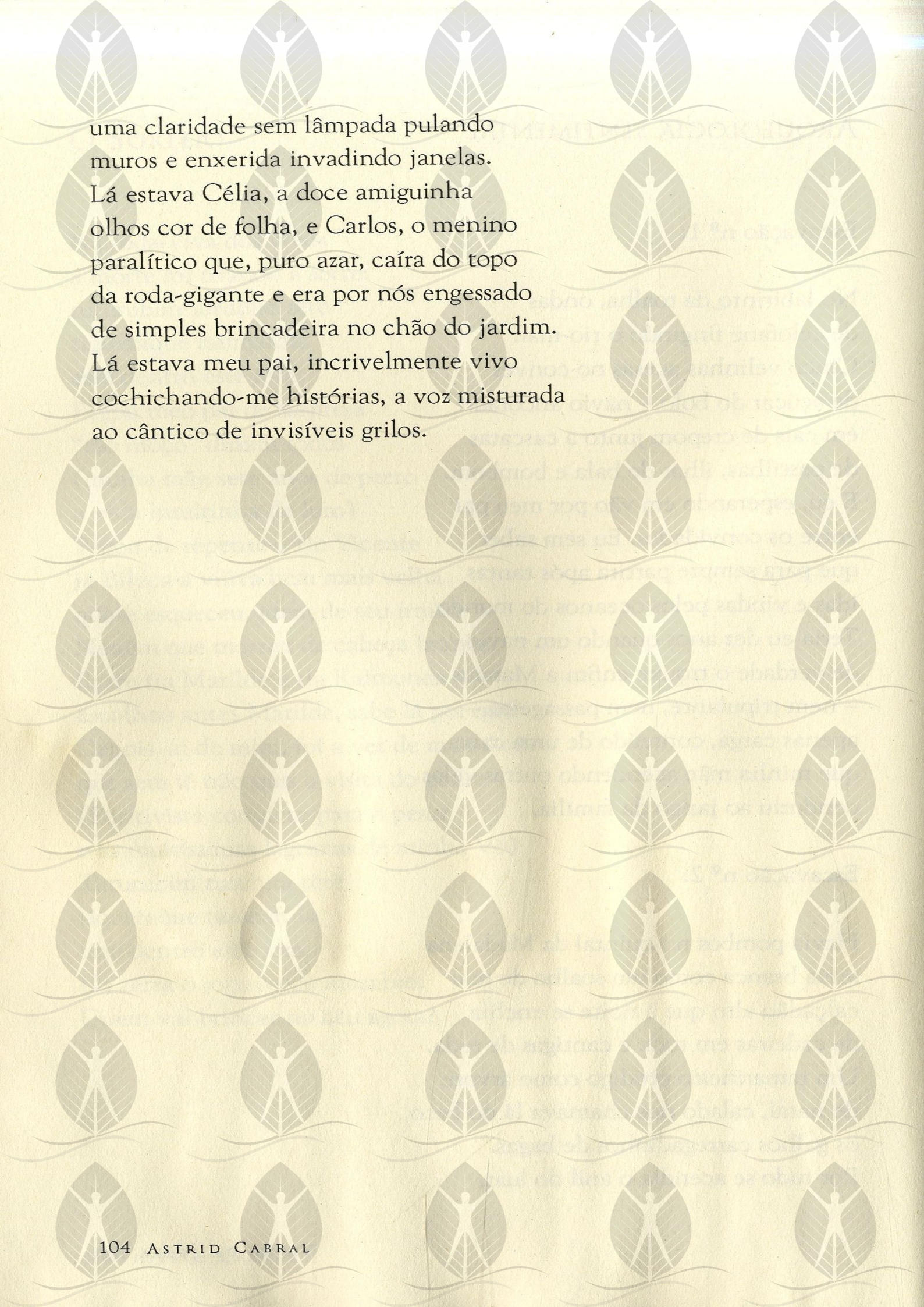
ARQUEOLOGIA SENTIMENTAL

Escavação nº 1:

No labirinto da toalha, ondas
de celofane fingindo o rio-mar.
Cinco velinhas acesas no convés
de açúcar do bolo – navio ancorado
em cais de crepom junto a cascatas
de pastilhas, ilhas de bala e bombom.
E eu, esperando em vão por meu pai
entre os convidados. Eu sem saber
que para sempre partira após tantas
idas e vindas pelos oceanos do mundo.
Teria eu dez anos quando um navio
de verdade o trouxe enfim a Manaus
– nem tripulante, nem passageiro –
apenas carga, conteúdo de uma caixa
que minha mãe acendendo outras velas
conduziu ao jazigo da família.

Escavação nº 2:

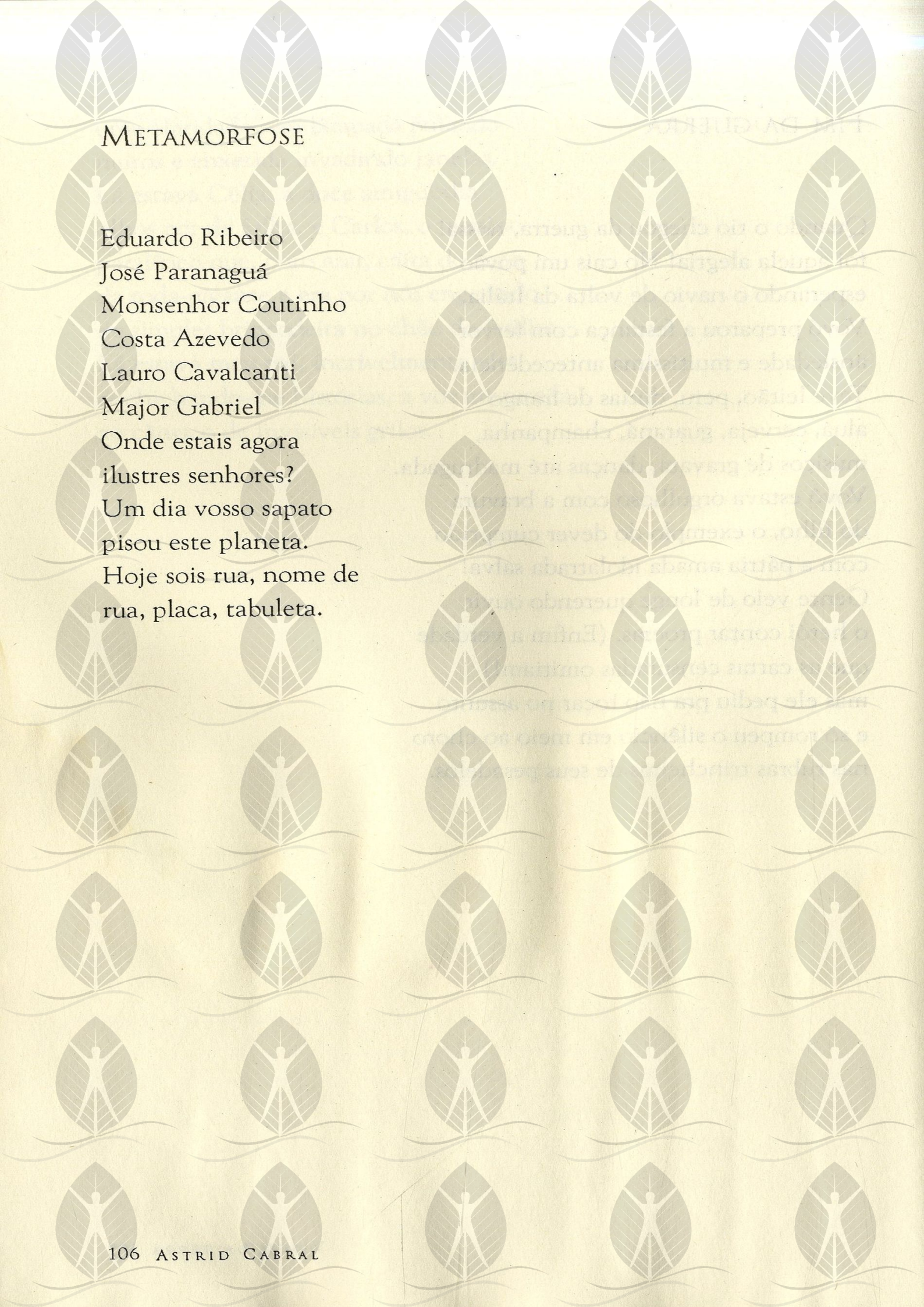
Havia pombos no quintal da Madalena
areia branca como um soalho de mar
calçadão alto que à noite se enchia
de cadeiras em roda e cantigas de roda.
Um tamarineiro pródigo como árvore
de natal, calado nos chamava lá do beco,
os galhos carregadinhos de bagas.
Por tudo se acendia o anil do luar,



uma claridade sem lâmpada pulando
muros e enxerida invadindo janelas.
Lá estava Célia, a doce amiguinha
olhos cor de folha, e Carlos, o menino
paralítico que, puro azar, caíra do topo
da roda-gigante e era por nós engessado
de simples brincadeira no chão do jardim.
Lá estava meu pai, incrivelmente vivo
cochichando-me histórias, a voz misturada
ao cântico de invisíveis grilos.

FIM DA GUERRA

Quando o tio chegou da guerra, nossa!
foi aquela alegria! No cais um povão
esperando o navio de volta da Itália.
Vovó preparou a festança com fervor
ansiedade e muitíssima antecedência.
Teve leitão, peru, dúzias de frango
aluá, cerveja, guaraná, champanha,
músicos de gravata, danças até madrugada.
Vovô estava orgulhoso com a bravura
do filho, o exemplo do dever cumprido
com a pátria amada idolatrada salva!
Gente veio de longe querendo ouvir
o herói contar proezas. (Enfim a verdade
que as cartas censuradas omitiam!)
mas ele pediu pra não tocar no assunto
e só rompeu o silêncio em meio ao choro
nas rubras trincheiras de seus pesadelos.



METAMORFOSE

Eduardo Ribeiro

José Paranaguá

Monsenhor Coutinho

Costa Azevedo

Lauro Cavalcanti

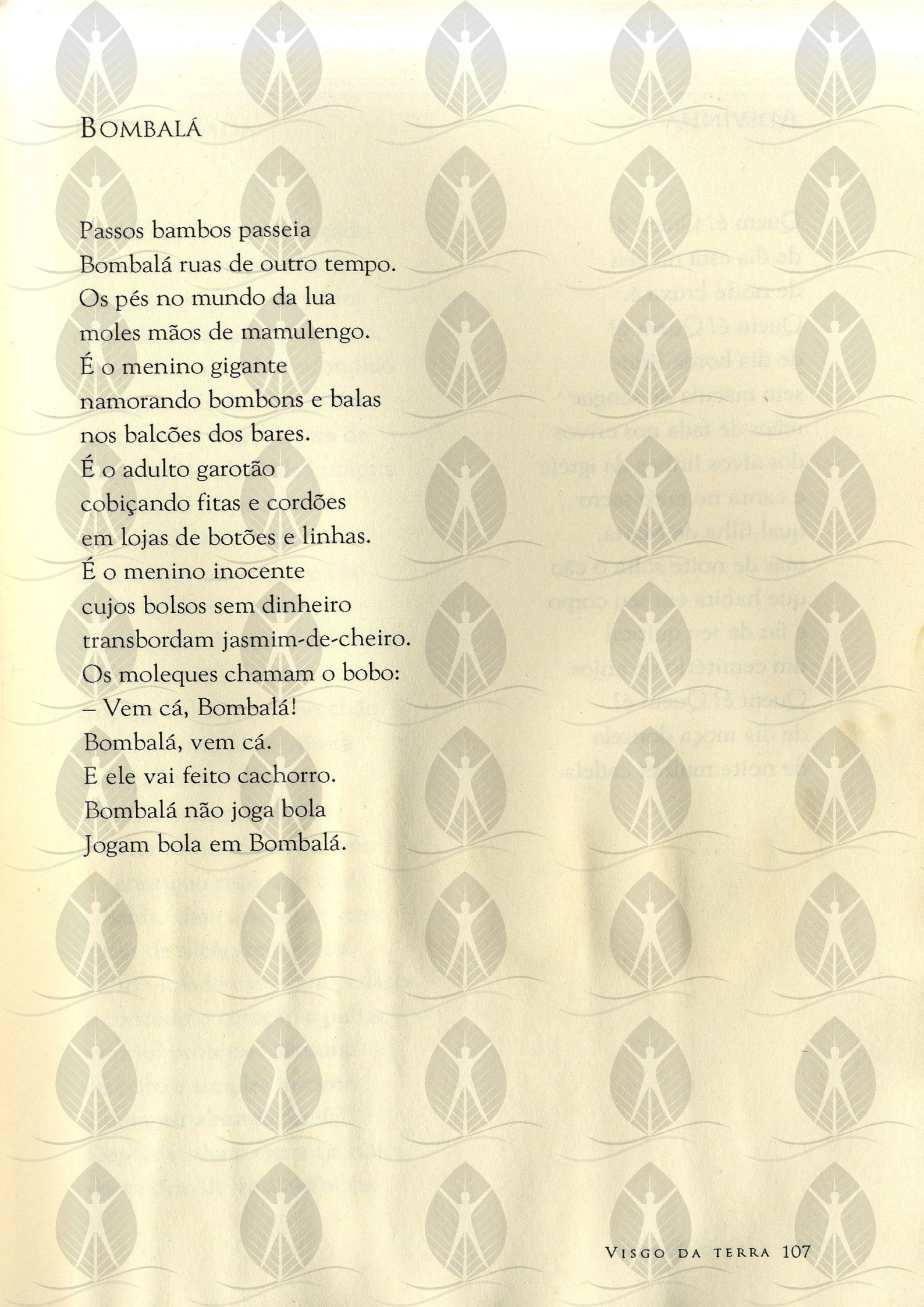
Major Gabriel

Onde estais agora

ilustres senhores?

Um dia vosso sapato
pisou este planeta.

Hoje sois rua, nome de
rua, placa, tabuleta.



BOMBALÁ

Passos bambos passeia
Bombalá ruas de outro tempo.

Os pés no mundo da lua
moles mãos de mamulengo.

É o menino gigante
namorando bombons e balas
nos balcões dos bares.

É o adulto garotão
cobiçando fitas e cordões
em lojas de botões e linhas.

É o menino inocente
cujos bolsos sem dinheiro
transbordam jasmim-de-cheiro.

Os moleques chamam o bobo:

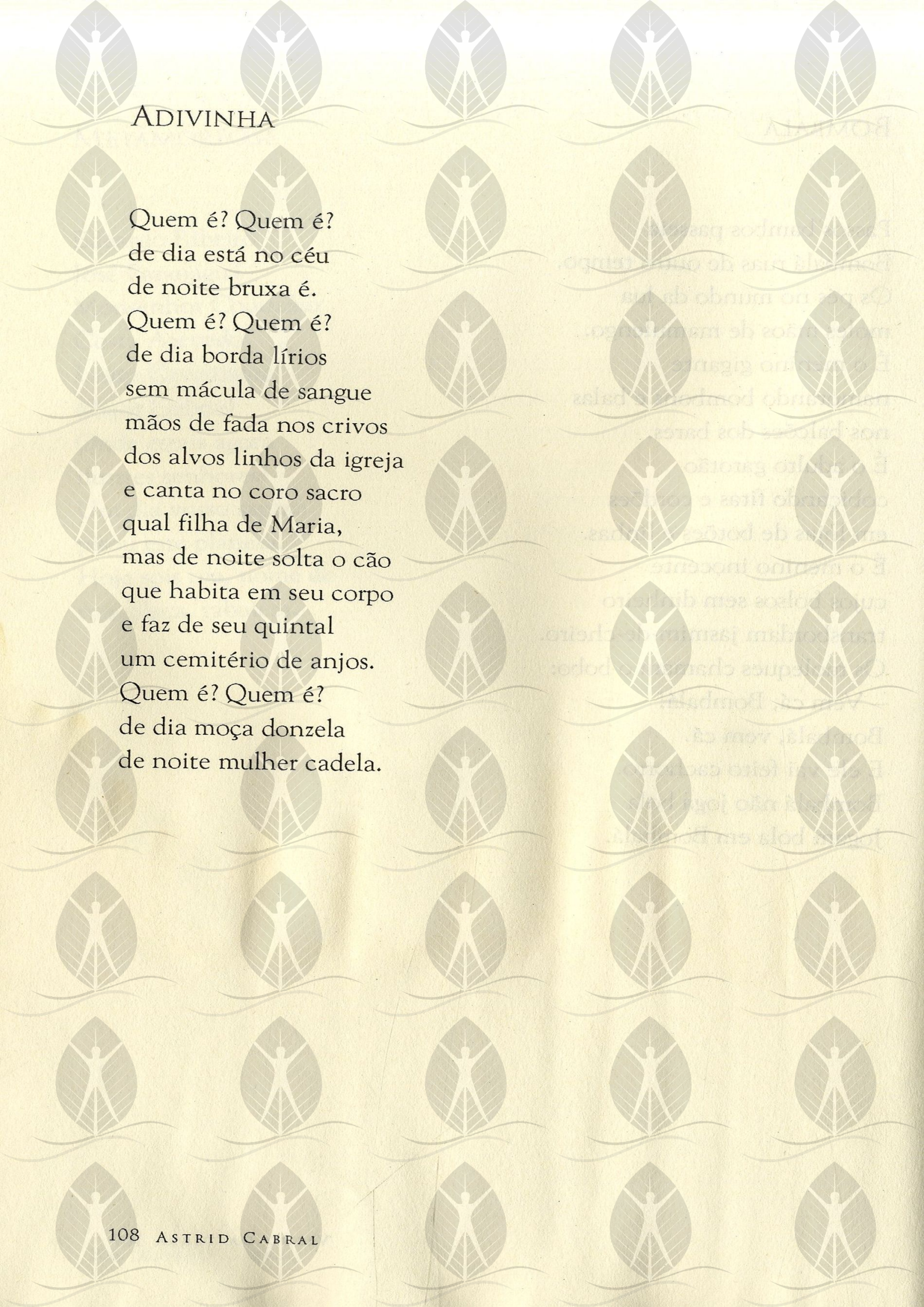
– Vem cá, Bombalá!

Bombalá, vem cá.

E ele vai feito cachorro.

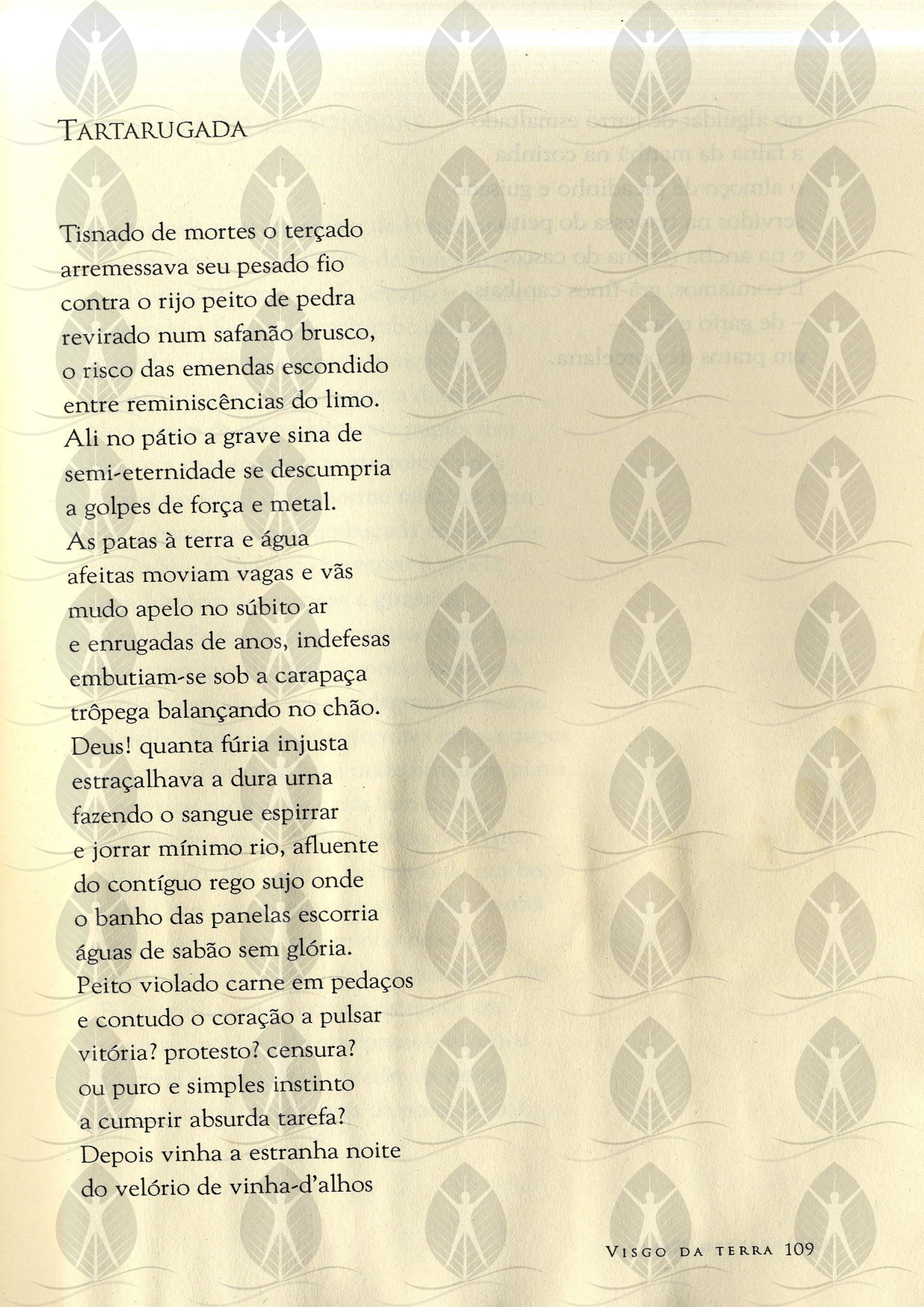
Bombalá não joga bola

Jogam bola em Bombalá.



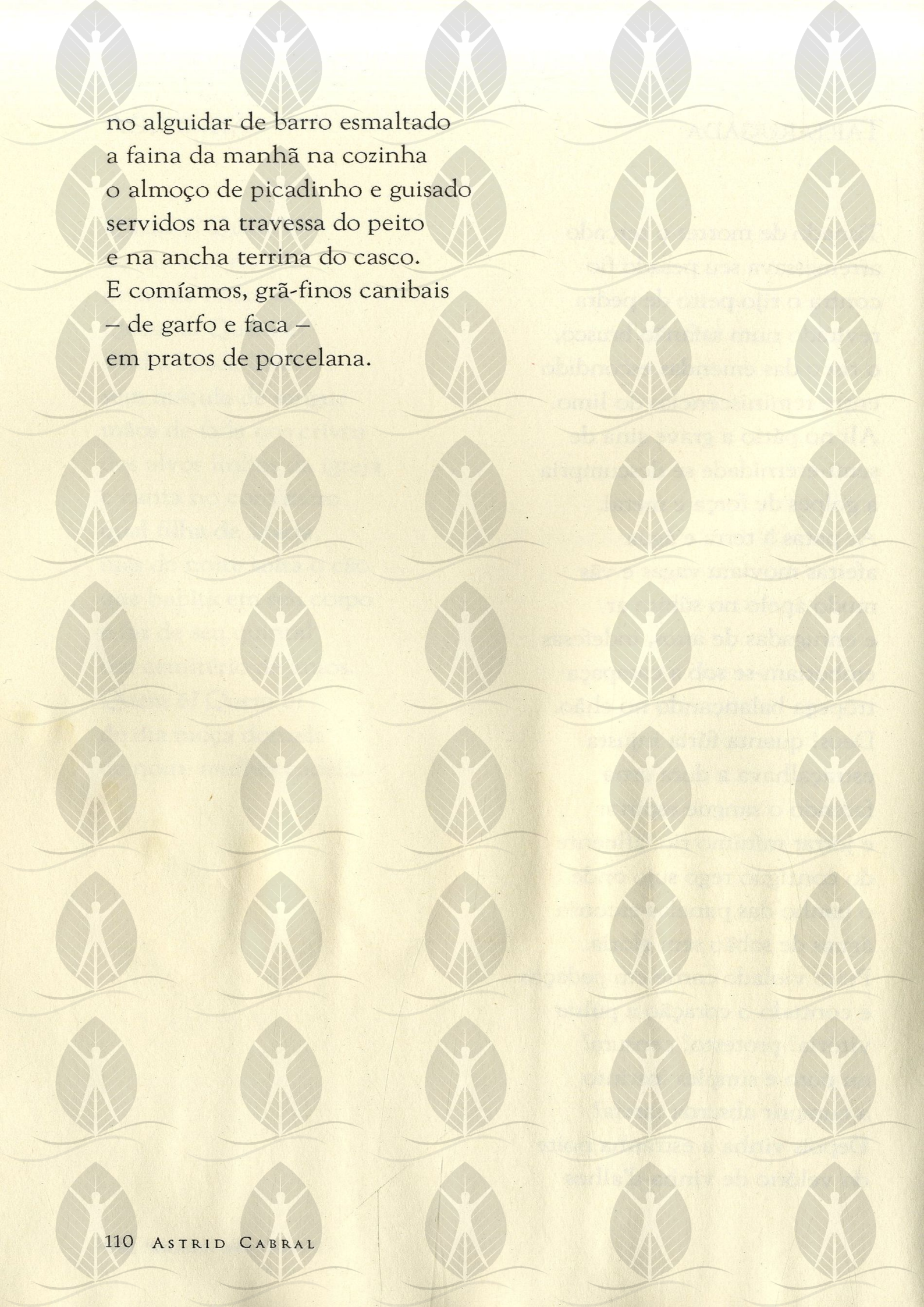
ADIVINHA

Quem é? Quem é?
de dia está no céu
de noite bruxa é.
Quem é? Quem é?
de dia borda lírios
sem mácula de sangue
mãos de fada nos crivos
dos alvos linhos da igreja
e canta no coro sacro
qual filha de Maria,
mas de noite solta o cão
que habita em seu corpo
e faz de seu quintal
um cemitério de anjos.
Quem é? Quem é?
de dia moça donzela
de noite mulher cadela.



TARTARUGADA

Tisnado de mortes o terçado
arremessava seu pesado fio
contra o rijo peito de pedra
revirado num safanão brusco,
o risco das emendas escondido
entre reminiscências do limo.
Ali no pátio a grave sina de
semi-eternidade se descumpria
a golpes de força e metal.
As patas à terra e água
afeitas moviam vagas e vãs
mudo apelo no súbito ar
e enrugadas de anos, indefesas
embutiam-se sob a carapaça
trôpega balançando no chão.
Deus! quanta fúria injusta
estraçalhava a dura urna
fazendo o sangue espirrar
e jorrar mínimo rio, afluente
do contíguo rego sujo onde
o banho das panelas escorria
águas de sabão sem glória.
Peito violado carne em pedaços
e contudo o coração a pulsar
vitória? protesto? censura?
ou puro e simples instinto
a cumprir absurda tarefa?
Depois vinha a estranha noite
do velório de vinha-d'alhos



no alguidar de barro esmaltado
a faina da manhã na cozinha
o almoço de picadinho e guisado
servidos na travessa do peito
e na ancha terrina do casco.
E comíamos, grã-finos canibais
— de garfo e faca —
em pratos de porcelana.

MASCARADO DE SOMBRAS

Era quando o velho Bufeu de Fufurunfeu casado com a velha Buféia de Fufurunféia ainda vivia numa casa de sopapo e fumaça fungando e fumando cachimbo de barro fedendo a sarro e cachaça, xingando criança sapeca que não queria dormir.

No buraco da fechadura uma pupila fixa luzia e a maçaneta da porta torcia atrás de sua invisível mas enorme mão. Lá vem ele, a gente pensava embuçada em lençóis ouvindo a folhagem conversar à janela uma história de avencas e girassóis.

O velho Bufeu roubava menino num saco de estopa que de tão comprido arrastava como roupa de noiva em degraus de igreja.

O velho Bufeu também juntava ratos e sapos no mesmo saco de breu onde ninguém piava e por ruas mortas de casas sem portas se mandava mancando, vestido de vento mascarado de sombras, no rumo de um beco.

Meu Deus que alívio ressuscitar de manhã cedo, dar de cara no espelho de chuva armazenada na tina, lembrar que se o velho Bufeu tinha pacto com morcegos e era parente próximo de mariposas e mochos só vivia entre as sete paredes da noite e preso dava coices atrás da porta do sol.

SABOARANAS

Eram belos os móveis de saboarana ali na sala de jantar da Avó.

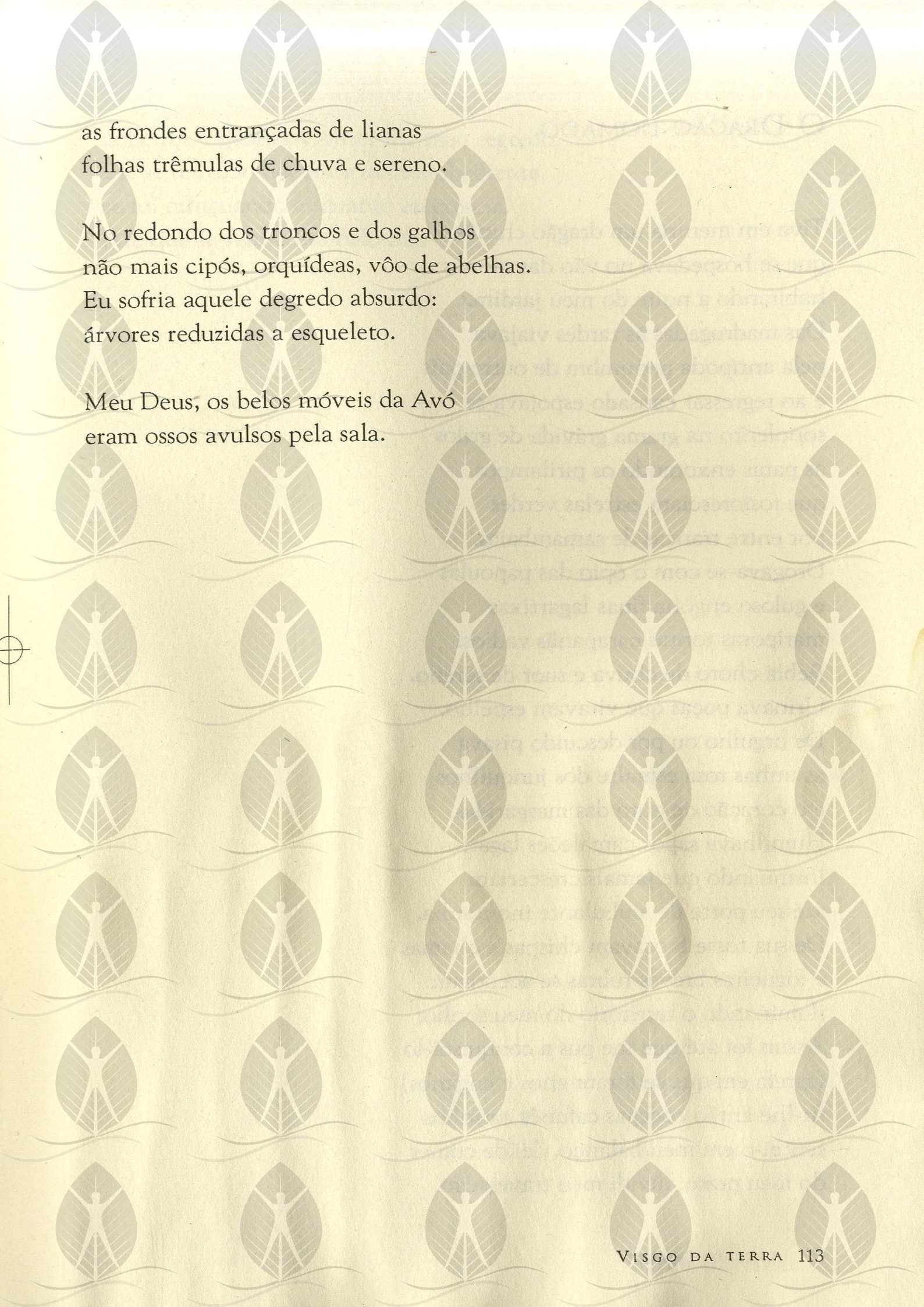
A mesa, ao centro, oculta pelas rendas e acólitas cadeiras ao redor, parecia um altar com oferendas de chás, merendas, refeições, bandejas. Minha Avó oficiando pelas festas...

A cristaleira, pequeno edifício de transparência e madeira, hospedava lindas louças, tigelas, terrinas, taças, a licoreira girafa junto a *ladies wedgwood* nos camafeus das chávenas.

Tinha também o *buffet* ou *étagère*, tampo mármore e espelho *biseauté* reduplicando a fruteira Limoges salvas e a jarra de prata lavrada.

Tudo sustentado pela saboarana. Nada porém suplantava em beleza a onça-pintada viva nas entranhas do corpo cor de aurora da madeira agora esquartejado em tantas toras.

Eu cavalgava nelas e regressava à floresta buscando as saboaranas o lenho ainda íntegro sob as cascas



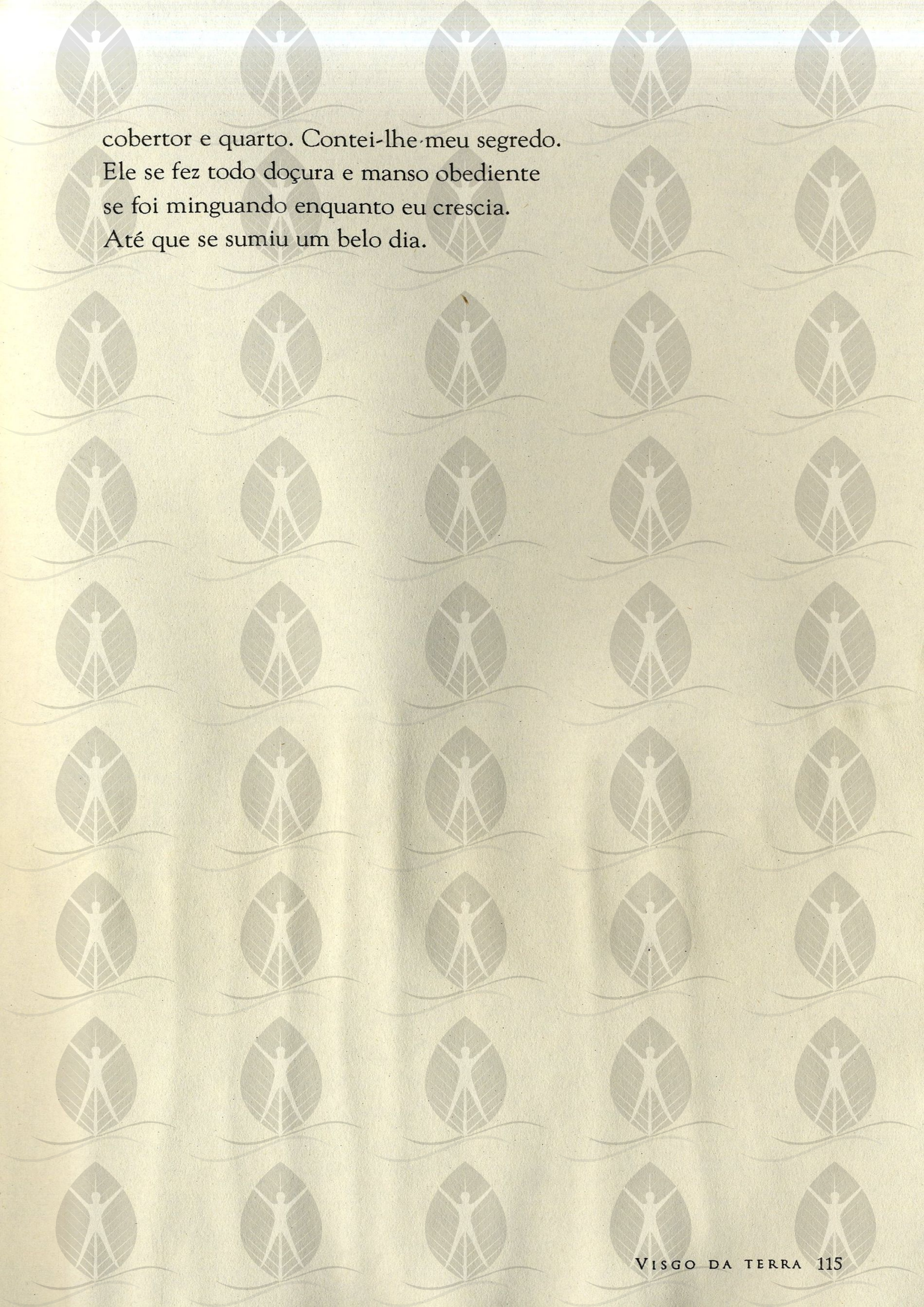
as frondes entrançadas de lianas
folhas trêmulas de chuva e sereno.

No redondo dos troncos e dos galhos
não mais cipós, orquídeas, vôo de abelhas.
Eu sofria aquele degredo absurdo:
árvores reduzidas a esqueleto.

Meu Deus, os belos móveis da Avó
eram ossos avulsos pela sala.

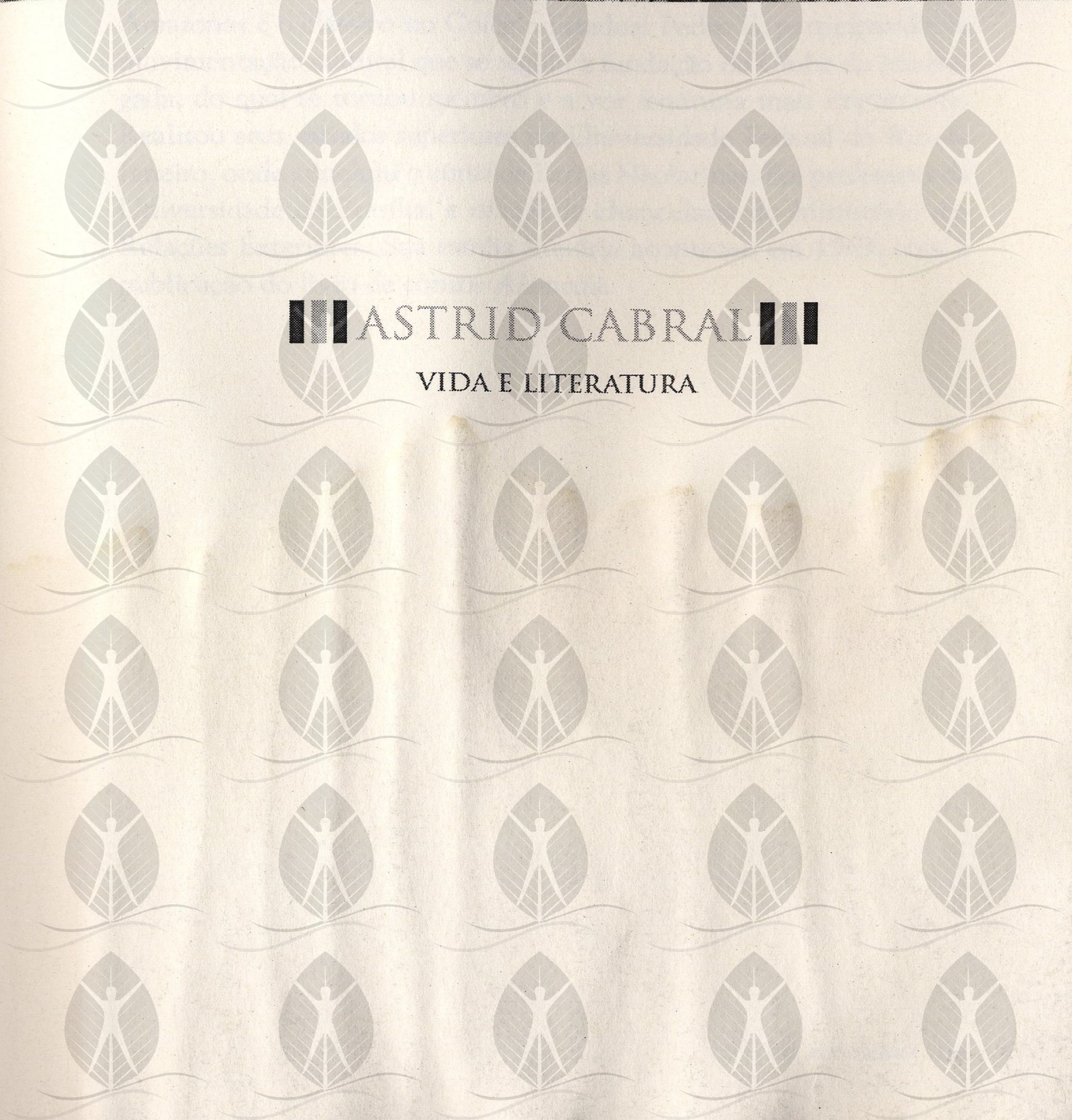
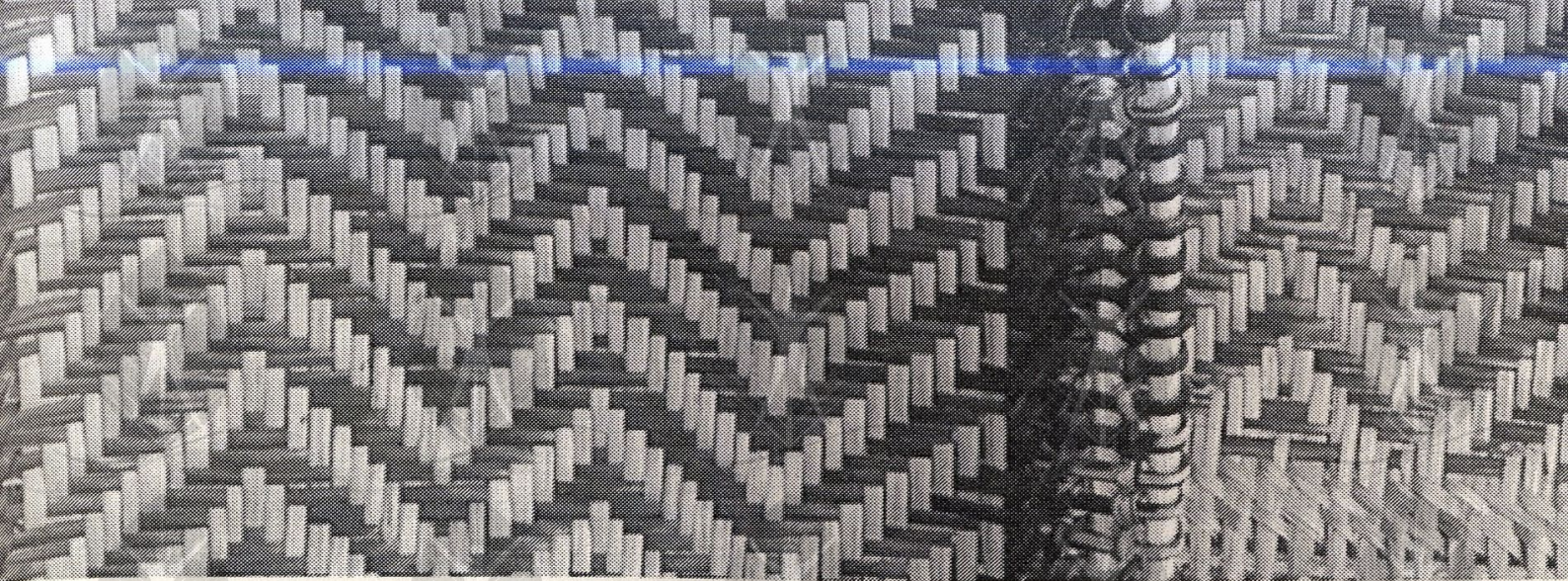
O DRAGÃO DOMADO

Tive em menina um dragão chinês
que se hospedava no vão das moitas
habitando a noite do meu jardim.
Das madrugadas às tardes viajava
pela antípoda penumbra de outro país
e ao regressar cansado espojava-se
sonolento na grama grávida de grilos
as patas enxotando os pirilampos
que fosforesciam estrelas verdes
por entre tranças de samambaias.
Drogava-se com o ópio das papoulas
e guloso engolia finas lagartixas
mariposas tontas carapanãs vadios.
Bebia choro de chuva e suor de sereno.
Urinava poças que viravam espelho.
De orgulho ou por descuido pisava
as unhas rosa esmalte dos junquinhos
e o coração de ouro das margaridas.
Humilhava sapos camaleões lagartos
insinuando que jamais cresceriam
até seu porte de ambulante montanha.
De sua tosse brotavam chispas e chamas
e fogueiras breves rubras se acendiam
iluminando o território do meu sonho.
Assim foi até que me pus a conquistá-lo
(tarefa em que se foram anos e enganos)
fiz-lhe então cócegas carinhos
sentei-o em meu balanço, dei de comer
do meu prato, dividi meu travesseiro



cobertor e quarto. Contei-lhe meu segredo.
Ele se fez todo doçura e manso obediente
se foi minguando enquanto eu crescia.
Até que se sumiu um belo dia.





||| ASTRID CABRAL |||

VIDA E LITERATURA



VIDA

Astrid Cabral, poetisa e contista, nasceu em Manaus, no dia 25 de setembro de 1936. Fez o curso ginásial no Instituto de Educação do Amazonas e o clássico no Colégio Estadual Pedro II, participando da movimentação cultural que se seguiu à fundação do Clube da Madrugada, do qual se tornou membro e a voz feminina mais importante. Realizou seus estudos superiores na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de Letras Neolatinas. Foi professora da Universidade de Brasília, e oficial de chancelaria do Ministério das Relações Exteriores. Sua estréia literária aconteceu em 1963, com a publicação do livro de contos *Alameda*.

OBRA

“A obra de Astrid Cabral instaura, no contexto da poesia madrugada, uma dicção poética mais intimista, reveladora de uma forte sensibilidade feminina. Mais que isso, sua obra é a revelação de uma nova percepção sobre a realidade local, um novo olhar sobre o tempo e o cotidiano, numa tentativa de recuperação do passado. É perceptível no discurso poético de Astrid uma tênue atmosfera de solidão a permear-lhe os textos. Não se escapa impunemente de suas evocações, espelho em que se reflete nossa tragédia existencial, nossos olhos cansados pelo tempo. Sua poesia é polifônica, preenche de ressonâncias metafísicas.”

Poesia:

Ponto de cruz, 1979;
Torna-viagem, 1981;
Lição de Alice, 1986;
Visgo da terra, 1986;
Rês desgarrada, 1994;
De déu em déu (reunião de sua obra), 1998;
Intramuros, 1998;
Rasos d'água, 2003.

Conto:

Alameda, 1963.

História infantil:

Zé pirulito, 1882.

APRESENTAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Submetida, ao longo do século, a um processo de pesquisas e transformações de que só tem resultado a incessante ampliação de seus horizontes, segue a poesia brasileira ensejando sempre novas soluções e patamares sempre mais altos aos nossos poetas.

Trata-se, evidentemente, de processo universal, dinâmico, contínuo, sem detença possível, até porque mesmo as cristalizações trazem inevitavelmente em seu bojo a fermentação de nosso processo revolucionário, o qual, por seu turno, uma vez encerrado o seu ciclo, se cristalizará também, determinando nova revolução, até a consumação dos séculos ou até que a poesia tenha assumido outras formas de expressão que, por exemplo, suprimam a palavra, sem possibilidade de retorno, como algo completamente superado...

Entrementes, e enquanto não atingimos aquela fronteira, cada poeta terá, mesmo, é de travar a sua luta com a palavra, como condição inafastável para o exercício de um ofício que a cada passo lhe exigirá maior largueza de vistas e mais apurada instrumentação, para o domínio pleno do seu substrato. Maior especialização. E maior dignidade.

Ninguém é poeta impunemente. Nem só porque o queira. Há que pagar sempre um preço muito alto. E há que juntar à vocação e à determinação o aprendizado eficaz e a competência – da mesma forma que o virtuose há que aplicar-se ao seu instrumento e dominar plenamente a técnica de sua arte.

Quero dizer que é dessa competência profissional que se fazem o saber e o fazer poético de Astrid Cabral.

Sua bela obra, que já se estende por meia dúzia de livros de poemas (aí incluídas as suas ficções do mundo vegetal, de *Alameda*,

da melhor qualidade), atesta, com efeito, a presença de uma poderosa força criadora que se exerce, com total domínio, sobre a palavra, emprestando-lhe à linguagem aquela ressonância, a um tempo próximo e distante, aparentemente estranha e aparentemente familiar, das coisas eternas.

Vem Astrid Cabral, até este *Visgo da terra*, de uma rica, paciente e longa experiência poética que passa por livros como *Ponto de cruz*, *Torna-viagem* e *Lição de Alice*, todos eles reveladores de uma individualidade de grande poeta e de uma notável criatividade artística.

Visgo da terra, obra em que Astrid celebra a memória dos seres e das coisas que povoaram a paisagem do que fora a Manaus de sua adolescência, é, entre os seus livros, exatamente, aquele em que melhor poderemos observar uma das faces mais constantes de sua poesia – a das evocações – e, aí, vê-la, como exímia inventora de tesouros, a explorar os preciosos filões dos sentimentos e a trazer de seus subsolos as gemas mais belas, para maior glória de sua cidade.

No pórtico deste livro Astrid Cabral nos entrega a chave:

*Futuro em lua minguante,
minero as luas cheias
do outrora.*

E nos leva a passear pela solidão dos grandes sentimentos que povoam suas páginas, guiados pelo prestígio de uma linguagem viva, quente, densamente poética, cheia de surpresas e encantamento.

Alencar e Silva

COLEÇÃO
RESGATE

BARRO VERDE

Elson Farias

VARANDA DE PÁSSAROS

Jorge Tufic

VISGO DA TERRA

Astrid Cabral

O TOCADOR DE CHARAMELA

Erasmio Linhares

FRAUTA DE BARRO

Luiz Bacellar

AZUL GERAL

Ernesto Penafort

LUNAMARGA

Alencar e Silva

VITRAIS DA BUSCA

Max Carpentier

SOMBRA E ASFALTO

Antísthenes Pinto

ANTOLOGIA DO NOVO CONTO AMAZONENSE

Arthur Engrácio (Org.)

HISTÓRIAS DE SUBMUNDO

Arthur Engrácio

MUNDO MUNDO VASTO MUNDO

Carlos Gomes



GRAFISA

GRAFISA GRÁFICA E EDITORA LTDA.

Impressão e Acabamento:

Rua Pará, 630 - N. Sr^ª. das Graças - CEP: 69053-001 - Manaus - Amazonas

Fones: (0xx92) 2101-1200 - FAX: (0xx92) 2101-1213

E-mail: grafisa@vivax.com.br

Como a retornar de um reino
de sombras, saí do rio
peixe interino enrolada
de limo e escamas d'água.
Mais que a pele, mais que os pêlos
a alma de medo molhada!
O mergulho na corrente
foi-me foice, faca, fio
líquida navalha rente
ao pescoço, pulso fugidio.

Sobrou-me o sombrio segredo
selo da morte na carne.
Oh garra gume de gelo!



ISBN 85-7512-167-7



9 798575 121671



UniNorte
Centro Universitário do Norte





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA